

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E
LITERATURA**

**DISCURSO *SOBRE DA/NA* CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO ESPAÇO
ENTRE ATENTADOS E MASSACRES**

PAULA MARYÁ FERNANDES

**Guarapuava
2017**

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

F363d Fernandes, Paula Maryá
Discurso *sobre* da/na construção de sentidos no espaço entre atentados e massacres / Paula Maryá Fernandes.– Guarapuava: Unicentro, 2017.
xiii, 125 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras; área de concentração: Interfaces entre Língua e Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cleci Venturini;

Banca examinadora: Profa. Dra. Cristiane Dias, Prof. Dr. Loremi Loregian Penkal.

Bibliografia

1. Discurso *Sobre*. 2. Memória. 3. Ideologia. 4. Imaginário. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 401.4192

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: MESTRADO**

**DISCURSO *SOBRE DA/NA* CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO ESPAÇO
ENTRE ATENTADOS E MASSACRES**

Dissertação apresentada por PAULA MARYÁ FERNANDES ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora Prof. Dr MARIA CLECI VENTURINI

Guarapuava
2017

PAULA MARYÁ FERNANDES

**DISCURSO SOBRE DA/NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO ESPAÇO
ENTRE ATENTADOS E MASSACRES**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maria Cleci Venturini – UNICENTRO

Prof. Dr. Cristiane Dias – UNICAMP

Prof. Dr. Loremi Loregian Penkal – UNICENTRO

Guarapuava, janeiro de 2017

AGRADECIMENTOS

Todos que se dispõem a cursar um mestrado possuem o sonho que todas as variáveis investidas no processo venham com a recompensa final de uma titulação. Por esse papel, legitimamente somos quem nos dispusemos ser. Porém, só somos porque neste caminho, outros foram inspiração e paciência para nos ensinar. Por isso, cabe aqui o meu singelo agradecimento a tanta contribuição.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me permitido realizar este trabalho de acordo com as qualidades as quais fui gentilmente abençoada.

À professora Maria Cleci Venturini, que desde meu primeiro ano de faculdade aceitou ser minha orientadora em Iniciação Científica e mais tarde orientadora do mestrado, sempre me incentivando a cada novo trabalho. Meu mais sincero agradecimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Unicentro, que forneceu todo o aporte necessário para a minha titulação de mestre.

A minha ilustre banca de qualificação e de defesa pelos importantes apontamentos em meu trabalho. Vocês foram essenciais. Meu muito obrigada às professoras Dra. Cristiane Dias e Dra. Loremi Loregian-Penkal.

A minha mãe que me ensinou o que é determinação, ao meu pai que me ensinou o que é persistência, aos meus irmãos que me ensinaram o que é amar em silêncio e à minha avó que me ensinou o que é cuidado.

Aos que me motivaram, torceram por mim, ofereceram auxílio ou até mesmo um ombro e um par de ouvidos.

Essa conquista é um pouquinho de cada um de vocês.

DEDICATÓRIA

A tudo que virá.

Mas céus! Por que teriam as pessoas de morrer pela sua religião?

Se existe algo de pessoal, esse algo corresponde à religião.

Se tem algo que realmente não diz respeito às demais pessoas

é a sua maneira de rezar, ou seu modo de pensar em Deus

e na própria alma.

Henry Steele Commager

FERNANDES, Paula M. **Discurso sobre da/na construção de sentidos no espaço entre atentados e massacres**. Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Guarapuava, 2017. Dissertação de Mestrado.

RESUMO

O objeto de pesquisa desta dissertação é o discurso *sobre da/na* construção de sentidos que circundam os atentados e massacres protagonizados pelo grupo extremista Estado Islâmico na Europa. Entendemos que este grupo do Oriente Médio se contrapõe à ideologia Ocidental e, por isso, realiza seus atos nesta região. Portanto, a questão que se buscou responder foi: como no discurso *sobre* atentados e massacres a mídia constrói efeitos de verdade e de legitimidade que homogeneízam sujeitos e sentidos? Para responder a essa questão à luz da Análise de Discurso, de vertente pecheuxiana, construímos um arquivo buscando no Google o enunciado “Estado Islâmico atentados Paris” e o resultado foi 860 mil links, dos quais selecionamos 10 materialidades. Além da questão de pesquisa, consideramos o objetivo geral que foi colocar em suspenso os efeitos de sentidos de discursos *sobre o* Estado Islâmico/Islamismo que circularam de 2015 a 2016, perguntando como esses efeitos se constituem a partir de memórias e discursos que se atravessam e ancoram o dizer/falar *sobre*, tendo em conta a nomeação. Esse objetivo geral desdobrou-se em seis objetivos específicos, que cercam o objeto de estudo, quais sejam: 1) realizar uma retomada histórica do Estado Islâmico e do Islamismo com vistas a desnaturalizar/problematizar imaginários em torno dos sujeitos, do Estado e da Religião que os legitima e sustenta a forma de resistência e de contestação protagonizadas por eles; 2) focar o discurso, a história e a historicidade, dando relevo ao seu funcionamento no discurso *sobre o* Estado Islâmico/Islamismo com vistas a destacar a contradição e o antagonismo nesses/desses discursos; 3) mapear os discursos que circularam nas mídias virtuais e delimitar o *corpus*, com vistas a verificar as regularidades e deslocamentos em torno das designações tais como atentados, massacres e outros considerando as identificações, contraidentificações e desidentificações dos sujeitos; 4) retomar teoricamente noções importantes da Análise de Discurso e que são demandadas pelo *corpus* e recortes realizados, tais como Formação Discursiva, Formação Ideológica e Formação Imaginária; 5) destacar as noções de acontecimento histórico, enunciativo e discursivo, considerando as designações em relação aos islâmicos, os acontecimentos e os países atacados; 6) analisar como esses acontecimentos são discursivizados de um lado nos portais de notícias e, de outro lado pelos sujeitos das duas FD’s selecionadas: a do Estado Islâmico – Oriente Médio – e dos Não-islâmicos – Ocidente. A mídia e os discursos *sobre* fazem circular discursos advindos do Ocidente e instauram efeitos de sentidos de intolerância, extremismo religioso e rejeição dos valores ocidentais como liberdade, igualdade e fraternidade (tal qual postula a França desde a sua Revolução). Já o comunicado oficial do EI encaminha para efeitos de sentido de libertinagem ocidental. Para os extremistas islâmicos no Oriente Médio, os acontecimentos de violência legitimam-se no que eles entendem por falta de submissão a *Allah*, que resulta na falta de fé e de inversão dos valores diante da

religião. Os sujeitos do mundo Ocidental, segundo os islâmicos radicais (tais como os sujeitos do Estado Islâmico), são infiéis e devem ser punidos.

Palavras-chave: discurso *sobre*; memória; discurso; história, imaginário, ideologia

FERNANDES, Paula M. **Discourse on the construction of meanings in the space between attacks and massacres.** State University of Central-West - UNICENTRO. Guarapuava, 2017. Master's Dissertation.

ABSTRACT

The research object of this dissertation is the discourse on the construction of meanings that surround the attacks and massacres carried out by the extremist Islamic State in Europe. We understand that this group of the Middle East opposes the Western ideology and, therefore, performs its acts in this region. Therefore, the question that was sought to answer was: how in the discourse on attacks and massacres does the media construct effects of truth and legitimacy that homogenize subjects and senses? In order to answer this question in the light of the Discourse Analysis, of pecheuxtiana slope, we constructed a file searching in Google the statement "Islamic State attacks Paris" and the result was 860 thousand links, of which we selected 10 materialities. In addition to the research question, we consider the general objective of suspending the effects of the meanings of discourses on the Islamic State / Islam that circulated from 2015 to 2016, asking how these effects are constituted from memories and speeches that cross and Anchor the say / talk about, taking into account the appointment. This general objective was divided into six specific objectives, which are: 1) to carry out a historical recovery of the Islamic State and Islam in order to denature / problematize imaginary around subjects, State and Religion Which legitimates and sustains the form of resistance and contestation carried out by them; 2) to focus discourse, history and historicity, highlighting its functioning in the discourse on the Islamic State / Islam with a view to highlighting the contradiction and antagonism in these discourses; 3) to map the discourses that circulated in the virtual media and to delimit the corpus, with a view to verify the regularities and displacements around the designations such as attacks, massacres and others considering the identifications, counteridentifications and disidentifications of the subjects; 4) to theoretically retake important notions of Discourse Analysis and that are demanded by the corpus and realized cutouts, such as Discursive Formation, Ideological Formation and Imaginary Formation;

5) to emphasize the notions of historical, enunciative and discursive event, considering the denominations in relation to the Islamists, the events and the countries attacked; 6) analyze how these events are discursive on the one hand in the news portals and, on the other hand, by the subjects of the two selected FDs: the Islamic State - the Middle East - and the Non-Islamic - the West. The media and speeches circulate discourses from the West and establish sensorial effects of intolerance, religious extremism and rejection of Western values as freedom, equality and fraternity (as postulated by France since its Revolution). Already the official communiqué of the EI leads to the effects of a sense of Western debauchery. For Islamist extremists in the Middle East, events of violence legitimize themselves in what they understand by a lack of submission to Allah, which results in a lack of faith and a reversal of values in the face of religion. The subjects of the Western world, according to the radical Islamists (such as the subjects of the Islamic State), are unfaithful and should be punished.

Keywords: speech *about*; memory; speech; History, imaginary, ideology.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRACT	09
INTRODUÇÃO	14
PRIMEIRO CAPÍTULO	
1.0 O POLÍTICO E O RELIGIOSO NO DISCURSO DO/SOBRE O ESTADO ISLÂMICO/ISLAMISMO	23
1.1 Os domínios do político e do religioso no discurso sobre atentados e massacre	24
1.2 Análise de Discurso: história, memória e historicidade	31
1.2.1 A história do Islã e as consequências discursivas	36
1.2.2 A história do Estado Islâmico e efeitos no discurso	43
1.3 Dispositivos teórico-metodológicos: movimento pendular	49
SEGUNDO CAPÍTULO	
2.0 DISCURSO <i>DE</i> E DISCURSO <i>SOBRE</i> NA MÍDIA: MOVIMENTO ANALÍTICO	55
2.1 Formação Discursiva: o funcionamento do antagonismo e da contradição	56
2.2 Forma-sujeito e Individuação do sujeito	60
2.3 Formações Ideológicas	68
2.4 Formações Imaginárias	71
2.5 Apresentação dos recortes	76
TERCEIRO CAPÍTULO	
3.0 EFEITOS DE SENTIDOS ENTRE ATENTADOS E ATAQUES: MÍDIA E INTERPRETAÇÃO	86

3.1 Acontecimento histórico, discursivo e enunciativo	86
3.2 Funcionamento discursivo da designação	88
3.3 Funcionamento discursivo do Espaço digital	94
3.4 Percursos Analíticos	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	120

ÍNDICES DOS TEXTOS-IMAGENS

Texto-imagem 1: Organograma do Islamismo e suas divisões	57
Texto-Imagem 2: Perfil dos envolvidos nos acontecimentos de Paris	64
Texto-imagem 3: Percepção dos muçulmanos relativo ao Estado Islâmico	75
Texto-imagem 4: Mapa dos ataques coordenados a Paris	77
Texto-imagem 5: Área controlada pelo Estado Islâmico	93

INTRODUÇÃO

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, mas nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas. (MARX, 18 Brumário)

O objeto desta dissertação é o discurso *sobre* da/na construção de sentidos que circundam os atentados e massacres protagonizados pelo grupo extremista Estado Islâmico. Entendemos que este grupo do Oriente Médio se contrapõe ao Ocidente¹ e, por isso, realiza seus atos nesta região. Trata-se de uma temática polêmica e que se constitui por diferentes domínios de memória, dentre os quais se destacam o religioso e o político. Essas temáticas promovem discussões e divergências, principalmente, quando o recorte recai *sobre* o Islamismo, mais especificamente no discurso *sobre* o a violência advinda do grupo extremista Estado Islâmico, *dos* sujeitos dessa formação discursiva e dos que estão fora dela, agregando, também, os discursos *sobre* os acontecimentos/atentados de autoria reivindicada pelos sujeitos do Estado Islâmico.

As recentes ondas migratórias e o aumento do número de atentados terroristas na Europa desde 2015 reacenderam o debate em torno do discurso *sobre* o Islamismo. A retomada histórica em torno do Estado Islâmico/Islamismo mostra que há uma forte ligação entre essa religião e os países europeus, que explica (mas não justifica) práticas terroristas em território ocidental. O grupo extremista Estado Islâmico, responsável por grande parte desses ataques, ganhou destaque nos meios de comunicação a nível mundial, fazendo circular materialidades em torno deles, dos acontecimentos protagonizados por eles e em torno daqueles que foram atacados.

¹ O discurso *sobre* de que falamos tem como objeto a violência, que, de acordo com a mídia, é protagonizado pelo Oriente Médio, mais precisamente, por grupos extremistas tal qual o Estado Islâmico.

O que nos interessa diretamente, entretanto, não é a história do Islamismo nem as questões religiosas ou políticas que têm motivado discussões e polêmicas em torno deles e dos acontecimentos que os envolvem, mas o discurso que resulta disso. Na mídia, circula um discurso pautado na homogeneidade, construindo evidências de que o sentido está sempre posto, apagando, com isso, o trabalho da língua na história e, especialmente, os sujeitos em suas divisões, diferenças e filiações ideológicas, sociais e históricas.

Diante desse discurso, buscamos desconstruir e saber como os sentidos se constroem a partir da Análise de Discurso, campo teórico que se sustenta em pesquisas por Michel Pêcheux, pesquisador que iniciou nos anos 60 do século XX a formulação das bases teóricas, juntamente com pesquisadores como Michel Plon, Jean-Jacques Courtine, Françoise Gadet, Denise Maldidier, entre outros. No Brasil, a principal estudiosa da área é Eni Orlandi, pesquisadora que possui os direitos autorais sobre os textos de Pêcheux. Ela é importante para a formação de pesquisadores e para o avanço teórico do que tem sido chamado, conforme Scherer (2011), de Análise de Discurso Brasileira.

O interesse por esse objeto advém de nossa formação jornalística, tendo em vista que, neste campo do conhecimento, se constituem evidências de que o fato inscreve-se na ordem do que é verdade e de que o jornalista não se subjetiva, não trabalha com versões, mas com aquilo que realmente aconteceu. A Análise de Discurso, ao contrário, destaca que os sentidos sempre podem ser outros e, dependem, conforme sinaliza Pêcheux (2010), de sujeitos e de suas posições ideológicas, destacando que os sentidos não se inscrevem na literalidade e Orlandi tem sinalizado a partir disso para os sentidos em fuga. A teoria centra-se, portanto, nos processos discursivos e pergunta pelo modo como se constituem determinados efeitos de sentidos e não outros.

A primeira motivação para o recorte realizado no *corpus* da dissertação, tendo em vista a teoria que a sustenta e ancora, foi o sentido pensando em charges² polêmicas oriundas do jornal satírico francês *Charlie Hebdo*. O

² Charge é um texto humorístico que se constitui por texto verbal e pelo não-verbal e aborda questões da atualidade de forma crítica referindo-se a sujeitos públicos. Usamos indistintamente *cartoons* e *charges* sem destacar as diferenças, que não são tão relevantes, pois o cartunista faz *charges* e *cartoons*.

massacre que ocorreu na sede do jornal fez com que o veículo e os chargistas passassem a ter maior visibilidade tanto pelas charges publicadas quanto pela violência praticada pelos militantes islâmicos no ataque. A motivação para o massacre, de acordo com a mídia, teria sido política-ideológica e tem relação com os princípios islâmicos ligados à política e à religião, considerando a ironia e a crítica em torno dos muçulmanos e o que diz respeito a esses sujeitos, enquanto povo/nação.

O ataque e outras cenas de violência que circularam na mídia chamaram nossa atenção, mas o que desencadeou a questão de pesquisa e o gesto interpretativo em torno desse objeto foi a entrevista do cartunista Jean Plantureux, mais conhecido como Plantu³, publicada nas páginas amarelas da revista *IstoÉ*⁴. O cartunista assina a primeira página do diário francês *Le Monde* desde 1970 e isso faz com que o seu discurso seja relevante em relação ao sentido e à ilusão de homogeneidade e de intencionalidade recorrente no discurso da mídia. Nessa entrevista, a equipe editorial selecionou uma charge em que o Papa Bento XVI molesta uma criança publicamente, questionando o cartunista sobre a polêmica em torno dessa materialidade⁵. Plantu respondeu:

Tive problemas com a justiça, mas tudo se esclareceu. O *cartoon* foi publicado no *Le Monde* há cinco anos. Um partido de extrema direita me processou, mas eu ganhei a causa [...]. Levei dois dias para convencer o editor-chefe, que ficou chocado. Lá argumentávamos que o Bento XVI não fez nada contra a pedofilia e, assim, deixou as crianças desprotegidas. O juiz deu ganho de causa a mim. Fiz essa dissociação e mostrei que meu trabalho defende as crianças. O juiz entendeu que a charge defende as crianças cristãs. O processo durou cinco anos. (REVISTA ISTOÉ, nº2380, p. 04)

Reproduzimos a resposta dada por Plantu com vistas a problematizar o sentido, especialmente, quando o sujeito que se responsabiliza pelo dizer

³ Jean Plantureux (Plantu) é especialista em sátira política e esteve no Brasil em 2015 para a Flip, Feira Literária de Paraty – RJ. Concedeu a entrevista mencionada à jornalista Gisele Vitória.

⁴ Revista IstoÉ publicada em 15 de julho de 2015. Ano 28 – número 2380. Disponível em http://istoe.com.br/426819_A+ARTE+E+MAIS+FORTE+QUE+A+INTOLERANCIA+/

⁵ Optamos por referir à charge como materialidade, considerando as relações interdiscursivas que cada texto, de acordo com Orlandi (2010) “peça do discurso”, estabelece com outros discursos que circularam antes dele e circulará após.

'pensa' que domina a enunciação e que é a origem do dizer, apagando, como destacam Pêcheux (2014) e Orlandi (2010), as redes parafrásticas, as reformulações e, também o fato de que o dizer pré-existe ao sujeito, tendo em vista que ele fala com palavras 'já-ditas' e no seu dizer retornam discursos outros, especialmente, porque o sujeito se constitui, segundo Pêcheux (2010), por dois esquecimentos, um que se refere à enunciação e outro à ideologia, conforme destacamos no corpo do trabalho.

A entrevista de Plantu permite-nos pensar no funcionamento da memória e do modo como um discurso reclama outros discursos. O cartunista apresenta o *cartoon* e em sua formulação ressoa a prática da pedofilia na igreja e a impunidade dos religiosos. Segundo Plantu, a intenção com essa charge era denunciar o silêncio do Papa em torno da pedofilia e sinalizar que, silenciando, o Pontífice estava deixando as crianças desprotegidas. A partir dessa entrevista e dessa materialidade podemos pensar o retorno de discursos, discutindo como determinados efeitos de sentido se constituem, tendo em vista que o mesmo (repetição) instaura outros sentidos, com distintos efeitos.

Esse é um dos exemplos de que o discurso sempre retoma outros discursos e encaminha para discursos futuros, mesmo que seja em forma de retalhos. Nessa reportagem, publicada em 2015, o *cartoon* ganhou visibilidade sob os holofotes midiáticos, diante de novos casos de pedofilia dentro da Igreja Católica e da atuação do Papa. Isso significa, como diz Orlandi (2007) o funcionamento do texto como bólido de sentidos, espaço em que discursos retornam, sustentando e atualizando o que Venturini (2009, 2015) chama de discurso *sobre*, isto é, a atualidade discursiva, ancorada em um discurso *de*, como memória, instaurando sentidos outros e fazendo funcionar outros espaços de memória.

Quanto à explicação do cartunista em torno do sentido e de sua intenção ao construí-la e aos efeitos de sentidos que se constituem, conforme a teoria que ilumina nossos posicionamentos, vale destacar que nem todos os leitores chegam ao significado pretendido pelo autor. Os sujeitos-leitores, em sua maioria, interpretaram essa charge como um desrespeito ao papa, maior autoridade católica. Sem contar que outros efeitos de sentidos são possíveis e

independem da intenção do sujeito-autor (no caso, Plantu). Sem contar que as condições de produção, em sentido restrito e em sentido amplo, conforme destaca Orlandi (2010), são determinantes para a construção dos sentidos.

O mesmo aconteceu em relação às charges do Profeta Maomé e do Deus islâmico *Allah*. Por diversas vezes, a equipe editorial do jornal *Charlie Hebdo* produziu *cartoons* em que reproduziam o que seria a figura de *Allah*, o que para a fé islâmica, é proibido, ainda mais quando essa entidade religiosa é ironizada e polemizada. Para os ocidentais, trata-se apenas de uma crítica sobre particularidades ideológicas daqueles que compartilham da crença islâmica. O não entendimento das interpelações e atravessamentos motivaram o assassinato dos cartunistas em 26 de janeiro de 2015 como forma de retaliação às charges.

Importa destacar que a palavra ‘assassinato’ talvez não seja a melhor palavra para nomear o acontecimento em torno dessas mortes, tendo em vista que elas podem decorrer de uma prática de resistência, que do ponto de vista dos islâmicos, se legitima a partir de discursos nem sempre conhecidos. A formação discursiva em que se filiam os sujeitos-islâmicos-radicais permite/autoriza que eles desencadeiem acontecimentos que chocam o mundo, mas não choca a eles, posto que a morte violenta dos que não coadunam com as suas práticas torna-se ‘normal/natural’.

Ainda na mesma entrevista citada, Plantu declara que depois da tragédia do *Charlie Hebdo*, a sua militância é contra a ignorância, tanto a fundamentalista quanto a europeia. Para ele

A batalha contra o fundamentalismo é uma batalha contra a ignorância. É a ignorância dos fundamentalistas quando eles não são capazes de entender nossos desenhos e também a nossa ignorância na Europa em relação ao que eles têm na cabeça no Oriente Médio. Na Europa, nós não temos essa informação do pensamento de culturas de outras populações. Queremos construir uma ponte entre a religião e a opinião. Uma ponte entre culturas. Com nossas canetas nós temos o dever de construir essas pontes. E com respeito. (REVISTA ISTOÉ, 2015, p. 04)

A segunda motivação para a realização deste trabalho advém das discussões realizadas em torno da Análise de Discurso e dos efeitos de

homogeneidade constituídos pela mídia, os quais nos permitem destacar que a relevância desta pesquisa resulta, também, do fator recorrência das notícias tendo em vista as repetições (mas também os deslizamentos) que ocorreram nas reportagens veiculadas. A violência e o medo não significam sempre da mesma forma, porque dependem das condições de produção, envolvendo sujeitos e contextos sócio-históricos,

A violência vinda do Estado Islâmico – Oriente Médio –se repete, constituindo uma quase normalidade. Pela recente onda⁶ de migração de refugiados do Oriente Médio para países europeus, ressoa uma representação imaginária em torno dos muçulmanos como sujeitos afeitos à violência, tendo em vista os inúmeros ataques praticados em pouco mais de duas décadas, fomentando a discussão em torno de políticas públicas direcionadas a refugiados em países que já possuem uma relação nem sempre amistosa com os muçulmanos.

As considerações em torno do retorno de discursos e do funcionamento da memória permite que olhemos para o passado e para a História desses povos para compreender por meio da historicidade⁷ os modos como a História é constitutiva das representações imaginárias instauradas em torno desses países e sujeitos. Esse funcionamento dá visibilidade, por meio do discurso, para o desejo de que se faça justiça e que o mundo esteja livre de conflitos e de guerras, como diz Plantu: trata-se da defesa de ideias e não de uma guerra ou ataque. No entanto, como o sujeito e os sentidos são heterogêneos, a intenção do sujeito escapa a gerenciamentos e é isso que interessa para a Análise de Discurso e que colocamos em suspenso, nessa pesquisa.

O terceiro fator que motivou a realização desta dissertação é a designação dos acontecimentos e dos envolvidos pela mídia mundial. Vimos que, na maioria

⁶ Empregamos a palavra 'onda' em relação à migração, tendo em vista as três ondas imigratórias dos muçulmanos que enfocamos nesse trabalho de acordo com o pesquisador Peter Demant. Trataremos dessas ondas na página 25.

⁷ Na Análise de Discurso, entendemos a historicidade como constitutiva do discurso, ou seja, na sua relação com a exterioridade. Queremos atentar para a constatação que nessa teoria a História não está posta no discurso de forma cronológica, mas como sustentação para os efeitos de sentido e parte das condições de produção.

dos casos, há um indicativo para o fato de que o grupo responsável por esses assassinatos é significado como extremista/terrorista. Ou seja, diz respeito a uma pequena parcela da população de muçulmanos que possui uma ideologia com vertente radical da religião. Esse pequeno grupo interpreta o Alcorão de forma literal, utilizando passagens escritas em outras condições de produção como forma de legitimar a realização de ataques com inúmeras mortes de ocidentais ou grupos xiitas.

Se a mídia, de forma geral, já caracteriza esses grupos minoritários muçulmanos como extremistas/terroristas, nos indagamos como eles mesmos se veem, se representam e se identificam. Perguntamos pelo imaginário desses sujeitos na identificação sobre eles mesmos, sobre os acontecimentos que protagonizam, sobre os lugares/países em que praticam os atos e sobre os sujeitos envolvidos nestes atos (sendo, majoritariamente, ocidentais).

Demanda colocar em suspenso os grandes meios de comunicação e invertermos as funções desses veículos na formação social, buscando saber como essa mídia discursiviza os acontecimentos protagonizados pelo Estado Islâmico, os lugares/países em que esses acontecimentos ocorrem e sobre as pessoas que vivem/estruturam estes lugares. Conforme destacamos, foram os fatores relacionados à interpretação, ao sentido e aos sujeitos sempre em movimento que impulsionaram a pesquisa, pela qual buscamos responder à seguinte questão: como no discurso *sobre* atentados e massacres a mídia constrói efeitos de verdade e de legitimidade que homogeneízam sujeitos e sentidos?⁸ Para responder a essa questão à luz da Análise de Discurso, de vertente pecheuxiana, construímos um arquivo buscando no Google o enunciado “Estado Islâmico atentados Paris” e o resultado foi 860 mil links, dos quais selecionamos 10 materialidades. Os recortes atendem ao objetivo geral da

⁸ O discurso *sobre*, referido na questão de pesquisa, funciona em contraposição ao discurso *de*, pelas discussões realizadas por Venturini (2009, 2015), em que o discurso *de*, tem dois funcionamentos: um como memória e outro como discurso fundador, inscrevendo-se no eixo da constituição – interdiscurso – eixo paradigmático, conforme Saussure, o espaço das seleções. Já o discurso *sobre*, o intradiscurso, funciona no eixo horizontal, da formulação e se sustenta pelo discurso *de*. É nesse eixo que ocorrem as relações, instauradas pela textualidade, pelo texto em (dis)curso, conforme Venturini (2015). A questão de pesquisa, portanto, deixa entrever que há ‘discursos’ que se inscrevem em diferentes domínios e ancoram-se em memórias, em discursos *de*.

pesquisa que foi colocar em suspenso os efeitos de sentidos de discursos *sobre* o Estado Islâmico/Islamismo que circularam de 2015 a 2016, perguntando como esses efeitos se constituem a partir de memórias e discursos que se atravessam e ancoram o dizer/falar *sobre*, tendo em conta a nomeação.

Desdobramos o objetivo geral em seis objetivos específicos, que cercam o objeto de estudo, quais sejam: 1) realizar uma retomada histórica do Estado Islâmico e do Islamismo com vistas a desnaturalizar/problematizar imaginários em torno dos sujeitos, do Estado e da Religião que os legitima e sustenta a forma de resistência e de contestação protagonizadas por eles; 2) focar o discurso, a história e a historicidade, dando relevo ao seu funcionamento no discurso *sobre* o Estado Islâmico/Islamismo com vistas a destacar a contradição e o antagonismo nesses/desses discursos; 3) mapear os discursos que circularam nas mídias virtuais e delimitar o *corpus*, com vistas a verificar as regularidades e deslocamentos em torno das designações tais como atentados, massacres e outros considerando as identificações, contraidentificações e desidentificações dos sujeitos; 4) retomar teoricamente noções importantes da Análise de Discurso e que são demandadas pelo *corpus* e recortes realizados, tais como Formação Discursiva, Formação Ideológica e Formação Imaginária; 5) destacar as noções de acontecimento histórico, enunciativo e discursivo, considerando as designações em relação aos islâmicos, os acontecimentos e os países atacados; 6) analisar como esses acontecimentos são discursivizados de um lado nos portais de notícias e, de outro lado pelos sujeitos das duas FD's selecionadas: a do Estado Islâmico – Oriente Médio – e dos Não-islâmicos – Ocidente.

A dissertação estrutura-se em introdução, considerações finais e mais três capítulos distribuídos de acordo com os objetivos específicos propostos acima. Em cada capítulo daremos conta de dois objetivos de modo a distribuir e estruturar a dissertação de forma coerente, considerando progressão e unidade.

No primeiro capítulo, nosso objetivo é realizar uma retomada histórica do Estado Islâmico e do Islamismo com vistas a desnaturalizar/problematizar imaginários em torno dos sujeitos, do Estado e da Religião que os legitima e sustentam a forma de resistência e de contestação protagonizadas por eles. Outro objetivo desse capítulo é focar o discurso, a história e a historicidade,

dando relevo ao seu funcionamento no discurso *sobre* o objeto discursivo Estado Islâmico/Islamismo com vistas a destacar a contradição e o antagonismo nesses/desses discursos. Vale destacar que os conceitos funcionam em rede e, para falar de discurso sobre, há necessidade de falar de discurso *de* e, conseqüentemente, dos funcionamentos da memória, incluindo intradiscursos e interdiscursos, bem como a memória discursiva, distinguindo-a de interdiscursos. Concomitante a isso, enfocamos os procedimentos teórico-metodológicos com vistas a dar visibilidade à estrutura da dissertação.

No segundo capítulo, nosso objetivo é mapear os discursos que circularam em portais de notícias e delimitar o *corpus*, considerando como regularidade o fator de impacto dos veículos de comunicação em cada país, enquanto formadores de opinião e destacar a posição-sujeito desses veículos em torno do Estado Islâmico/Islamismo com vistas a verificar as regularidades e deslocamentos em torno das designações tais como atentados, massacres e outros, considerando os conceitos de Forma-sujeito e Individuação do Sujeito. Ainda, nesse capítulo, objetivamos retomar teoricamente noções importantes para a Análise de Discurso e que são demandadas pelo *corpus* e recortes realizados, quais sejam: Sujeito, Formações Discursivas, Formações Imaginárias e Formações Ideológicas em relação ao funcionamento da língua, da memória e dos sentidos na perspectiva discursiva.

No terceiro capítulo, vamos destacar as noções de Acontecimento histórico, enunciativo e discursivo de acordo com o espaço digital, as designações/nomeações de acordo com Guimarães e também outros pesquisadores que mobilizaram essa noção, as relações de sentido em torno dos atentados/tragédias que o Estado Islâmico assume ter deflagrado e, também, a questão da forma-sujeito dos portais e dos integrantes do grupo.

A realização da dissertação permitiu ver que a mídia direciona os acontecimentos e homogeneiza os sentidos, fazendo de conta que o sentido é sempre apenas um e que os sujeitos não são divididos. Esses direcionamentos resultam do trabalho da língua na história e, também da ideologia, na constituição de evidências de verdade e de idoneidade.

PRIMEIRO CAPÍTULO

O POLÍTICO E O RELIGIOSO NO DISCURSO DO/SOBRE O ESTADO ISLÂMICO/ISLAMISMO

A sociedade é dividida. E isto é o político [...]. E se assim é, também os sentidos e os sujeitos são divididos, nesse caso, entre si e em si mesmos. No real, não há o Um. E isto é historicidade, materialidade. (ORLANDI, 2011)

Nosso objetivo, neste capítulo, é realizar uma retomada histórica do Estado Islâmico e do Islamismo com vistas a desnaturalizar/problematizar imaginários em torno dos sujeitos, do Estado e da Religião que os legitimam e sustentam a forma de resistência e de contestação protagonizadas por eles. Objetivamos, também, focar o discurso, a história e a historicidade, junto com as noções que esses conceitos demandam, dando relevo ao funcionamento no discurso *sobre* o objeto discursivo Estado Islâmico/Islamismo com vistas a destacar a contradição e o antagonismo nesses/desses discursos.

Para dar conta desses objetivos vamos entrelaçar conceitos teóricos e gestos analíticos, tendo em vista que a Análise de Discurso de linha francesa, de acordo com Orlandi (2010), não busca conteúdos, mas os efeitos de sentido que se constituem a partir de processos pelos quais determinados sentidos ressoam e outros permanecem silenciados. Dessa forma, vale destacar que os objetivos que norteiam esse capítulo é que nos dizem quais noções precisam ser mobilizadas, tais como Formação Discursiva, forma-sujeito e individuação do sujeito, Formação Ideológica e Formação Imaginária.

A retomada histórica do Estado Islâmico e do Islamismo decorre da necessidade de pensar no que seja Estado, no funcionamento da História, como disciplina, destacando suas características, dando visibilidade que na Análise de

Discurso, de acordo com Orlandi (2007), pensa-se a historicidade, os discursos que retornam, as memórias que ressoam, nesta dissertação, em torno do discurso sobre da/na construção de sentidos entre atentados e massacres no ocidente.

1.1 Os domínios do político e do religioso no discurso sobre atentados e massacres

De acordo com Orlandi (2011), o discurso sempre é político, porque depende de escolhas de sujeitos. Isso não significa, entretanto, focar a política partidária. Nesta dissertação, o discurso religioso em funcionamento no mundo está permeado e atravessado pelo discurso político que procuram mostrar que o Islã e o Estado Islâmico são importantes, tanto em números quanto em influência na vida social. De acordo com Stephen Prothero (2010, p.07), “a religião não é meramente um assunto da vida privada, como pregam os humanistas seculares tão em moda. Ela tem importância social, econômica, política e militar”. Pensamos nas grandes religiões, destacando o Cristianismo e, especialmente, o Islamismo, tendo em vista as características expansionistas territoriais, comerciais e até mesmo jurídicas. Ou seja, as religiões, desde que se tem o registro de sua existência, nunca foram, de fato, puramente religiosas, mas sim, influenciavam a vida dos seus fieis de diferentes formas.

A falácia de que o Islamismo é uma religião essencialmente terrorista é difundida amplamente. O próprio nome da religião já começa com uma contradição. Há pesquisadores e historiadores que utilizam o termo Islã para tratar da religião como um todo, ao passo que há outros que utilizam o termo Islamismo. Apesar dos dois tratarem fundamentalmente da mesma ideia, há um terceiro grupo que utiliza a designação Islamismo para tratar do extremismo dentro da religião.

Etimologicamente, o sufixo *ismo* encaminha para uma corrente de pensamento. Portanto, a nomeação da religião pode partir dessas duas perspectivas. Neste trabalho, trataremos a religião como Islã ou Islamismo, mas sempre direcionando para o fato que estamos falando sobre a corrente de

pensamento perpassada por Maomé, através do Anjo Gabriel de acordo com a vontade de *Allah*, o Deus islâmico. Para tratar do fundamentalismo islâmico, nomeamos essa corrente de pensamento como extremismo islâmico ou ainda como grupos terroristas.

O Islã encaminha para outra contradição, que funciona dentro dele mesmo pela divisão. Assim como o Cristianismo pode variar desde a vertente mais ortodoxa oriental até o Protestantismo, além de várias seitas mórmons, dentro do Islamismo há a divisão entre sunitas e xiitas. Cada um desses grupos acredita em uma vertente do Islã e os dois possuem grupos extremistas dentro deles. Ou seja, não é correto afirmar que somente um desses grupos pratica o terrorismo ou que a religião tende ao uso de armas para a prática do terrorismo.

As pesquisas realizadas em autores que tratam do Islamismo sinalizam para a presença e para a atuação dos islâmicos no cenário mundial há bastante tempo e, provavelmente, também estará em destaque no futuro. Portanto, pensar questões que envolvem a religião torna-se não só viável como relevante diante das condições de produção explicitadas, uma vez que o Islamismo perpassa as questões sociais, políticas, geográficas e até em alguns casos, militares, como é o caso do Estado Islâmico. De acordo com Prothero (2010, p. 17),

[...] não há como negar que neste início do século XXI o islã é a mais poderosa das religiões do mundo. Estatisticamente, ela ainda está atrás do cristianismo, mas seus gráficos sobem com muito mais rapidez. Nos últimos 100 anos, a porção cristã da população mundial declinou, em vez de crescer – de 35% em 1900 para 33% hoje. E na Europa muitos desses cristãos são apenas nominais, na melhor das hipóteses. No mesmo período, entretanto, o número de muçulmanos disparou de 12% da população mundial em 1900 para 22% na primeira década do século XXI. De acordo com o *World Religion Database*, o islã está crescendo 33% mais rápido que o cristianismo, graças às elevadas taxas de natalidade em países como Paquistão, Bangladesh, Índia, Egito, Irã e outros em que o islã predomina [nota de rodapé]. De forma que, enquanto a faria de mercado do cristianismo estabilizou, a do islã não para de crescer e avança em ritmo fulminante. (PROTHERO, 2010, p.17)

Tal como apontou Prothero na citação acima, o Cristianismo e o Islamismo, por terem o maior número de adeptos, são as religiões que

redesenham o mapa geográfico mundial de tempos em tempos. Já no século XI, há o registro das Cruzadas⁹ em que muçulmanos e cristãos entraram em guerra pela Terra Santa, pois ambas consideram a região como local histórico/religioso.

Ainda de acordo com o historiador Phillip Jenkins, as Cruzadas tiveram como principais combustíveis a busca pela expansão territorial e controle das populações na região que atualmente compreende a Europa e parte da Ásia. Na época, o Cristianismo tornava-se cada vez mais ocidental e menos oriental e africano. Já o Islamismo avançava pela região conquistando território e fieis, o suficiente para instaurar uma guerra já no século XI. Após diversas batalhas, os muçulmanos acabaram se legitimando na guerra, e, por vezes, permitiam a entrada de cristãos na Terra Santa. Entretanto, a partir de 1079, quando a Palestina foi tomada, a entrada de cristãos foi proibida na região. Como protesto e resistência, instaurou-se a guerra pelo território religioso.

Deslocando esse fato histórico para a história recente e para a historicidade com que se trabalha na Análise de Discurso, constituem-se efeitos de sentidos em torno das Cruzadas, instaurando desdobramentos até os dias atuais. A Guerra da Palestina é um exemplo importante a ser citado no que ressoa no discurso *sobre*, que estamos tratando. Em 1947, a ONU aprovou a divisão desta área em um Estado Árabe e outro Judeu. Um ano depois, Israel foi proclamado país e, com sua expansão, os palestinos ficaram sem território. Um acordo foi feito em 1993 para tentar encerrar a tensão e gerou resultados a curto prazo, até que a Cisjordânia e a parte oriental de Jerusalém voltaram a ser disputadas por estes dois grupos, sendo o *Hamás* um grupo islâmico fundamentalista que “defende” a Palestina e o *Fatah* um partido que prega a reconciliação entre palestinos e israelenses, ambos armados militarmente e considerados terroristas.

A História, como domínio do conhecimento, dá visibilidade à ligação entre Estado e religião em diversos momentos. Já no século XVI, as grandes Reformas

⁹ De acordo com o historiador Philip Jenkins, as Cruzadas foram uma reação dos cristãos contra a conquista muçulmana de vastas e importantíssimas regiões que eram cristãs por centenas de anos antes da invasão das tribos árabes, conforme detalharemos mais adiante. Fonte: <https://timedecristo.wordpress.com/2010/05/21/as-cruzadas-resposta-contra-invasoes-muculmanas/>
Acesso em 25/11/2016

Religiosas na Europa foram o ápice do esgotamento de uma relação que não conseguia mais se legitimar. Os novos contornos político-sociais-religiosos foram estabelecidos a partir de diversos fatores, tais como a venda de cargos eclesiásticos e indulgências pela Igreja, a perda do prestígio do Papa (ao passo que o prestígio dos soberanos europeus só aumentava) e o forte espírito nacionalista que se desenvolvia na região,

Já em 1802, Thomas Jefferson defendeu a não relação entre Estado-nação e religião organizada na carta que fez para a Associação Batista de Danbury. A ideia foi reproduzida pela primeira vez em 1878 na Suprema Corte dos Estados Unidos após diversos casos em que a religião se contrapunha com o Estado. Embora debatida desde aquela época, não houve qualquer registro legal que separasse os dois. Entretanto, com o passar dos anos, cada país com vertente Democrática incluiu um trecho que trata sobre o tema que assegura a liberdade de credo à população.

Em quase todos os espaços jurídicos, a lei se separa da religião e por esse motivo os Estados são chamados de laicos, ou seja: não apoiam e não reprimem qualquer religião, tornando imparcial diante do Estado. Entretanto, em estados ditos democráticos, é comum que uma “bancada religiosa” se forme na Câmara de Deputados ou Senado, aprovando leis (ou seja, com base legal) com direcionamento religioso. Dessa forma, religião e política se entrecruzam e se afetam produzindo diferentes efeitos de sentidos.

Há também os Estados Confessionais, em que a religião é tida como oficial do governo, tornando seus laços muito próximos. Esses Estados são notadamente exceção no planeta e de grande maioria Islâmica, embora também haja países com religiões oficiais católicas e budistas.

Em sua grande maioria, os Estados Confessionais estão localizados no Oriente Médio. A região por si só já possui um histórico sangrento de muitas guerras devido ao ponto geográfico em que se localiza, sendo o encontro entre Ocidente e Oriente através do Mar Vermelho, além de ser uma região que possui 1/3 de todo o petróleo mundial. Conjuntamente com o fato de possuírem governos sem estabilidade e intrinsecamente ligados à religião, a área é notadamente a que mais possui conflitos armados atualmente no planeta.

Por todos esses fatores, torna-se viável a organização e instalação de grupos terroristas nessas áreas. Responsáveis por ataques em diferentes localidades desde o início da década de 80 com os atos protagonizados pela Irmandade Muçulmana, esses grupos ajudaram a formar o imaginário de que a religião islâmica é, por si só, terrorista. A título de exemplo, podemos citar a explosão em uma sinagoga de Istambul em 2003 ou até mesmo os emblemáticos ataques às torres do World Trade Center, em Nova York, no ano de 2001.

Os acontecimentos protagonizados por esses grupos extremistas islâmicos estão nas listas das maiores tragédias mundiais. A ideologia que perpassa essa doutrina do Islã é de que esta deve ser a única religião do mundo e que todos aqueles que não a praticam são infiéis e impuros. Para colocar em prática esses princípios, se utilizam do terror e do medo da população mundial. O objetivo é atingir o maior número de pessoas e de forma mais chocante possível. Não ao acaso, foram denominados como grupos terroristas.

Como forma de tentar conter estes conflitos, a ONU (Organização das Nações Unidas), depois da II Guerra Mundial, adotou a Declaração Mundial dos Direitos Humanos, pautada pelo “respeito universal e observância dos direitos humanos e liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião”. Em 1999, este pacto foi reafirmado pelo Acordo Espiritual de Genebra, que reuniu líderes católicos, muçulmanos, budistas, judeus, entre tantos outros para pedir aos líderes políticos e religiosos que a religião não fosse mais usada para justificar a violência.

Um dos grandes problemas é que apesar desses grupos extremistas serem grandes Organizações, não respeitam as leis mundiais tais como as citadas acima. Possuem as próprias leis, não obedecendo a nenhum consenso sobre questões territoriais, jurídicas, religiosas, políticas, entre tantas outras vertentes. Adiante, trataremos mais especificamente do Islamismo e principalmente do Estado Islâmico, fornecendo um panorama geral sobre a organização bem como faremos uma retomada histórica dos atos protagonizados por eles a fim de sistematizar discursos que ressoam atualmente.

A relação da França com o Islamismo é secular. Atualmente, o país abriga o maior número de muçulmanos que reside fora de países de maioria islâmica. De acordo com Demant¹⁰ (2015, p.169), aproximadamente um quarto dos 1,3 bilhão de muçulmanos vive hoje sob regimes não muçulmanos. Essa grande diáspora do mundo islâmico se deu por diferentes motivos. De acordo com Demant (2015, p.169) há os descendentes de reinos muçulmanos que posteriormente caíram sob governos não muçulmanos (minorias muçulmanas na Índia), há também comunidades contíguas com o resto do mundo muçulmano (Guiné Bissau, Burkina Fasso, Costa do Marfim e Camarões) e ainda comunidades residuais que permaneceram após o retrocesso do império muçulmano, como os albaneses, bósnios e pomaks nos Bálcãs. Há também as diásporas que ocorreram por diferentes motivos. É delas que trataremos a seguir, mais especificamente no caso da Europa.

O continente europeu recebeu três grandes ondas de muçulmanos. De acordo com Demant (2015, p.170), a primeira onda foi de nativos colaboradores com as potências coloniais, a segunda foi dos *guest-workers*¹¹ (trabalhadores-hóspedes) e a terceira foi/é dos refugiados políticos perseguidos nas inúmeras ditaduras do mundo muçulmano.

A segunda onda é, marcadamente, a que mais trouxe desdobramentos para os dias atuais. Para Demant (2015, p. 173), os trabalhadores temporários que chegaram à França em plena expansão econômica europeia nos anos 60 e 70, mandavam dinheiro a suas famílias enquanto planejavam sua volta aos países de origem. Entretanto, a Europa entrou em recessão entre os anos 70 (desencadeada pela crise petrolífera de 1974) e 80 fazendo com que sobrevivessem da previdência social (uma vez que a perspectiva de vida do outro lado do continente era ainda pior que na França e a volta para os países de origem se tornava inviável). Dado esse quadro, decidiam por trazer suas

¹⁰ Peter Demant é historiador e especialista em questões do Oriente Médio. Desde 1999 é professor-doutor no departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), lecionando Relações Internacionais e História da Ásia.

¹¹ De acordo com Demant (2015, p.170), os *guest-workers* “chegaram aos milhões para preencher as vagas menos desejáveis nas indústrias e serviços dos países capitalistas avançados”.

famílias de forma definitiva para a Europa, o que elevou o número de imigrantes muçulmanos a milhões. Ainda de acordo com as ideias de Demant (2015, p.173):

[...] Uma vez estabelecidos de forma mais ou menos definitiva na Europa, os muçulmanos tiveram que determinar como lidar com sua identidade coletiva. Ali, eles estariam perpetuamente divididos entre tendências opostas de assimilação e de reafirmação particularista, étnica ou religiosa. Três fatores são cruciais neste campo de forças: primeiramente, a postura da sociedade anfitriã, ou seja, como as autoridades e populações os aceitam e os absorvem; em segundo lugar, as diferenças entre os muçulmanos, ou seja, o quão homogênea é sua identidade coletiva; finalmente, as opções que os próprios imigrantes desenvolvem. (DEMANT, 2015, p. 173)

Dessa forma, os imigrantes ficaram totalmente dependentes das políticas de imigração dos países que os receberam. Na França, a aceitação dos imigrantes acontecia com base na assimilação obrigatória dos sujeitos, quer dizer, “os muçulmanos precisavam se tornar franceses ‘como os outros’, o que implicava na privatização da religião. Contudo, isso é alheio à auto percepção muçulmana (...) a França insistia em separar o Estado da Igreja” (DEMANT, 2015, p.173).

Essa política de integração/isolamento dos muçulmanos na formação social francesa gerou vários conflitos, inclusive, com a lei que entrou em vigor no dia 11 de abril de 2011¹² que proíbe o cidadão em solo francês a cobrir totalmente o rosto. Esta lei vale, inclusive, para capacetes de motos e máscaras, mas atinge principalmente as mulheres muçulmanas que usam o *niqab*¹³ ou o *hijab*¹⁴. Para o Estado, é uma questão de segurança nacional. Para os muçulmanos, é uma questão que simboliza “não apenas os valores étnicos de honra contra a vergonha, mas expressa ditames religiosos” (DEMANT, 2015, p.

¹² Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/proibi%C3%A7%C3%A3o-da-burca-segue-sendo-pol%C3%AAmica-na-fran%C3%A7a/a-19178841> Acesso em 11/01/2017, às 04:54

¹³ É o véu que cobre o rosto e o pescoço inteiros, havendo apenas uma abertura para a região dos olhos. Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/zeitgeist-a-diferen%C3%A7a-entre-burca-niqab-e-hijab/a-19493813> Acesso em 11/01/2017 às 04:56.

¹⁴ O hijab cobre a cabeça e o pescoço, mas deixa o rosto livre. Fonte: <http://www.dw.com/pt-br/zeitgeist-a-diferen%C3%A7a-entre-burca-niqab-e-hijab/a-19493813> Acesso em 11/01/2017 às 04:56.

173). Para alguns muçulmanos, ainda, a proibição é interpretada como um ataque ao Islã e uma forma de separação dos islâmicos com os franceses “nativos”, além de provocar preconceito e ataques frequentes às mulheres que optam pelo uso do véu.

A política de integração/isolamento trouxe ainda outros desdobramentos, mas iremos destacar um que consideramos chave para entender a questão da presença muçulmana na França, a pobreza. Ainda acompanhando as afirmações de Demant (2015, p.176):

[...] A grande maioria dos muçulmanos europeus são marginalizados que sofrem de discriminação, estando concentrados nas camadas mais desfavorecidas – o que adiciona o antagonismo cultural à concorrência com os trabalhadores nativos. Como eles vieram de sociedades autoritárias onde não integravam a elite, não tinham a tradição da auto-organização. (DEMANT, 2015, p. 176)

Nesse aspecto, voltamos a nossa atenção para a questão das Formações Imaginárias uma vez que, diante do panorama apresentado, analisamos como os sujeitos nativos da formação social francesa veem os muçulmanos imigrantes e de que forma as condições apresentadas influenciam para fomentar o imaginário sobre os islâmicos em território europeu. Trataremos de forma mais enfática sobre essa questão no segundo capítulo deste trabalho.

1.2 Análise de Discurso: história, memória e historicidade

De acordo com Malidier (2003), Michel Pêcheux é o precursor da Análise de Discurso, na década de 60, na França. É a partir de suas concepções sobre o discurso que discorreremos neste trabalho, tratando a Análise de Discurso como uma disciplina de entremeio, porque funciona ‘entre’ a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, rompendo com as concepções estruturalistas tão vigentes na época. De acordo com Orlandi (2010) a AD não se subordina a essas disciplinas, ao contrário, questiona o que elas deixam de lado.

Os preceitos da Análise de Discurso de linha francesa trabalham em rede, ou seja, não é possível colocá-los em funcionamento no discurso sem que

estejam atrelados uns aos outros. Por esse motivo, discorreremos brevemente alguns conceitos demandados pelo nosso objeto de pesquisa, pois segundo Orlandi (2010, 63-64),

Em grande medida o *corpus* resulta de uma construção do próprio analista. A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.

O que diz Orlandi é referendado por Petri (2013) para quem o trabalho de análise de materialidades discursivas e na Análise de Discurso, acontecem por um movimento pendular, em que há um retorno constante à teoria e desta para o *corpus*, que se constitui no gesto inaugural de interpretação.

O sujeito é um conceito central para a AD, o qual de acordo com Pêcheux (2010), não refere a um indivíduo, homem ou pessoa (tal qual postula a psicanálise e o empiricismo), mas sim como sujeito afetado pelo real da história e pelo real da língua¹⁵, funcionando pelo inconsciente e pela ideologia, de forma que a língua significa pela história, que sinaliza a relação dos sentidos à inscrição de sujeitos em uma dada formação social. De acordo com Indursky,

[...] o sujeito que o fundador da Teoria da Análise de Discurso convoca é um sujeito que não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Pessoalmente e socialmente. Na constituição da sua psique, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir desse laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise do Discurso se constitui. É sobre o efeito dessa articulação que o sujeito da AD produz seu discurso. (INDURSKY, 2008, p.101).

Pelo discurso, o sujeito se inscreve no mundo do discursivo, no qual pela ideologia se constituem evidências que homogeneízam os sentidos, constituindo efeitos e não sentidos estabilizados. Cabe ao analista, de acordo com Orlandi

¹⁵ Milner (1987, p. 20-21) trabalha o real da língua como o impossível diante do que é defendido pela linguística, deixando de lado o real da história que é desenvolvido por Pêcheux e Gadet (2004) em relação ao materialismo histórico.

(2010), a partir da constituição do *corpus* – primeiro gesto analítico – estruturar o dispositivo de análise. Nesse campo teórico, o analista pergunta pela constituição de efeitos de sentidos e não por conteúdos. Interessam, portanto, os processos discursivos, já que o discurso é concebido como “um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (ORLANDI, 2010, p.21).

Ainda de acordo com Pêcheux (2010) e com Orlandi em seus textos, o discurso é a materialização da ideologia pela qual o sujeito é afetado. O sujeito vive e realiza práticas em uma formação social e essa formação social se constitui por instituições e por funcionamentos que Orlandi (2007) chama de Ordem e Organização. A ideologia, tal como é concebida discursivamente, sinaliza para a luta de classes e para a naturalização de práticas pelas evidências instauradas dessa naturalização. Dizendo com Pêcheux (2010), as posições ideológicas que afetam o sujeito pela inscrição dele em formações discursivas ressoam no discurso, pela língua, em seu lugar material e o sujeito nem sempre tem consciência disso.

Conforme sublinha Orlandi (2010), no discurso, funciona a tríade língua-discurso-ideologia em relação interdependente, em plena concordância com Michel Pêcheux (2010), segundo o qual “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido¹⁶”.

Neste primeiro capítulo, nos interessa ainda trabalhar com os conceitos de História e historicidade, sinalizando que na Análise de Discurso, como preconiza Orlandi (2007, p. 36), é fundamental deslocar o dado para o fato, convocando o acontecimento linguístico e discursivo, deixando de lado a história cronológica praticada até o século XIX, trabalhando dessa forma o processo de produção de sentidos e não o seu produto, mais precisamente,

[...] uma relação com a exterioridade tal como ela se inscreve no próprio texto e não como algo fora dela, refletido nele. Não se

¹⁶ Daremos destaque à ideologia e, conseqüentemente, a essa tríade referida por Orlandi, nesse mesmo capítulo, quando trataremos das formações discursivas, imaginárias e ideológicas. A partir dos teóricos que sustentam nossas posições, entendemos que sociedade e língua estão nessas formações, sendo portanto, contempladas.

parte da história para o texto – avatar da análise de conteúdo -, se parte do texto enquanto materialidade histórica. A temporalidade (na relação sujeito/sentido) é a temporalidade do texto (ORLANDI, 2007, p. 55)

Dessa forma, a ideia da linguagem como uma estrutura fechada e sem influências externas (estruturalismo), foi descontinuada para a AD que passou a considerar não a historicidade contida no texto na perspectiva cronológica/evolutiva, mas sim, como produtora de sentidos dentro do texto, ou seja, partindo de dentro para fora.

Para Orlandi (2007, p. 55) a ligação entre história e historicidade “não é direta, nem automática, nem de causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo” mas sim de uma complexibilidade que vai além do cálculo formal e de uma resposta imediata. Para a AD, o trabalho dos sentidos (historicidade) se dá pelo viés da história quando esta é produzida a partir de diferentes Formações Discursivas, as quais, de acordo com Pêcheux (2009, p. 147), caracterizam-se como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Ou seja, o sentido do discurso é determinado pela inscrição em uma Formação Discursiva e não outra, sendo determinado, ideologicamente, produzindo efeitos.

Em síntese, o objetivo do analista de discurso é colocar em suspenso os sentidos (muitas vezes apagados/silenciados) em discursos produzidos por sujeitos em determinadas condições de produção que revelam muito mais do que foi efetivamente dito (tanto na linguagem verbal quanto a não-verbal). É a partir dessa premissa básica que a teoria trabalha, enquanto esse sujeito inserido em uma formação social e no mundo significa e se significando pelo discurso que apaga ou faz retornar outros efeitos de sentidos que ressoam pelo viés da historicidade.

A historicidade e os efeitos de sentidos advindos dela fazem com que se pense as Formações Discursivas, as quais segundo Pêcheux (2009), não são homogêneas e nem possuem fronteiras delimitadas, elas são porosas, do que decorre que em uma mesma Formação Discursiva, há mais de uma posição-sujeito em funcionamento e, também, que um mesmo sujeito pode ocupar mais

de uma posição dentro da FD. A esse funcionamento, Zandwais (2003) chama de contradição. De acordo com Pêcheux (2010), Orlandi e as discussões por ela realizadas, o sentido não é estanque nem literal: se dá no jogo de sentidos entre uma FD e outra, de acordo com a sua inscrição e suas condições de produção – em sentido restrito – a partir do texto e em sentido amplo, em relação às condições sócio-históricas.

Nesse sentido, o funcionamento da memória, no processo de constituição de sentidos nos permite dizer, a partir de Orlandi (2010), que é possível mostrar os “compromissos políticos e ideológicos” (p. 32) no discurso por meio da historicidade.

O Interdiscurso é todo o conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome. (ORLANDI 2010, p. 33-34)

Trata-se, de acordo com Orlandi (2007), de determinações sócio-históricas, do que ressoa de um discurso em outro, cabendo ao sujeito interpretar. Em relação aos funcionamentos da memória, Venturini (2009, p. 111), retoma Pêcheux (2010), Courtine (1999) e Orlandi (2007) para pensar os funcionamentos de memória e o modo como os discursos retornam em outros discursos, objetivando que o dizer se ancora em um já dito. Para isso, mobiliza o discurso *de*, em dois funcionamentos: como discurso fundador e como memória que sustenta o discurso *sobre*. Nesse sentido, o discurso *sobre* faz parte do eixo da formulação – intradiscurso – o qual, nos termos de Courtine (1999) retomando Saussure, está no eixo sintagmático, o eixo das relações em que se constituem as textualidades.

O discurso *sobre*, de acordo com Venturini (2009), sustenta-se em um discurso anterior, no eixo da constituição e se relaciona ao que se repete, instaurando redes parafrásticas. O discurso *de* funciona no eixo vertical, o eixo das seleções, de acordo com os deslocamentos feitos por Venturini (2009) a

partir de Courtine (1999) e de reflexões feitas por Saussure (1916) em relação ao eixo paradigmático, em que funcionam as seleções. É a partir das seleções, do fato de que um elemento (letra, palavra, som ou objeto) não ocupa o mesmo lugar, é que Venturini (2009) diz que o discurso *de* sustenta o dizer. Essa memória “ocorre na dimensão não-linear do dizer e ocupa o espaço do já dito e do significado antes em outro lugar” (VENTURINI, 2009, p. 73). Nos discursos *sobre* essas memórias retornam como discurso *de* e “sustentam toda a possibilidade de dizer”, (idem, p. 73). Por esse funcionamento, a memória e a história se sustentam e se imbricam, sustentando o discurso *sobre*. Na pesquisa de Venturini, o discurso *de* e o discurso *sobre* funcionam juntos pela impossibilidade de separar memória da atualidade, possibilitando, de acordo com a pesquisadora, diferenciar interdiscurso e memória discursiva, de modo que esta última esteja entre a repetição e o legível, conforme destacou Venturini (2009), em esquema explicativo em torno dos funcionamentos da memória.

1.2.1 A história do Islã e consequências discursivas

Com o objetivo de aliar o dispositivo analítico com o dispositivo teórico e realizar uma retomada histórica em torno de nosso objeto de pesquisa, há necessidade de referir à memória, mas também à história e encaminhar para o funcionamento discursivo, sustentada na teoria desenvolvida por Pêcheux (2010). É nessa recuperação da história que significamos as condições de produção para que se possa ler/interpretar/compreender o discurso *sobre* o Estado Islâmico/Islamismo e o processo fundacional das bases da religião, que legitima a atuação dos sujeitos inscritos nestas FDs, em relação a eles mesmos e ao mundo. Essa história, em nossa dissertação, funciona como o discurso *de*, que retorna no discurso *sobre* os islâmicos e as violências que podem vir deles ou significar a partir deles.

Em outras palavras, aliar os dispositivos teórico e analíticos, neste trabalho, possibilita compreender que o Islamismo foi, antes de tudo, uma junção política-religiosa-militar de grande expansão durante muitos séculos. Com o seu legado garantido, atualmente, o que ressoa no discurso *sobre* esses sujeitos é a

essencialidade do religioso, que funciona como uma formação discursiva que legitima determinadas práticas, naturalizando-as, por mais que elas instaurem a perplexidade nos sujeitos que não se inscrevem nessa FD.

De acordo com o discurso em circulação *sobre* esse Estado e os sujeitos que o estruturam, os primeiros registros sobre o Islã remetem ao século VII da Era Cristã em uma região, atualmente conhecida como o entremeio da Ásia e da África, sob os olhares atentos do Império Bizantino e do Império Persa na época.

A palavra Islã instaura efeito de sentido de submissão, ou seja, é o caminho da servidão a Allah¹⁷ e esse efeito de submissão vem pela memória, pelo interdiscurso, funcionando como discurso *de*, que significa esse povo, pelo que ressoa sobre eles, dependendo da formação discursiva em que os sujeitos que os significam se inscrevem. Enquanto os cristãos voltam-se para a ortodoxia (boa doutrina), os muçulmanos voltam-se para a ortopraxia (boa conduta), o que significa que a religião é guiada basicamente em atitudes e práticas. Isso explica a servidão a qual a palavra remete. Um bom muçulmano é, antes de tudo, um bom praticante da religião.

O Alcorão afirma repetidamente que o caminho para o Paraíso é pavimentado com fé e boas obras – “os fieis que praticam o bem alcançarão... o grande benefício” (85:11) [...] Aqui, a técnica que o transportará da autossuficiência para o Paraíso é “praticar a religião” (42:13). Constantemente, o Alcorão se refere a “fieis” e “infieis”, como se a crença fosse a chave mestra para esse Paraíso, porém é a ação que separa esses dois grupos. (PROTHERO, 2010, p. 29)

Ainda de acordo com Prothero, as práticas citadas possuem base em cinco pilares, cuja imagem é uma alusão arquitetônica a um edifício com suportes nos quatro cantos e um no centro. Esse suporte central é a *Shadahah*, que testemunha a devoção a *Allah* e afirma que Maomé é o seu mensageiro. Os outros pilares são *salat* (oração), *zakat* (caridade), *sawn* (jejum) e *haji* (peregrinação). Ou seja, a prática da religião, por meio desses preceitos é o que

¹⁷ O equivalente a “Deus” na cultura ocidental, a quem o muçulmano presta adoração e devoção.

leva um muçulmano a ser bom. Para eles, só há um caminho: o de estar perto de *Allah* por uma luta interna que negue a autossuficiência humana.

A palavra “árabe” surgiu pela primeira vez no século IX a.C e dizia respeito aos nômades do deserto, conhecidos até então como “beduínos”. Atualmente, ela remete à população advinda da Península Arábica, unidos pela língua falada, cultura e em alguns casos até a religião, podendo ser cristãos, muçulmanos e, em alguns casos isolados, até mesmo judeus.

Conforme o expansionismo árabe ganhava força, a religião também se fortificava pelo Profeta Maomé. Por volta do ano 610, os árabes “passaram a ter sua própria religião, seu próprio profeta, seu próprio livro sagrado” (JOMIER, 1992, p.17), quando o comerciante Mohammad subiu ao Monte Hira (como fazia todos os dias para momentos de oração e contemplação) e recebeu a visita do anjo Gabriel, ordenando que Maomé recitasse o que iria ouvir a seguir. Esse texto consiste nos cinco primeiros versículos do capítulo 96 do Alcorão:

Em nome de Deus, Muito Bom e Misericordioso:
 Recita em nome do teu Senhor que criou:
 Que criou o homem de um grumo de sangue coagulado.
 Recita: Teu Senhor é o Muito Generoso
 que ensino graças ao junco para escrever,
 que ensinou ao homem o que este não sabia

Mohammad, conhecido ocidentalmente como Maomé, foi a figura central para a criação e disseminação do Islã. Também “foi um grande vulto político, militar e legislador, diplomata e general” (PROTHERO, 2010, p. 35) devido aos grandes feitos a que se propôs desde que recebeu a mensagem do anjo Gabriel.

[...] mesmo não islâmicos reconhecem que Maomé foi o instrumento não só para uma nova religião, mas também para uma nova ordem política e econômica. Enquanto Jesus recusou a espada [contra o invasor romano], Maomé comandou exércitos. Enquanto Jesus evitou a política, Maomé governou sobre um vasto império que se estendia, na ocasião de sua morte, pela maior parte da península árabe (PROTHERO, 2010, p. 35)

Já em 622, descontentes com as ideias das religiões politeístas, Maomé e seus seguidores partiram de Meca (onde suas ideias eram desprezadas) rumo

à Yathrib (hoje Medina) onde estabeleceram a primeira comunidade muçulmana da história, a *ummah*.

O profeta Maomé também foi responsável por duas grandes obras, se é que podemos nos referir a elas assim. A primeira diz respeito a uma coletânea dos ditos e atos do profeta, os *Hadith*, que retornam pela memória, a partir do que significa para seus seguidores, as quais somente alguns anos após a morte de Maomé foram reunidas e divulgadas como um discurso autoritário. Essa modalidade de discurso, de acordo com Orlandi (1996), só apresenta o lado do sujeito que se coloca na origem do dizer, não admitindo que o discurso retorne e constitua o lugar daquele que é o interlocutor. Vale destacar que essa ‘reunião’ dos ditos e atos de Maomé tem um funcionamento ideológico que se alia a formações imaginárias, isto é, os sujeitos, conforme diz Orlandi (2010, p. 39), se colocam “no lugar em que o seu interlocutor os ‘ouve’, de modo a direcionar o dizer”. Essa coleção é extremamente válida para os sunitas, que iremos explicar mais adiante e que abrange tanto a lei jurídica quanto as obrigações rituais.

O segundo acontecimento sinaliza para a religião como um todo, trata-se do profeta como sujeito, nesse caso, assujeitado ao divino, significa como ‘instrumento’ para dar visibilidade à vontade divina. Nesse discurso, Maomé é apresentado como a origem do discurso, funcionando ao mesmo tempo como um discurso *de*, tal como tratado por Venturini (2009), e como um discurso autoritário, tratado por Orlandi (1996). É dito que Maomé revela a vontade divina e esse dizer soa como uma verdade, decorrente da manipulação resultante do discurso autoritário em que, de acordo com Orlandi (1996, p. 29) o locutor “procura estancar a reversibilidade”. Com isso, apaga a polissemia e encaminha para efeitos de verdade em que o dizer é significado como dado, constituindo versões de histórias que de tanto serem repetidas passam por verdade e por história ou alteram o sentido.

As palavras recitadas por Maomé hoje ressoam como memória e atendem a uma demanda de legitimação pelas quais as práticas realizadas por esse povo (muçulmanos) se naturalizam, funcionando a partir de um discurso *de*, que ancora e sustenta o discurso *sobre*. Essas memórias e o discurso advindo delas foram organizadas no livro chamado Alcorão. Isso significa que embora tenha

sido o profeta o escolhido para a propagação das mensagens de *Allah*, não foi ele quem escreveu o livro. Trata-se de uma recitação.

O Alcorão vem do árabe *Al-quarân* e significa “recitação ou leitura”, por isso a palavra deve ser sempre lida e recitada em voz alta. “A recitação do Alcorão [...] se assemelha à celebração da eucaristia cristã. É como se incorpora o divino no corpo” (PROTHERO, p. 36). O livro se divide em duas partes: a primeira trata da fase onde o Profeta atuou na cidade de Meca entre os anos de 610 e 622, com “textos mais curtos e trata fundamentalmente da doutrina, do único Deus, da moral, do juízo, do inferno e do Paraíso” (BOFF, p. 25). Já a segunda parte diz respeito à atuação de Maomé em Medina, de 622 a 632, tratando basicamente de “orientações concretas acerca do reto viver, de organização política e do sistema jurídico” (idem). Sendo assim, o Islã é mais que uma religião. É uma regra de vida.

[O Alcorão] É composto de 114 capítulos (*suras*) e 6235 versículos (*ayát*). O Alcorão possui características históricas, culturais e religiosas, as quais descrevem regras morais e éticas sobre preceitos da vida religiosa, social (casamento e separação) e sobre o valor da herança. Também traz conselhos para o comportamento do crente perante o Juízo Final. No século VIII, regras gramaticais foram introduzidas no Alcorão, numa mistura de poesia sem métrica e prosa. (MANSUR, 2002, p. 30 – *grifos do autor*)

A morte do profeta, em 632, é emblemática não só pelo fato do livro sagrado dos muçulmanos ter sido organizado, mas também porque é a partir dessa data que uma divisão importante se instaurou dentro da religião. Os sucessores do profeta foram chamados de califas e deviam assumir as funções políticas, religiosas e militares – tal qual o profeta fazia. Este termo é utilizado até os dias de hoje para designar o comandante de uma comunidade muçulmana.

Depois da morte de Maomé, a expansão do Islamismo passou a significar um movimento com objetivo religioso para unificar a diversidade da linguagem e dos costumes das tribos árabes numa organização mais estável para a administração do povo. Caso isso não acontecesse, a manutenção da comunidade muçulmana estaria numa situação delicada devido ao desaparecimento do líder Maomé e, também, da autoridade que

ele vinha conquistando pela centralização das tribos por meio do seu poder político, social e religioso (PROTHERO, 2010, p. 52)

Durante aproximadamente 300 anos, quatro califas foram responsáveis por continuar a expansão do Islã. O primeiro foi Abu Bakr (632-634), sogro de Maomé também pertencente à tribo dos coraixitas, e foi durante sua dinastia que o Alcorão começou a ser escrito. O segundo califa foi Omar (634-644), responsável por completar a dominação árabe sobre o território que até então era persa. O terceiro foi Othman (644-656) e foi durante o seu comando que o Alcorão terminou de ser escrito, o qual declarou perseguição aos parentes de Maomé com o objetivo de afastá-los do poder político que ainda mantinham.

O último Califa foi Ali (656-661), primo e genro do profeta Maomé, que transferiu a sede do califado de Medina (como havia sido nos três anteriores) para Kufa (atual território do Iraque). Entretanto, o primo de Othman e governador da Síria na época, Moawiya Omíada, recusou-se a reconhecer Ali como califa. Após algum tempo de resistência, Ali foi morto e Omíada instaurou a Dinastia Omíada (660-750). A partir disso, formaram-se dois grupos políticos: os *xiitas* e os *sunitas*.

O termo “xiita” vem do árabe *Chiat Ali* (partidário de Ali) e diz respeito ao conjunto político que defende o último dos Quatro Califas Perfeitos. Para o grupo, os califas só podem ser aqueles que descendem de Ali e de sua esposa Fátima, ou seja, descendentes da tribo dos coraixitas. Os muçulmanos xiitas são a minoria no mundo, correspondendo a menos de 10% da população de fieis dentro da religião. São maioria em pouquíssimos países, como Irã, Iraque, Bahrein, Azerbaijão e, segundo algumas estimativas, Iêmen. Há também grandes comunidades xiitas no Afeganistão, Índia, Kuwait, Líbano, Paquistão, Catar, Síria, Turquia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Entretanto, é a maioria esmagadora de sunitas que predomina o cenário mundial islâmico.

Já o termo “sunita” vem do árabe *Ahl al-Sunna*, traduzido como o “povo de tradição”, ou seja: é a vertente ortodoxa do Islã que segue rigorosamente os

fundamentos do Alcorão e a Sunna¹⁸. Defendem que a liderança do islamismo não deve pautar na hereditariedade, mas sim considerar os sujeitos imbuídos do desejo e competência para representar os interesses das tribos dominantes, conforme Boff (2009). De acordo com Prothero,

Os leigos imaginam, com frequência, que a lei islâmica é rígida e imutável, mas sunitas e xiitas diferem significativamente em toda espécie de questões legais [...] Assim como os católicos romanos, os xiitas, por sua vez, centralizam a autoridade religiosa, em seu caso, no imã. Os sunitas descentralizam a autoridade religiosa, colocando-a na comunidade islâmica como um todo. Então, não é surpresa que as concepções legais dos sunitas variem amplamente. (PROTHERO, 2010, p. 45)

Também podemos sinalizar para outra contradição¹⁹ dentro do Islã. O termo *jihad*, literalmente traduzido como *luta*, aponta para efeitos de sentidos múltiplos. Há os que interpretem a designação como sendo uma luta espiritual consigo mesmo, contra o orgulho pessoal e a favor da servidão a *Allah* (conhecida como Jihad maior) e há também os que interpretem como uma luta material (jihad menor) contra um inimigo. Neste momento, nos interessamos pela última interpretação.

Desde o fim da década de 1950, o debate sobre o verdadeiro significado de jihad tem girado em torno de três conceitos: contracruzada, luta anticolonial e revolução. O Estado Islâmico parece ter incorporado as características inerentes aos três para dar à jihad menor um significado totalmente novo, ou seja, de criação de Estado nacional. (MANSUR, 2002, p. 18)

¹⁸ “A *Sunna* refere-se aos hábitos e comportamentos do profeta Maomé e de seus companheiros: o que aprovavam e desaprovavam, como falavam e como agiam. Ela é a norma de comportamento do muçulmano sunita. É formada pela composição de vários *hadith*, narrativas curtas de caráter histórico e doutrinário que servem como instrumentos de transmissão dos ensinamentos e mensagens do profeta”. (MANSUR, 2002, p.30)

¹⁹ Neste trabalho, optamos por considerar duas Formações Discursivas dominantes a saber: a FD do Islã e a do Mundo Ocidental. Essa divisão segundo Zandwais (2009), ocorre na formação social em que há mais de uma formação discursiva dominante. Em relação à divisão que ocorre dentro da própria formação discursiva, resulta na contradição, decorrente devido a diferentes posições- sujeito em uma mesma FD, sinalizando para a heterogeneidade do sujeito. A FD do Islã, que chamamos de dominante, comporta outras FD's. A do Jihad é uma delas e, nela há duas posições sujeitos, pelo menos: uma que interpreta a luta ligada ao espiritual, valorizando a submissão e, outra em que há uma luta material e o inimigo está na formação social.

Os três conceitos estão relacionados ao Ocidente e formaram base para que a jihad menor ganhasse força com o tempo. De acordo com Napoleoni (2016, p.103), desde o século 11 há o sonho de restauração das antigas fronteiras do Califado, muito em conta com o redesenhamento do mapa pelos europeus no pós-guerra e, também, pelo acordo de paz entre o governo jordaniano e Israel em 1994, que fomentou fortemente o radicalismo de al-Zarqawi e al-Baghdadi. Esse radicalismo resultou em um terreno fértil para os acontecimentos terroristas.

Diante de tantos acontecimentos negativos e trágicos protagonizados pelos grupos radicais, o mundo ocidental constituiu um imaginário negativo em torno dos muçulmanos. Isso fez com que a grande maioria dos religiosos explicassem que o termo *jihad* não tem relação alguma com o que prega o Alcorão. Entretanto, há várias passagens que remetem a mortes e a guerra, assim como na Bíblia e no Torá (livro sagrado dos judaicos). Na perspectiva discursiva, o discurso deve ser reportado às condições de sua produção, do que se pode dizer que os escritos no Alcorão precisam ser tomados como discursos ideológicos que constituem efeitos de evidências e, por isso mesmo, necessitam ser interpretados a partir de sujeitos inscritos em formações discursivas, que desenvolveremos no segundo capítulo.

1.2.2 A história do Estado Islâmico e efeitos no discurso

A história do Estado Islâmico produz efeitos e ressoa no discurso *sobre*, como memória, produzindo efeitos de sentidos de acordo com os sujeitos e suas interpelações. O Estado Islâmico possui sua origem em um solo marcado por disputas territoriais, inúmeras guerras, governo enfraquecido, falta de políticas públicas básicas e perspectivas aos jovens, economia fortemente abalada, taxas de desemprego em alta e uma história de vingança contra os países que colonizaram a região formam a base ideal para que grupos com ideologias fundamentalistas se fixem e disseminem sua forma de pensar. Dessa forma, o EI mantém a forma de atuação tal qual já é amplamente conhecida e utilizada

por grupos radicais no Oriente Médio: onde o Estado falha, o radicalismo intervém.

Posterior à Primeira Guerra Mundial, o território Sírio sofre constantes golpes de Estado. Enquanto isso, a ideologia do Partido *Baaz* começa a se disseminar pelo mundo árabe, misturando o antigo sonho de uma única nação árabe com ideias socialistas e um estado laico, ou seja, sem interferência oficial da religião. Em um grande salto já para os anos 2000, Bashar al-Assad morre e quem assume é o filho, que promete internet e outros avanços, mas depois de alguns anos a oposição fica mais ofensiva e a Irmandade Muçulmana revive. Os próximos anos são de muitos conflitos.

Em 2011, ocorre a conhecida Primavera Árabe. Vários países árabes saem às ruas para protestar por mais democracia. Quando o movimento atinge a Síria, Assad o reprime e ordena que o exército acabe com a manifestação, e, dessa forma, matando milhares. A luta continuou e se tornou uma guerra civil. Atualmente, ao menos cinco grupos fazem oposição ao governo de al-Assad.

Desde 1963, os partidos de oposição são proibidos na Síria devido a imposição do Partido Baaz na época. Entretanto, hoje existem partidos esquerdistas, secularistas, islamistas e nacionalistas árabes em discordância com a atual forma de governo como, em um primeiro exemplo, a Irmandade Muçulmana. O grupo esteve presente por trás de várias revoluções no Oriente Médio e afirma que não quer transformar a Síria em um Estado Islâmico (em referência ao grupo), mas sim, substituir o regime autocrático por um sistema mais plural, sem o uso da violência.

Já os grupos curdos buscam direitos civis junto ao governo, mas sofrem repressões constantes com a prisão de alguns representantes. Grupos de direitos humanos afirmam que essa parcela da população enfrenta “preconceito sistêmico”, uma vez que continuam sem nacionalidade desde a década de 1960 com as reformas na legislação síria.

O Exército pela Libertação da Síria (ELS) é composto por desertores do exército nacional que buscam a derrubada deste e a libertação do atual regime. Há também o Comitê Nacional de Coordenação (CNC) composto por vários

grupos de oposição que buscam uma revolução pacífica e o Conselho Nacional da Síria, formado também por diversos grupos e propõe a derrubada do governo sem qualquer tipo de diálogo e sem a intervenção militar estrangeira.

Com o cenário político-econômico totalmente abalado, a instalação de um Califado vem suprir um forte desejo da população de uma organização política capaz de restituir o que governos anteriores não puderam/conseguiram fazer e que inúmeras guerras destruíram. Há o desejo de um respiro, uma “luz no fim do túnel” de uma região potencialmente muito rica graças às grandes reservas de petróleo. Há o desejo da calma, da paz.

O Estado Islâmico tem origem sob essas condições com a atuação de Abu Musab al-Zarqawi, que difundia as ideias do Salafismo radical²⁰. No ano 2000, conheceu Osama Bin Laden (até então o líder da rede terrorista Al-Qaeda) e, num primeiro momento, negou o seu convite para se juntar à rede porque não dispunha de um grupo forte o suficiente para combater o inimigo em terras distantes (no caso, os EUA), mas sim, gostaria de liderar um exército que pudesse combater dentro do próprio território (válido para líderes governamentais e a minoria xiita do Islã).

Segundo Napoleoni (2016, p.32), de agosto de 2003 a dezembro de 2004, quando Osama Bin Laden legitimou a fundação e nomeou al-Zarqawi como líder da Al-Qaeda do Iraque, também aceitou que a guerra dele fosse contra os próprios muçulmanos, mas os de minoria xiita. Bin Laden não concordava com a divisão, mas visto os feitos de al-Zarqawi, mudou de ideia. De acordo com a autora,

[...] Como emir da Al-Qaeda no Iraque, al-Zarqawi conseguiu atrair um número de seguidores e recursos suficientes para enfrentar as forças americanas, enquanto prosseguia com uma série implacável de atentados a bomba suicidas contra xiitas que estava empurrando o Iraque para a beira do precipício de uma guerra civil. Sua morte, num ataque aéreo americano em 2006, impediu a eclosão de um conflito religioso no Iraque e

²⁰ De acordo com o glossário de Napoleoni (2016), Salafismo é uma “seita islâmica que defende a adesão e observância rigorosa, literal, à doutrina islâmica. Surgida no século 19 como resposta à influência europeia no mundo islâmico, o salafismo é considerado puritano às vezes e quase sempre associado à jihad. Os salafistas estão localizados, em sua maioria, na Arábia Saudita, no Catar e nos Emirados Árabes Unidos e são considerados “a minoria dominante” no Oriente Médio.

incapacitou temporariamente sua organização (NAPOLEONI, 2016, p. 34)

Ainda de acordo com a autora, desta data em diante, houve o enfraquecimento dos grupos terroristas no Iraque devido a ações como o “Despertar Sunita”, onde anciãos convenceram a população a rejeitar as ideias jihadistas, além do reforço na estratégia militar americana. Somente em 2010, Abu Bakr al-Baghdadi se tornaria líder do que havia sobrado da Al-Qaeda no Iraque e teria se organizado para remodelar a estrutura do grupo e fortalecer a organização.

Foram necessários poucos anos para que o grupo se reorganizasse. Um dos atos de al-Baghdadi foi enviar soldados à Síria para espionagem da situação política no país. Tendo a resposta que a guerra civil na Síria estava prestes a eclodir, o líder do EI fez aliança com a Frente al-Nusra, braço da Al-Qaeda na Síria que fazia forte oposição ao governo de Bashar al-Assad. Tendo acesso ao armamento as estratégias da Al-Nusra, os grupos fundidos conseguiram o domínio de algumas cidades na Síria.

Entretanto, a aliança foi desfeita quando al-Baghdadi proclamou o seu Califado e tornou-se Califa, declarando-se ser o representante de Maomé. Isso incluía a servidão de todos os muçulmanos a ele, inclusive os membros da Al-Qaeda e da Frente al-Nusra. Os dois grupos negaram o controle a al-Baghdadi e iniciaram uma guerra entre eles por dominação política, territorial e geográfica. De acordo com matéria veiculada no portal de notícias G1²¹, atualmente, o EI contesta abertamente a autoridade do atual chefe da Al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri e rejeitou seu pedido de que se concentre no Iraque e deixe a Síria para a al-Nusra.

Pela primeira vez desde o fim da Segunda Guerra Mundial, um grupo armado conquistou força suficiente para redesenhar o mapa geopolítico no Oriente Médio. O EI estabeleceu novas (e/ou antigas) formas de governar um

²¹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/entenda-diferencas-e-semelhancas-entre-al-gaeda-e-estado-islamico.html>. Acesso em 13/10/2016 as 23:54

território. Se para alguns o grupo parece ser retrógrado objetivando a efetivação de um Califado regido sob as supostas leis de *Allah*, para outros, a organização se revela extremamente moderna, utilizando em ampla escala as mídias sociais para divulgar sua ação e sua ideologia, revelando uma forte campanha comunicacional e alcançando conhecimento mundial.

Em um território fragmentado política, social e economicamente, o Estado Islâmico tenta agir assegurando uma certa segurança à população, tal qual é dever de todo e qualquer Estado (apesar das investidas da oposição e de Estados estrangeiros). Por todos esses fatores, o califado ganha ares de um Estado moderno: posse de um território próprio, soberania (por enquanto reconhecida apenas internamente), legitimidade e sistema burocrático (NAPOLEONI, 2015, p.126). De acordo com a autora:

Em marcante contraste com a retórica dos talibãs e apesar do tratamento bárbaro que dá a seus inimigos, o Estado Islâmico vem disseminando uma eficiente mensagem política, em parte positiva, pelo mundo islâmico: o retorno do Califado, de um novo Período Áureo do Islã. Essa mensagem surge numa época de grande desestabilização no Oriente Médio, com a Síria e o Iraque ardendo em guerras intestinas, a Líbia à beira de um conflito de tribos rivais, o Egito fervilhando de cidadãos descontentes governados pelo exército, e Israel envolvido em mais uma guerra com os habitantes de Gaza. Assim, o renascimento do Califado sob o comando de um novo califa, al-Baghdadi, parece, aos olhos de muitos sunitas, não o surgimento de mais um grupo armado, mas o renascimento, das cinzas de décadas de guerras e destruição, de uma nova e promissora organização política. (NAPOLEONI, 2016, p. 17)

Nessa perspectiva, o Estado Islâmico se constitui na ordem do imaginário, como um grupo em busca de legitimação e, para alcançar seu objetivo, “projeta” aqueles que o “ouvem” e formula um discurso em que se representa como aquele que tem boas intenções. Com isso, busca a adesão dos sujeitos que o ouvem e pelo imaginário formulado em torno desses sujeitos buscando atender às suas demandas. Dentre essas demandas está o ressuscitamento do passado pelos valores tradicionais da religião de acordo com a sua interpretação. Apesar do uso de armas e da violência para legitimar seus atos em observância à ordem jurídica e os padrões de comportamento social, é um grande erro afirmar que o

El é um grupo retrógrado, uma vez que tem várias características de um Estado Moderno.

A infraestrutura tratada por Napoleoni (2016) diz respeito à forma de legitimação dos territórios que o El ocupa bem como o financiamento do grupo diante da população local. O El possui muitas peculiaridades se comparado aos outros grupos tidos como terroristas, como por exemplo, o Talibã, a Al-Qaeda, o Hamás, entre outros. A começar pela forma de domínio: o El trabalha fortemente para a aceitação dos cidadãos das cidades ocupadas, algo que Rousseau já denominava como contrato social, o verdadeiro instrumento de legitimação do Estado.

Isso se deve ao amplo programa de políticas públicas que o grupo oferece. Enquanto para os grupos “tradicionais” há o domínio e a tortura como formas de legitimação, o El entende que nenhum governo existe se não houver aprovação popular. Para isso, fornece eletricidade 24 horas por dia às comunidades dominadas, improvisa cozinhas para aqueles que perderam suas casas, tapa buracos nas estradas e faz campanha de vacinação contra a poliomielite.

Por baixo do verniz religioso e das estratégias terroristas, jaz, porém, uma máquina político-militar totalmente empenhada na criação de um Estado nacional, e mais surpreendente ainda, na busca da aprovação consensual e colaboração das populações remanescentes na esteira de suas conquistas territoriais. Moradores dos enclaves controlados pelo Califado afirmam que a chegada de combatentes do El coincide com melhorias na administração e no funcionamento diário de seus povoados (NAPOLEONI, 2016, p.18)

É nessa perspectiva, que surge o Estado Islâmico, usando a identidade árabe e mitologia dos antigos impérios como forma de legitimar sua ação. O objetivo é estabelecer um Estado regido tal qual pretendido por Maomé no século VII. Ou seja, é um movimento que busca se legitimar tanto interior quanto exteriormente. “A atuação do El no Oriente Médio aponta claramente para atos de dominação político-social-simbólica, que busca a homogeneização sociocultural nas áreas dominadas por este, com atos de grande violência” (DA SILVA, 2015, p. 256).

Essa retomada histórica não é aleatória, ao contrário, funciona como as condições de produção do discurso *sobre* o Estado Islâmico/islamismo, com vistas a significar o discurso presente no Alcorão como uma recitação, que tem um funcionamento ideológico e relações com o imaginário daqueles que ocupam o lugar do dominador, em relação aos dominados, que são os próprios islâmicos, que são levados a ‘morrer’ por *Allah*, esperando serem recompensados no paraíso.

1.3 Dispositivos teórico-metodológicos: movimento pendular

De acordo com Orlandi (2010), os dispositivos teóricos e analíticos dependem da questão de pesquisa a que o analista busca responder. Portanto, organizamos o arquivo nesta pesquisa em torno do discurso sobre na/da construção de efeitos de sentidos entre atentados e massacres, constituindo um arquivo a partir dos portais de notícias buscando no Google materialidades que resultassem das palavras “Estado Islâmico atentados Paris”. Obtivemos a partir dessas palavras-chave 860 mil links e constituímos o *corpus* analítico, considerando a questão de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

Verli Petri (2013) problematiza, de um lado, a constituição do *corpus* analítico na Análise de Discurso, posto que esse dispositivo não está pronto e acabado, muito menos possui a exatidão das fórmulas das Ciências Exatas. O dispositivo analítico da AD deve ser construído de acordo com o objeto de pesquisa e a questão sobre a qual o pesquisador se debruça para responder. Dessa forma, circula entre os pesquisadores da AD que “o dispositivo teórico-metodológico da AD se constrói num movimento pendular entre teoria e análise” (PETRI, 2013, p.40). Esse é uma diferenciação entre a AD e as demais disciplinas do conhecimento.

Por outro lado, Orlandi (2010, p.30) *apud* Petri (2013, p.41) assinala que “do ponto de vista da Análise de Discurso, ‘não há aplicação’: cada análise é uma análise, tem-se que voltar à teoria, construir um dispositivo analítico que é próprio ao material que se vai analisar”. Por isso, a metáfora do pêndulo é tão

relevante para a constituição do dispositivo analítico: é o movimento de *vaivém* do pêndulo funcionando na Análise de Discurso.

Em um primeiro momento, assimilamos o movimento oscilante à mobilização simbólica do pêndulo pela teoria discursiva: o pesquisador realiza o movimento de *vaivém* entre teoria e análise para constituir o dispositivo analítico. Entretanto, a autora vai além disso ao considerar que “temos que entender também as especificidades desse movimento e porque ele é tão significativo quando se trata de analisar o discurso, desconstruir conceitos e produzir deslocamentos de sentidos” (PETRI, 2013, p.41).

Para tanto, a característica principal de um pêndulo é a sua inércia – ou seu oposto, o movimento – capazes de constituir este objeto como tal. Se a inércia é a estabilização do movimento, para a AD, a inércia seria a estabilização de sentidos uma vez que o batimento entre teoria e análise cessariam e, com isso, os sentidos voltariam a ser estabilizados, mas como os sentidos dependem de sujeitos e de sua inscrição em formações discursivas, mesmo na estabilização os sentidos podem sempre ser outros, como destaca Orlandi (2010). Pressupondo que nenhuma outra força agisse sobre esse pêndulo, ele só teria a possibilidade de ir para leste e oeste, podendo ser considerado a teoria como leste e a análise como oeste (ou vice-versa). Discursivamente, entretanto, entre o vaivém do pêndulo há a memória funcionando, preenchendo e fazendo “furos”.

Em outras palavras, para a autora, “não há uma predeterminação que estabeleça onde tem início o movimento pendular que o analista de discurso realiza em seu trabalho” (PETRI, 2013, p. 42). Dessa forma, o dispositivo analítico pode ser trabalhado tanto primeiramente na teoria quanto na análise sem que haja perda ou alteração de resultado. O que irá diferir são os conceitos mobilizados para a análise.

A autora ainda vê dois ângulos sob os quais a AD pode ser vista considerando a metáfora do pêndulo: como um objeto material ao qual o analista interfere em seu funcionamento e como o movimento pendular interfere nas relações de sentido, agregando ou desprendendo sentidos. No primeiro caso, Petri considera o pêndulo como imperfeito, ou seja, entende que este objeto está

suscetível a correntes de ar, por exemplo, (discursivamente falando, a interferência do analista e da memória) que podem afetar no seu movimento leste-oeste. Para tanto, utiliza-se de uma nova metáfora, a da instalação:

[...] Para explicitarmos essa perspectiva, fazemos uso das linguagens próprias às artes plástica, propondo que ao analista de discurso caiba o trabalho do artista que produz uma “instalação”, interferindo no funcionamento que lhe era originalmente próprio. (PETRI, 2013, p. 45)

Ainda nos referindo às artes, essa instalação, de acordo com a autora, seria a “criação de um espaço sobre um espaço preexistente, alterando-o e alterando o seu uso, pois é uma estrutura que contesta o espaço onde se localiza [...] Nela, o público é espectador e interage”. (PETRI, 2013, p.45). Na perspectiva discursiva, o analista produz essa instalação no interior do discurso, através do movimento pendular, sendo o espaço contestatório confortável a ele que não deixa se seduzir pelas evidências, mas que “instala-se no interior mesmo do espaço discursivo para dali compreender a produção de sentidos” (PETRI, 2013, p.46)

No segundo caso, o movimento pendular interfere nas relações de sentidos e é pela relação de *vaivém* que pode ou não dar conta do dispositivo analítico. Isto porque o movimento do pêndulo é “imperfeito, e, na maioria das vezes, imprevisível também” (PETRI, 2013, p. 47) dado o caráter denso, opaco, resistente, poroso e outros tantos adjetivos que permeiam o trabalho pendular. A autora, que faz referência à ideia de Pêcheux quando diz que “as práticas científicas necessitam de instrumentos, mas o uso de instrumentos não garante que a prática científica ocorra de fato” (PÊCHEUX, FICHANT, 1971), se refere que o trabalho do pêndulo é de suma importância, mas cabe ao analista “estar sempre olhando criticamente para o seu trabalho” (PETRI, 2013, p.47) de forma a observar aquilo que os dispositivos teórico e analítico não dão conta.

Em relação a nosso trabalho, consideramos, para fins de análise, duas formações discursivas: a do Estado Islâmico – Oriente Médio – e dos Não-islâmicos – Ocidente e estruturamos a dissertação em três capítulos. A questão de pesquisa que norteou este trabalho e a delimitação do objetivo geral é: como no discurso *sobre* atentados e massacres a mídia constrói efeitos de verdade e

de legitimidade que homogeneízam sujeitos e sentidos? Para responder a essa questão, entendemos ser necessário colocar em suspenso os efeitos de sentidos de discursos *sobre* o Estado Islâmico/Islamismo que circularam de 2015 a 2016, perguntando como esses efeitos se constituem a partir de memórias e discursos que se atravessam e ancoram o dizer/falar *sobre*, tendo em conta a nomeação. Entendemos ser necessário desdobrar esse objetivo em outros mais específicos, que serão desenvolvidos nos três capítulos e suas subdivisões citadas na Introdução deste trabalho.

A constituição de efeitos de sentidos se dá também pelo lugar em que os discursos circulam, nessa investigação, a mídia digital e os funcionamentos de memória nela, destacando-se, a memória metálica em relação ao discurso *de* e discurso *sobre*. Desse modo, podemos identificar as posições-sujeito que esses veículos de comunicação possuem em relação ao grupo Estado Islâmico/Islamismo, fazendo com que os discursos produzidos por eles encaminhem para uma interpretação e não para outra.

Para dar conta dos seis objetivos propostos bem como responder a questão de pesquisa em análise, buscamos no Google o enunciado “Estado Islâmico atentados Paris” e, dessa forma, recortamos unicamente o acontecimento em Paris no dia 13 de novembro de 2015. Um dos motivos para este recorte é que desejávamos, também, incluir nas análises a carta que o Estado Islâmico divulgou que assumia a autoria desse acontecimento. Fizemos essa escolha para incluir o discurso que, num primeiro momento, acreditávamos provir de uma FD contrária aos veículos de comunicação em geral que havíamos selecionado.

A carta em questão era uma nota oficial do Estado Islâmico divulgada primeiramente para as agências de notícias ligadas ao grupo e, posteriormente, reproduzidas em larga escala por inúmeros veículos de comunicação a nível mundial. Desse modo, o acontecimento ganhou um alcance midiático sendo reportado e atualizado diversas vezes nos dias que se seguiram.

A seleção final das materialidades que constituem este trabalho se deu após uma ampla pesquisa e seleção de um arquivo sobre a temática. Em um primeiro momento, foram selecionadas as três maiores revistas (nos referindo à

tiragem de cada publicação) com circulação nacional, ou seja, as revistas Veja, Época e Istoé. Entretanto, observamos que o funcionamento discursivo presente nas reportagens sobre o tema era extremamente similar entre elas (apesar da posição-sujeito diferir) devido à inscrição em uma mesma Formação Discursiva dominante, a saber, a FD Ocidental. Ou seja, as três inscrevem-se numa mesma FD, mas ocupam posições-sujeito diferentes, o que para nós, neste trabalho, não forneceria base para o encaminhamento de uma conclusão.

Dessa forma, mudamos o meio de circulação dos veículos de comunicação impresso para os veículos de comunicação em redes digitais, destacando diferentes posições que os sujeitos ocupam nessas redes. Tendo isso em vista, destacamos mais uma vez como regularidade, nas materialidades analisadas, o nível de influência que os portais de notícia exercem sobre os leitores de acordo com o número de acessos. Para tanto, constituímos um arquivo com as materialidades dos 10 maiores portais de notícia *online* do mundo, sendo um de cada país que selecionamos: Brasil (G1), França (Le Monde), Estados Unidos (BBC), Inglaterra (CNN), Espanha (El País), Argentina (Clarín), Arábia Saudita (Al-Jazeera), Iraque (Al-Bawaba), Síria (WN) e Alemanha (Deutsche Welle).

Para obter esses dados, utilizamos o site gratuito *SimiliarWeb*, que analisa mais de 80 milhões de *sites* e três milhões de aplicativos móveis²² sistematizando os dados em 240 categorias em 60 países. Os números não são 100% precisos, mas oferecem uma base dos acessos a nível mundial fornecendo, inclusive, um *ranking*. De acordo com o site, o portal de notícias G1 se encontra na primeira colocação em número de acessos a nível nacional, ocupando a 5.435.152^a posição a nível mundial. O portal francês *Le Monde*, também, ocupa a primeira posição a nível nacional e a 401^a posição a nível mundial. Realizamos o mesmo processo para cada um dos sites selecionados e, dessa forma, fizemos um gesto interpretativo em nosso arquivo priorizando os números de acessos aos portais como referência de confiabilidade na informação.

²² Segundo dados da própria Companhia. <https://www.similarweb.com> Acesso em 27/10/2016 a 00:26

Consideramos as seleções dos portais recortados como inseridos em FD's diferentes de modo que os discursos produzidos por eles também poderiam ser diferentes entre si. Portanto, buscamos selecionar meios de comunicação em países distintos, com culturas distintas, de modo a observar como os acontecimentos foram significados em cada um deles e, ainda, constituíram efeitos de sentidos. Destacamos países com localizações geográficas distantes (salvo alguns casos específicos), mas que podem vir a inscrever-se em uma mesma FD.

SEGUNDO CAPÍTULO

DISCURSO DE E DISCURSO SOBRE NA MÍDIA: MOVIMENTO ANALÍTICO

[...] há uma necessidade, nesses indivíduos, de “serem juntos”, que ultrapassa até mesmo as condições postas pelo jurídico, que é a expressão da nossa forma de sujeito histórico governado pelo Estado. (ORLANDI, 2010, p. 12)

No segundo capítulo, objetivamos retomar teoricamente noções importantes para a Análise de Discurso demandadas pelo *corpus* e recortes realizados, quais sejam: Sujeito, Formações Discursivas, Formações Imaginárias e Formações Ideológicas em relação ao funcionamento da língua, da memória e dos sentidos na perspectiva discursiva. Também mapeamos os discursos que circularam nas mídias virtuais de forma a delimitar o *corpus*, com vistas a verificar as regularidades e deslocamentos em torno das designações tais como atentados, massacres e outros, considerando os conceitos de Forma-sujeito e Individuação do Sujeito.

Buscamos ancoragem teórica na Análise de Discurso centrando-nos em Pêcheux e em Orlandi, sem deixar de valorizar os pesquisadores que se formaram e deram início aos seus trabalhos a partir de Orlandi. Além de reler Pêcheux, a pesquisadora tem avançado e transformado o campo teórico o qual teria perdido espaço se não houvesse pesquisadores interessados em dar sequência aos conhecimentos por meio de pesquisas científicas que dão visibilidade ao que tem sido feito, especialmente, no Brasil (o que nos interessa particularmente).

Iniciamos a abordagem dos dispositivos teóricos pela noção de Formação Discursiva, pois ela é o lugar material da ideologia e demanda outras noções para a realização das análises. A importância desses dispositivos está na

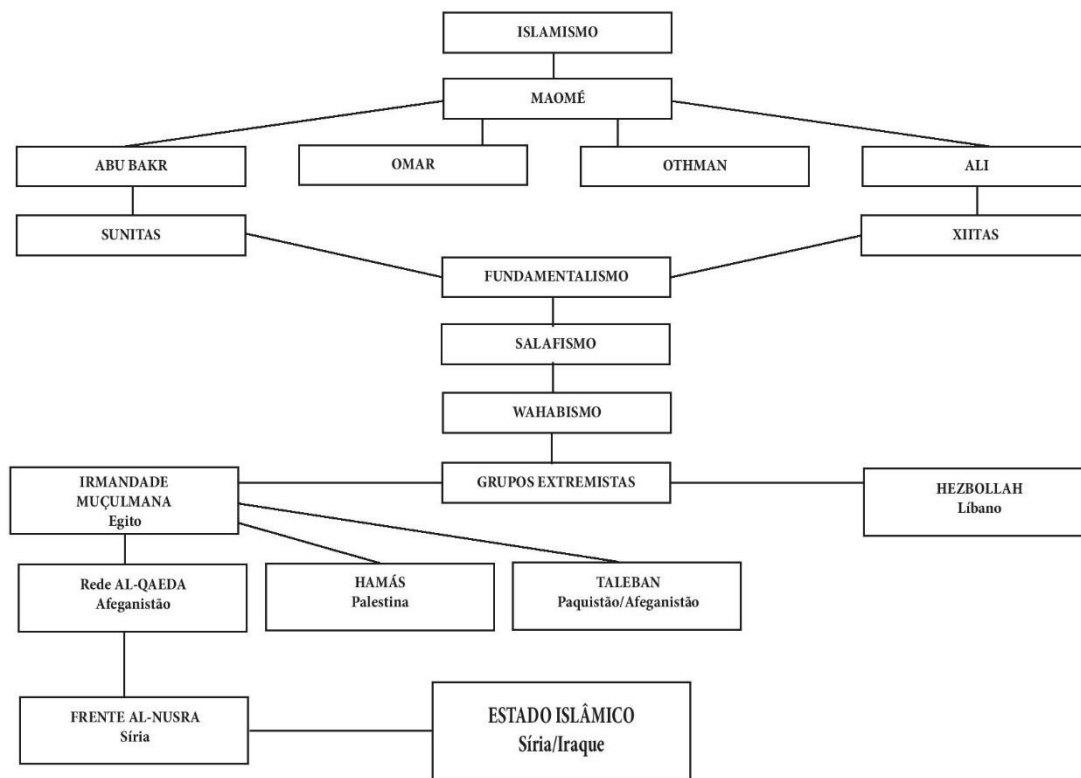
pesquisa e no gesto interpretativo pelo qual o pesquisador/analista recorta o corpus e, de certa forma se desnuda, se dando a ver e a significar. Pelo recorte, o objeto discursivo é analisado.

2.1 Formação Discursiva: o funcionamento do antagonismo e da contradição

Na perspectiva discursiva, o sentido decorre, segundo Pêcheux (2010), dos desdobramentos dos sujeitos em locutor – responsável pelo dizer – e sujeito universal, que detém todos os saberes que estão no interdiscurso. Desse modo, o sentido vai depender da inscrição do sujeito em formações discursivas (FD's) que determinam o seu dizer e também o não-dizer.

O que nos chama a atenção no discurso *sobre* na/da constituição de efeitos de sentidos entre atentados e massacres é o fato de que a mídia tem homogeneizado o discurso, tomando todos por uma parte, separando de forma estanque o Ocidente e o Oriente Médio. Por meio disso, a mídia constrói um discurso de igualdade, em que todos os que vivem no Oriente Médio são extremistas. Trata-se de uma simplificação e, com o objetivo de desnaturalizar esse funcionamento, elaboramos um texto-imagem em forma de organograma com vistas a mostrar a complexidade do Islamismo - FD Dominante -, que foi se dividindo e constituindo outros grupos (várias outras FD's). A validade desse texto-imagem está em colocar em suspenso os dizeres e saberes que circulam na mídia, especialmente, porque há uma generalidade em torno de quem são e como age o grupo extremista Estado Islâmico:

Texto-imagem 1: Organograma do Islamismo e suas divisões



Fonte: Paula Fernandes

Com base no texto-imagem em forma de organograma e nas discussões empreendidas no primeiro capítulo, consideramos que a Formação Discursiva dominante do Islamismo não é homogênea ideologicamente. Ela é porosa e busca constituir efeitos de homogeneidade pelo discurso autoritário que vem do Alcorão, o qual determina o comportamento dos sujeitos que se inscrevem nessa Formação Discursiva. Um dos discursos que dá legitimidade ao discurso do Alcorão e sustenta a sua pretensa 'verdade', no que tange ao surgimento da religião com as aparições do anjo Gabriel ao Profeta Maomé, é aceito pelos sujeitos dessa formação discursiva, independentemente da posição-sujeito que ocupam.

A inscrição do sujeito em uma Formação Discursiva ou outra determina os sentidos. Segundo Pêcheux, as FD's são entendidas como "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve*

ser dito” (Pêcheux, 2010, p.147, grifos do autor). Ou seja, não há a literalidade no sentido, pois as palavras variam de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos que as enunciam. Conforme o autor:

[...] se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente ‘evidentes’ – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. De modo correlato, se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada, ‘ter o mesmo sentido’. (Pêcheux, 2010, p. 147-148)

Isso significa que as formações discursivas correspondem às formações ideológicas, podendo ser definidas como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras” (Pêcheux, 1997, p.166). Ou seja, quer dizer que todo o discurso é ideologicamente marcado.

Dessa forma, o sujeito da AD é constituído pela sua inscrição em uma determinada FD e a seus dizeres. Entretanto, pode filiar-se a mais de uma FD e assumir diferentes posições-sujeito dependendo do lugar do qual fala, dentro de uma mesma FD. Além disso, pode tanto reproduzir os discursos da FD a qual se filia, quanto se identificar, contra-identificar ou desidentificar (trataremos de forma mais efetiva sobre as formas de identificação do sujeito no próximo capítulo, já no capítulo analítico deste trabalho). Desse modo, os discursos são regulados pela FD, possuindo uma ligação direta com a ideologia.

Dessa forma, a contradição e o antagonismo dentro da FD citada ocorrem a partir da divisão entre sunitas e xiitas, sendo esta a primeira distinção na FD dominante (Islamismo). Com isso, inaugura-se o efeito da polissemia nos

discursos sobre o Islamismo. Embora possamos distinguir os praticantes do Islamismo como um todo (muçulmanos) dos grupos terroristas (extremistas islâmicos) dentro da FD Islamismo, não podemos afirmar que há somente células extremistas sunitas ou xiitas, pois existem exemplos de ambas as filiações. Por isso, inaugura-se a FD Grupos Extremistas, composta pelas duas vertentes. Ou seja, novamente há uma contradição dentro de outra FD.

Consideramos também a Irmandade Muçulmana como uma FD dominante, abrangendo outras FDs dentro do discurso. Entretanto, essa FD também é contraditória porque deu origem a diferentes grupos extremistas que se aliam ou se separam conforme a necessidade bélica-política-geográfica. O mesmo acontece com o grupo Estado Islâmico, que primeiramente se aliou com a Frente Al-Nusra (braço da Al-Qaeda no Iraque), mas posteriormente rompeu com a mesma instaurando uma nova Formação Discursiva.

Por todos esses fatores, há evidências de que o conflito de separação dentro do Islã resulta do funcionamento (em uma mesma Formação Discursiva – a do Islamismo) da contradição, posto que há duas posições-sujeito (tendências) e uma mesma luta pelo poder político e religioso. No que entendemos como contradição, sinalizamos para o funcionamento de diferentes posições-sujeito dentro de uma mesma FD, o que dá visibilidade para o fato de que as FDs não possuem fronteiras rigidamente marcadas. Em cada posição-sujeito destaca-se o trabalho da ideologia, com vistas a instauração de uma hegemonia, cujo resultado imediato é o conflito e a longo prazo o desejo de separação.

Desse modo, o panorama que se apresenta é de que o Islamismo é uma religião ampla que comporta várias vertentes, entre elas, os grupos terroristas que são responsáveis por inúmeros atentados desde a década de 70 com o fortalecimento da Irmandade Muçulmana. Ou seja, há o imaginário que circunda o Islamismo como sendo a religião do terror, uma vez que uma pequena parcela dos que compartilham a crença muçulmana é que é responsável pela contestação/resistência dentro desta doutrina religiosa, não correspondendo aos preceitos básicos do Islamismo como “a afirmação da absoluta unicidade e

transcendência de Deus e a crença na comunidade profética dos irmãos, pois todos são criaturas de Deus e devem se entreatuar” (BOFF, 2009, p. 25).

2.2 Forma-sujeito e formas de individuação do sujeito

Na Análise de Discurso de linha francesa, o reconhecimento do sujeito sobre a Formação Discursiva a qual ele está inserido, ou seja, a qual ele é constituído enquanto sujeito, é chamado de “modalidades da forma-sujeito” e sinaliza para o modo como ele se inscreve em relação à forma sujeito. Pêcheux (2010, p.147) conceitua que “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos do seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Ou seja, o sujeito ao formular seu discurso é atravessado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, de forma que o seu dizer está contido num todo complexo dominante da Formação Discursiva ao qual ele está inserido, podendo identificar, contra-identificar ou desidentificar-se com ela. A isso, o autor deu o nome de “forma-sujeito” que ocorre por meio da tomada de posição. Pêcheux (2010, p. 160) explica o funcionamento deste conceito nos termos:

[...] A tomada de posição resulta de um retorno do ‘Sujeito’ no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele ‘toma consciência’ e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus semelhantes’ e com o ‘Sujeito’. O ‘desdobramento’ do sujeito – como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ – é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ele designa o engodo desta impossível construção da exterioridade no *próprio interior do sujeito* (PÊCHEUX, 2010, p.160 – grifo do autor)

De acordo com Indursky (2008, p.160), não se trata de um sujeito com unicidade, mas sim um sujeito fragmentado que ocupa diferentes posições-sujeito e são elas que abrirão espaço para uma FD heterogênea. Dessa forma, o sujeito pode inscrever-se em mais de uma FD justamente porque elas são porosas e permitem este tipo de movimento.

Pêcheux (2010) propõe pensar nas modalidades de tomada de posição do sujeito. Conforme o autor, a identificação se caracteriza pela reduplicação da identificação, de modo que o sujeito reproduz os saberes da FD com os quais se identifica. Trata-se do “bom sujeito”, ou seja, de um reflexo da forma-sujeito da FD que o domina, ou seja, que não se contrapõe nem indaga sobre os discursos produzidos por ele que estão inscritos numa determinada FD. Como exemplo, podemos citar o sujeito inscrito na FD do Estado Islâmico, que parte da premissa que os sujeitos que participam desse grupo são soldados que podem vir a ser mártires se praticarem atos condizentes com os preceitos do EI. Dessa forma, o sujeito se identifica plenamente com a forma-sujeito da FD que o interpela, aceitando e reproduzindo os saberes inscritos nessa FD.

Na contra-identificação, o sujeito do discurso, por meio de uma tomada de posição, contesta os saberes correspondentes à FD na qual está inscrito, se contrapondo a eles e à forma-sujeito da FD em que se inscreve. É o que Pêcheux (1997^a) chama de “mau-sujeito”. Entretanto, essa contra-identificação é apenas parcial, pois o sujeito não rompe totalmente com a FD que o domina, mas passa a questionar alguns saberes inscritos nela, contrapondo-se a eles. Como exemplo de contraidentificação, podemos pensar em um sujeito inscrito na FD do Estado Islâmico, mas que ajuda crianças ocidentais ou xiitas a fugirem dos atos violentos protagonizados pelo grupo. Ou seja: o sujeito está inscrito na FD do Estado Islâmico, mas se contraidentifica com o saber que toda e qualquer pessoa ocidental ou muçulmana deve morrer, incluindo crianças.

A terceira modalidade caracteriza-se pela ruptura do sujeito com a forma-sujeito da FD que o domina, ou seja, o sujeito do discurso se desidentifica com uma dada FD e com os saberes provenientes dela, passando a se identificar com outra FD e com sua forma-sujeito correspondente. Para exemplificar essa desidentificação, podemos pensar em um sujeito que estava inscrito na FD do Estado Islâmico, mas que rompe com ela inscrevendo-se em uma outra FD que nega os saberes da primeira, ou seja, agora o sujeito pode estar inscrito em uma FD que condena o uso da violência para legitimar seus atos. De acordo com Zandwais (2009, p.33):

[...] É, pois, em Semântica e Discurso que Pêcheux aproxima-se e assume, de modo concreto, sua ótica marxista-leninista. Ao

tratar dos aparelhos ideológicos de Estado, ele passa a observar que estes não são ‘puros instrumentos da classe dominante’, ‘máquinas ideológicas’, mas que comportam, ao contrário, um conjunto bem complexo de relações de contradição-desigualdade-subordinação, de tal modo que as lutas de classe, a contradição de interesses que se processam em seu interior, podem contribuir tanto para a reprodução, como para a transformação das práticas, dos saberes ideológicos dominantes, servindo a interesses de classe diferentes, e configurando, em síntese, a ‘cena própria da luta ideológica de classes’ (ZANDWAIS, 2009, p. 34)

Não obstante as formas de identificação do sujeito, há de se levar em consideração, também, as formas de individuação do sujeito na formação social contemporânea. Ao passo que a primeira “restringe” a identificação do *eu*, a segunda procura analisar de que forma esse *eu* está inserido na formação social atual, podendo também ser considerada um fator para a condição de produção do discurso e reduplicação da ideologia enquanto práxis. Assim, os sujeitos inserem-se em diferentes Formações Discursiva e outras discursividades são postas em suspenso para que as palavras possam reclamar por outros sentidos.

Tomamos como ponto de partida a formação social a qual os sujeitos estão inseridos, sendo governados pelo Estado e, portanto, pelas leis (discurso jurídico). Os sujeitos são individuados em uma certa formação social, ou seja, pelo que o Estado interpreta ser o dever de todo cidadão agir de uma determinada forma imposta. Dessa maneira, os sujeitos que não agem como são obrigados, são considerados como criminosos, ou o comumente conhecido “foras da lei”.

Orlandi (2010) propõe pensar a formação social de duas formas, vertical e horizontalmente. Na primeira forma, “há uma ilusão na relação inclusão/exclusão” de maneira que o sujeito pode sempre melhorar mais caso cumpra seu papel pré-determinado pelo Estado, “subindo na vida”. Na segunda forma, a horizontal, o que importa é o lugar ocupado pelo sujeito, ou seja,

[...] o sujeito ou está dentro – e tem sua colocação, o seu lugar – ou está for. Não é mais o paradigma da inclusão/exclusão mas o da segregação. Não há a ilusão de possibilidade de ascensão vertical. Há a luta heroica do sujeito para ter um lugar qualquer (centro/periferia). Domínio das relações individualistas, da fragmentação, da urgência. (ORLANDI, 2010, p.13)

Entendemos as diferentes formas de individuação do sujeito enquanto ser simbólico, clamando por sentidos e inserindo-se no que Eni Orlandi (2010, p. 14) denomina como “tópica cívica”: lugares/espços de significação “que fazem com que os sujeitos se constituam, se individuem, se identifiquem, tomando suas posições-sujeito sociais”. Ou seja, são lugares onde a presença/falha do Estado se mostra e o indivíduo tem a possibilidade de romper com a estrutura jurídica/política/administrativa que o interpela, não mais se identificando com a ideologia que o afeta.

Enquanto subjetivados pelo Estado, os indivíduos se encontram inseridos na Mundialização/Globalização, ou seja, inscritos em “uma ideologia (o liberalismo), uma moeda (o dólar), um instrumento (o capitalismo), um sistema político (a democracia) e uma língua (o inglês)” (ORLANDI, 2007, p.04). Ao romper com essa formação social, o sujeito passa de subjetivado pela Mundialização/Globalização e insere-se em Comunidades (que trataremos mais adiante), ou seja, o sujeito passa a ser interpelado por outra ideologia ao se inscrever em outra FD produzindo outros discursos que são regulados também pela “nova” ideologia que o afeta.

Dessa forma, recorreremos novamente à historicidade do Islamismo, dos muçulmanos e do Estado Islâmico para que possamos entender como se dá os processos de individuação desses sujeitos. Como já dito anteriormente na seção 1.1 deste trabalho, os muçulmanos migraram para a Europa em três ondas. Com o enfraquecimento econômico do continente, o grande número de islâmicos que passavam temporariamente na região, tornaram-se moradores fixos, ou seja, cidadãos europeus (ainda que ilegais até a política de acolhimento definitivo pela França, especialmente). Com um cenário multifatorial de diferenças entre os franceses nativos e os “novos franceses”, que foi delineado majoritariamente pela falta de políticas públicas direcionadas a essa população, a desidentificação dos sujeitos desse último grupo (descendentes de muçulmanos que moravam na França e viviam sob condições sociais e econômicas precárias) com a França passou a ser um fator crescente no país. Dessa forma, de acordo com Orlandi (2010):

[...] os sujeitos têm necessidade de estabelecer laços com grupos que funcionem como instituições, paralelas às do Estado, quando este falha, para se individualar, e assim poder entrar em processos de identificação que os signifiquem e que eles signifiquem. Esses grupos legitimam suas existências. (ORLANDI, 2010, p. 16)

No caso específico de nosso trabalho, perguntamo-nos quem são os sujeitos envolvidos no acontecimento recortado, uma vez que os sujeitos interpelados pela ideologia do Estado (discurso jurídico), rompem e inserem-se num grupo denominado “Estado Islâmico” em busca de um lugar social que seja condizente com a “nova” ideologia a qual é interpelado.

Após a sistematização dos dados, constatamos que os sujeitos que realizaram os acontecimentos de Paris possuem a regularidade de serem jovens (na faixa etária de 20 a 31 anos) e todos descendentes de muçulmanos que moravam na Bélgica ou na França, sendo esses países os que mais receberam as migrações islâmicas. Elaboramos um quadro que sistematiza o perfil dos 14 envolvidos no acontecimento²³:

Texto-Imagem 2 – Perfil dos envolvidos nos acontecimentos de Paris

NOME	ORIGEM	MORADIA	IDADE	ATUAÇÃO
Abelhamid Abaaoud	Bélgica	Bélgica	31 anos	Mentor
Ismaël Omar Mostefäi	França	França	29 anos	Bataclan
Bilal Hadfi	França	Bélgica	20 anos	Stade de France
Ibrahim Abdeslam	Nascido na Bélgica e com	Bélgica	30 anos	Bar Comptoir Voltaire

²³ Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/veja-de-onde-sao-e-por-onde-andaram-os-suspeitos-dos-ataques-de-paris.html> Acesso em 13/01/2017 as 06:05

	nacionalidade francesa			
Salah Abdeslam	Nascido na Bélgica e com nacionalidade francesa	Bélgica	26 anos	
Samy Amimour	França	França	28 anos	Bataclan
Hamza Attou	Bélgica	Bélgica	21 anos	Bataclan
Mohamed Abrini		Bélgica		
Mohamed Amri	Nascido no Marrocos e com nacionalidade belga	Bélgica	27 anos	
Jawad Bendaoud		França		
Ali O.		Bélgica		
Lazez A.		Bélgica		
Não identificado				
Não identificado				

Fonte: Paula Fernandes

Observação: Os quadros que estão em branco não foram preenchidos por falta de informações precisas.

Dessa forma, é o funcionamento da formação social que nos interessa. É saber de que forma o sujeito se insere no espaço simbólico em busca de identificação. Para tanto, desloca-se do todo, da “mundialização”, individuando-se nas chamadas “comunidades”, onde as estruturas acima citadas já não são mais as mesmas do Estado. Nessas comunidades, as leis que regem esses espaços são próprias do grupo.

Dessa maneira, analisamos que esses sujeitos protagonistas dos acontecimentos a Paris contraidentificam-se com a Formação Discursiva a qual estavam inseridos, ou seja, a FD Ocidental, ao não possuírem um lugar nesta formação social capitalista (uma vez que a França e a Bélgica não possuíam políticas públicas direcionadas à integração real de muçulmanos nesses países). Portanto, buscaram identificação na forma de individuação em uma outra comunidade a qual tivessem representatividade, ou seja, um lugar social. Dessa forma, se filiaram ao grupo extremista Estado Islâmico acreditando ser este o grupo que mais os representava (ou seja, que mais se identificavam) muito em parte ao bombardeamento de publicidade que o grupo realiza para atrair combatentes. Não ao acaso, esse tipo de publicidade é direcionado a crianças e jovens.

Ainda em análise, constatamos que o grupo Estado Islâmico abriga instâncias administrativas, jurídicas, políticas, religiosas e tantas outras, tal como qualquer Estado no modelo Ocidental abriga. Ou seja, dentro da comunidade que é o Estado Islâmico, há uma certa ordem que rompe com o padrão ocidental na formação social vigente. Podemos citar inúmeros exemplos acerca disso. Se para o Estado tradicional²⁴ a regularidade sobre quem vive e quem morre²⁵ se

²⁴ Chamaremos de “Estado tradicional” os Estados que estão nos moldes civilizatórios do padrão Ocidental em contraponto ao grupo Estado Islâmico que, apesar do nome, não é caracterizado como um Estado tal qual a primeira definição que escrevemos, mas sim, um grupo que se legitima através de práticas sociais inscritas em outra Formação Discursiva.

²⁵ Considerando os Estados onde a pena de morte é autorizada/legalizada em base jurídica.

dá pela lei jurídica, no Estado Islâmico, essa decisão é posta com base nos preceitos religiosos que se entrecruzam com os jurídicos. Dessa forma, os sujeitos inscritos nessa formação social organizada pelo Estado Islâmico devem portar-se de acordo com o que a instância administrativa do grupo regulariza/impõe (como a obrigação de seis orações ao dia, por exemplo). Continuando nesse exemplo, caso o sujeito inscrito nessa FD se contraidentifique e descumpra a norma da oração, poderá ser morto pelo grupo sob a alegação de descumprimento da lei (que, novamente, reafirmamos não ser apenas jurídica, mas grande parte, de instância religiosa).

Dessa forma, constatamos a diferença entre a Formação Discursiva Ocidental e a Formação Discursiva do Estado Islâmico. Se, para a primeira, o que regula a formação social é a instância jurídica, para a segunda, o que regula a formação social é a instância religiosa que se une à instância jurídica. Portanto, os discursos produzidos pelos sujeitos das duas Formações Discursivas acerca da vida-morte (continuando no exemplo) será diferente entre eles, pois o funcionamento ideológico nas duas FD's é diferente. Tal qual o caso da delinquência trabalhado por Orlandi (2010), o caso do Estado Islâmico possui o mesmo funcionamento. De acordo com ela:

[...] é fundamental a forma com que esse sujeito é individuado ali nas relações com aquele grupo, o lugar onde ele está (tópica do grupo), porque, é do sentido que resulta disso que depende a vida dele, absolutamente. A questão de vida e morte não está em valores gerais atribuídos a uma sociedade como a nossa que é uma sociedade capitalista com sua forma histórica, jurídica, institucional. Na nossa formação social, temos o jurídico, temos os direitos e os deveres referidos por instituições e discursividades estabelecidas. No espaço da delinquência não são esses dispositivos que funcionam. O que funciona é a vida do dia-a-dia e o que se pode dizer dela, o lugar em que você está, na relação direta com quem tem o poder de decisão. A discursividade é outra. (ORLANDI, 2010, p. 29)

Dessa maneira, nos perguntamos quem eram os sujeitos protagonistas dos acontecimentos a Paris com vistas a analisar a forma de individuação desses sujeitos na formação social, ou seja, a posição-sujeito que ocupavam nessa sociedade através da identificação/contraidentificação/desidentificação com a Formação Discursiva a qual estavam inseridos. Constatamos que, os sujeitos,

ao se contraidentificarem com essa FD, inscrevem-se em outra (a saber, a FD Estado Islâmico) em busca de um lugar social, sendo essa FD diferente da primeira por possuir outro funcionamento. Assim, os sujeitos antes inscritos na mundialização/globalização agora inserem-se em comunidades, e é a partir do funcionamento social e ideológico que eles irão produzir seus discursos, pois o lugar do qual se fala é constitutivo do que se diz. Portanto, os discursos produzidos pelos sujeitos do Estado Islâmico são diferentes dos sujeitos inscritos na FD Ocidental. É o funcionamento da ideologia ocidental que é posto em jogo.

2.3 Formação Ideológica

No que tange à Análise de Discurso de Linha Francesa, consideramos três grandes áreas do conhecimento, nas quais Pêcheux realiza sua pesquisa. A Psicanálise em uma leitura de Lacan sobre o trabalho de Freud, o Marxismo em uma leitura de Althusser sobre o trabalho de Marx e a Linguística numa leitura de Pêcheux sobre o trabalho de Saussure. Neste momento, vamos nos ater ao Marxismo em uma perspectiva discursiva.

Nesse sentido, entendemos o Marxismo como a reprodução das relações de produção inerentes a base econômica que Marx propôs, ou seja, consideramos a superestrutura ideológica como o materialismo histórico onde “o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como ‘determinado em última instância’ pela instância econômica” (PÊCHEUX, 1997, p.165).

Nesse funcionamento da instância ideológica na reprodução das relações de produção que Pêcheux conceituou assujeitamento, ou seja, o modo com que

[...] cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção. (PÊCHEUX, 1997, p. 166 – *grifos do autor*)

O sujeito é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente, mas se constitui pela ilusão de liberdade de expressão por acreditar que o dizer não pode ser outro, decorrente do esquecimento número 2, da ordem da

enunciação, tendo a ilusão também, de ser a origem do dizer, decorrente do esquecimento número 1, da ordem da ideologia. Indursky (2008), quando refere aos desdobramentos do sujeito e as modalidades de identificação, destaca que o sujeito, quando se desidentifica, sai de uma FD e se inscreve em outra, tendo a ilusão de que é livre e esquece o seu assujeitamento.

Segundo Pêcheux (1997, p. 166) a Formação Ideológica é definida como “[...] um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras”. Decorre daí a relação entre a Formação Discursiva e a Formação Ideológica, tendo em vista que todo discurso é ideologicamente marcado a partir do sujeito e de sua filiação.

Ainda segundo Pêcheux (1997), não há discurso caso não haja um sujeito e, o sujeito sempre é ideológico, mesmo que se diga livre para dizer e pensar sobre o que quiser. Dessa forma, os sentidos, como já referimos anteriormente, dependem da filiação do sujeito, pois é a partir dessa filiação que as palavras significam e, também, que memórias e discursos retornam legitimando determinados efeitos de sentidos e apagando outros. O modo como o sujeito se posiciona e a forma como se constituem evidências de homogeneidade decorrem da Formação Ideológica, ou seja, a Formação Discursiva é a representação da Formação Ideológica. De acordo com Pêcheux:

[...] as formações ideológicas que acabamos de falar ‘comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias *formações discursivas* interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura”, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX, 1997, p. 166-167 – *grifo do autor*)

Não há, portanto, como pensar a ideologia sem referir às formações discursivas e a luta de classes, tendo em vista que o sujeito não significa na individualidade, mas na formação social, falando e se posicionando de acordo com as determinações ideológicas que resultam da posição que assume. Isso não significa, entretanto, que o sujeito se posicione sempre da mesma forma, muito pelo contrário, o sujeito, a partir das formações imaginárias e relações de

força, organiza o dizer em função de quem o ouve e do modo como 'ouve' o seu próprio dizer, do lugar do outro, como diz Orlandi (2010, p. 39)

Orlandi (2010, p. 46) destaca que a ideologia é a condição de existência do sujeito e dos sentidos, pois “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Com isso, segundo a mesma autora, inaugura-se a discursividade. É preciso a inscrição da língua na história para que os efeitos de sentidos possam ser produzidos e significados.

Isso significa que os sentidos não estão na literalidade, mas na ideologia, nas memórias e discursos que retornam, enfim na construção de evidências de verdade e de homogeneidade decorrentes da ideologia. Orlandi (2010, p.45) diz que a ideologia “não nos deixa perceber seu caráter material, a historicidade de sua construção”. Dessa forma, os sentidos são apagados e só se constituem em decorrência do sujeito e da posição que esse sujeito ocupa ou se inscreve.

Ainda de acordo com a autora, “para que haja sentido [...] é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeita a falhas – se inscreva na história” (ORLANDI, 2010, p.47). Isso significa, em resumo, que o sentido se constitui pela relação entre sujeito (afetado pela língua) e história na forma de interpelação do sujeito pela ideologia.

É no trabalho da ideologia que se constituem efeitos de evidências que naturalizam determinados sentidos pelo trabalho do simbólico e pela língua na história, homogeneizando os sentidos.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever. (ORLANDI, 2010, p. 47)

Sujeito e ideologia estão intrinsecamente ligados, pois o sujeito só produz sentidos se houver o trabalho da ideologia na sua naturalização. É como se o sentido estivesse sempre lá, apagando a interpretação e a opacidade própria da

língua – que não permite apenas um sentido -, “para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências [...]” (ORLANDI, 2010, p.46).

2.4 Formação Imaginária

O funcionamento do imaginário se dá pelas condições de produção do discurso que abrangem fundamentalmente os sujeitos, as condições sócio-históricas e a memória. No que tange ao sujeito, podemos pensar em uma imbricação que reúne a relação de sentidos, o mecanismo de antecipação e a relação de forças. A esse conjunto, Eni Orlandi (2010) chama de Formações Imaginárias.

De acordo com a autora (2010), a relação de sentidos se dá na ligação de um discurso com outros discursos, ou ainda, nas palavras dela, “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (2010, p.39). Dessa forma, um discurso não tem começo nem fim, pois sempre está relacionado a outros que o sustentam.

Já o mecanismo de antecipação, liga-se à argumentação, uma vez que diz respeito à imagem que o sujeito projeta de seu interlocutor, quer dizer, “todo sujeito tem a capacidade de [...] colocar-se no lugar em que seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem” (2010, p.39). Dessa maneira, o mecanismo da argumentação é regulado de acordo com as projeções realizadas, buscando atingir o interlocutor.

A relação de forças é um mecanismo relacionado à projeção de sujeitos, mas considera o lugar que o sujeito ou interlocutor está ocupando, ou seja, “o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (2010, p.39). Considerando uma formação social hierarquizada como a nossa, temos que a posição que o sujeito ocupa ao produzir o discurso terá mais ou menos valia. Usando o mesmo exemplo que Eni Orlandi (2010, p. 42) destaca que a fala do professor vale (significa) mais que a do aluno, pois, dentro de uma sala de aula,

a voz do professor possui mais autoridade que a voz de um aluno. Ainda de acordo com a mesma autora:

Resta acrescentar que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos Formações Imaginárias. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos nos discursos. Essa é a distinção entre lugar e posição” (ORLANDI, 2010, P.40)

Essas projeções são resultado, em parte, do grande número de muçulmanos presentes na Europa (portanto, no Ocidente) e também do aumento do número de atentados terroristas nesta região realizados por grupos extremistas que, geralmente, são islâmicos. A ligação dos dois fatores contribui para que o imaginário social da população muçulmana fosse criado: se é islâmico²⁶, é um terrorista (nem que seja, em potencial). De acordo com Orlandi (2010, p.42):

[...] É bom lembrar: na análise de discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo com as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. (ORLANDI, 2010, p.42)

O grande número de muçulmanos na Europa se deve à grande migração muçulmana que ocorre até os dias atuais, conforme já tratamos anteriormente²⁷. O número é tão expressivo que, hoje, constitui uma questão importante para os países ocidentais no que tange à política, educação, religião e até mesmo segurança, como veremos mais adiante. Ainda de acordo com o autor, “[...] Os novos imigrantes muçulmanos vieram de países muito mais pobres, eram

²⁶ No caso deste trabalho, consideramos a designação “islâmico” o mesmo que muçulmano, nos remetendo a ideia daquele que é fiel à religião Islâmica.

²⁷ Rever na página 25 as três grandes ondas migratórias de muçulmanos para a Europa de acordo com o historiador Peter Demant.

fisicamente diferentes e a distância cultural para com a população europeia era muito maior” (2015, p.170).

Essa disparidade étnica e cultural gerou certos problemas aos governos ocidentais, que trabalharam a questão de diferentes formas. Para nós, neste momento, interessa nos ater aos dados franceses. Continuando de acordo com Peter Demant,

A França – país que tem maior experiência histórica com o mundo muçulmano e hoje é proporcionalmente o lar da maior população muçulmana da Europa – oferece um exemplo alternativo [*em relação aos outros países ocidentais*]. Como fizera em seu império, a metrópole facilmente aceitava os imigrantes, mediante sua assimilação e secularização obrigatórias; ou seja, *os muçulmanos precisam se tornar franceses “como os outros”,* o que implicava na privatização da religião. Contudo, isto é alheio à autopercepção muçulmana, o que conduziu a vários conflitos (...). Nas escolas, por exemplo, o lenço (hijab) era proibido por parecer “tentativa de propaganda religiosa num local público” – a França insistia em separar o Estado da Igreja. Para os pais muçulmanos, por outro lado, a preservação do recato das filhas simbolizava não apenas valores étnicos de honra contra a vergonha, mas expressava ditames religiosos. Para as próprias garotas, um sinal externalizado nas vestimentas significava às vezes assumir a identidade distinta como protesto contra as pressões e o (crescente) racismo da sociedade francesa. (DEMANT, 2015. p 174 – *grifos nossos*)

Pela Análise de Discurso de linha francesa, consideramos que o discurso não é meramente transmissão de informações entre A e B, mas sim de “efeitos de sentido entre A e B” (PÊCHEUX, 1997, p.82). Consideramos também que A e B ocupam posições e que estas não são posições físicas nem individuais, mas sim, projeções. De acordo com o autor, “[...] se o que dissemos antes faz sentido, resulta, portanto, dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1997, p.82).

Dessa forma, há o jogo das relações imaginárias trabalhando nos processos discursivos, posto que é este imaginário que supõe os outros e a si mesmo para que ocorra e regule o dizer. Ainda de acordo com o autor:

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem a cada um *a si a ao outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações). (PÉCHEUX, 1997, p.82 – *grifos do autor*)

Dessa maneira, a formação imaginária trabalha discursivamente no fortalecimento de estereótipos da população muçulmana. Basta um homem, com traços físicos como os de muçulmanos, adentrar em uma plataforma de trens na Europa, para o discurso surgir “Este aí pode ser terrorista”. Este imaginário provém das diversas formações que

[...] resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) que deixaram de funcionar mas deram nascimento a ‘tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco (PÉCHEUX, 1997, p.85)

Ao passo que, para os franceses nativos, há o imaginário negativo e ameaçador sobre os muçulmanos que residem na França (até porque, dos nove envolvidos aos acontecimentos coordenados a Paris, quatro possuíam nacionalidade belga e cinco possuíam nacionalidade francesa, sendo todos descendentes de muçulmanos), a grande maioria muçulmana “legítima” (que segue os preceitos do Alcorão sendo sunitas ou xiitas, mas que se encaixam na maioria esmagadora dos não-extremistas), possui imaginário negativo sobre os grupos extremistas tal qual o Estado Islâmico.

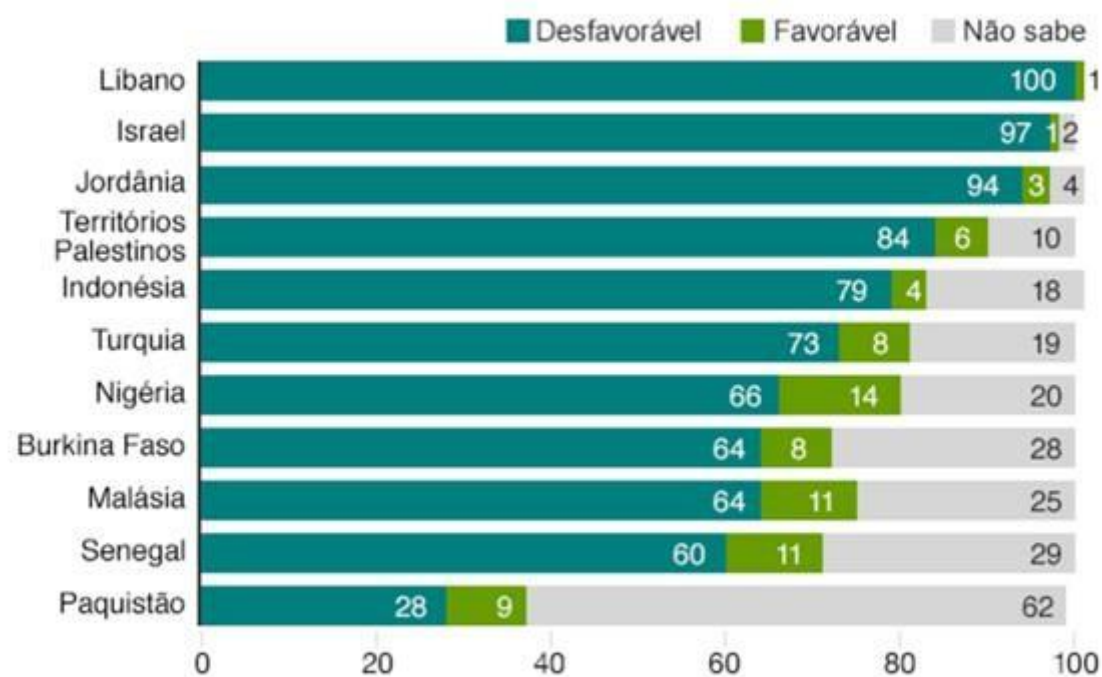
Um estudo realizado²⁸ pelo Instituto de Pesquisa Pew Research, encomendado pelo site BBC, sobre a visão negativa ou positiva dos países muçulmanos a respeito do Estado Islâmico surpreendeu até mesmo os mais pessimistas: todos os países entrevistados possuem maioria que tem uma opinião desfavorável quanto ao Estado Islâmico e suas ações.

²⁸ http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_gch_opiniao_muculmanos_ei_rm Acesso em 05/10/2015 às 04:15

Texto-imagem 3: Percepção dos muçulmanos relativa ao Estado Islâmico

Como países muçulmanos veem o Estado Islâmico

Percentual de entrevistados com opinião favorável/desfavorável sobre o Estado Islâmico



Obs: Devido a aproximações, percentuais podem não somar 100%

Fonte: Pesquisa Atitudes Globais do Instituto Pew Research Center

BBC

Desse modo, o imaginário de que todo muçulmano é terrorista instaura uma falácia. Há sim, grupos extremistas islâmicos que se pautam na religião mas não a representam. O que ocorre é um imaginário segundo o qual um é a mesma coisa que o outro, ou seja, que todo muçulmano participa de algum grupo extremista. Essa construção ideológica reforça xenofobia²⁹ e até mesmo islamofobia³⁰ (conjunto de atitudes negativas frente ao Islã) – lembrando que a

²⁹ Em definição livre, ódio e preconceito com estrangeiros.

³⁰ Termo cunhado pelo francês Alain Gresh, em "Islamophobie", In: *Le Monde Diplomatique*, novembro de 2001, p.32.

ideologia é da ordem da *práxis*, ou seja, se apresenta/materializa em atitudes efetivas na formação social vigente.

2.5 Apresentação dos recortes

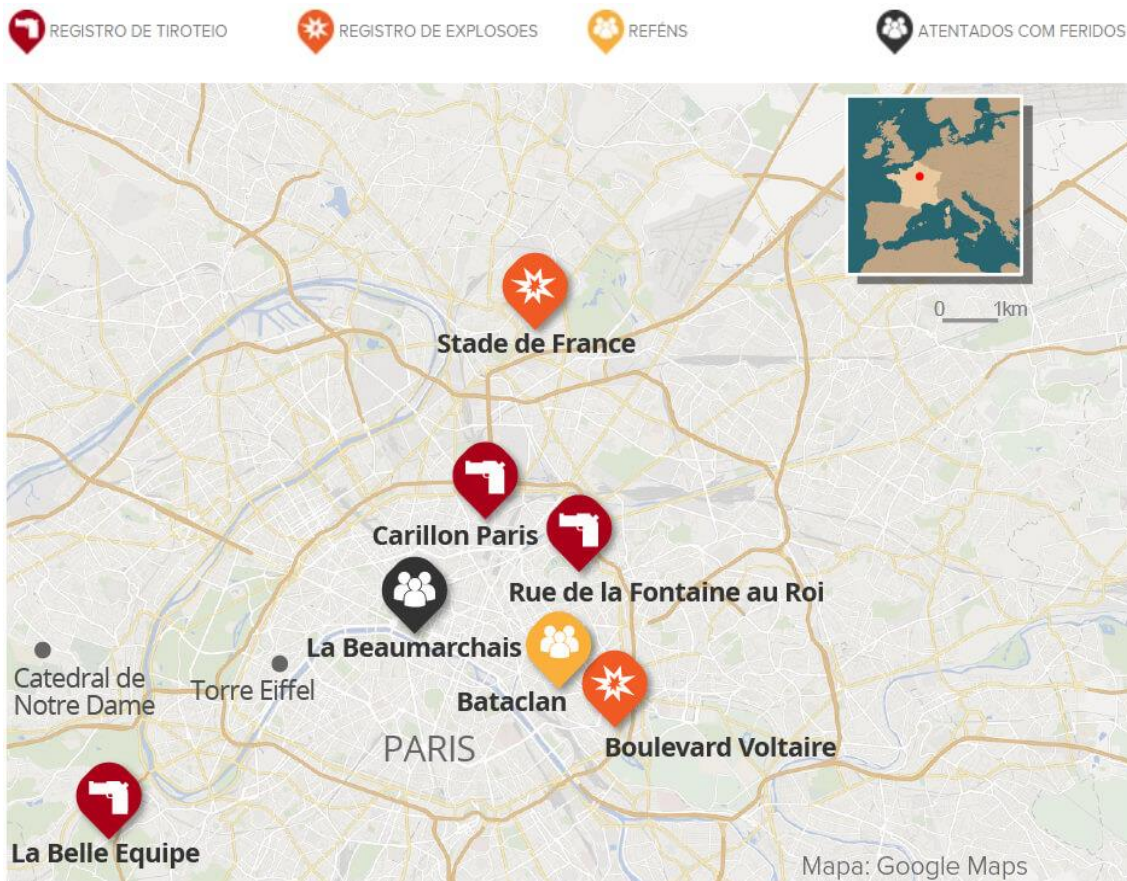
Selecionamos o *corpus* deste trabalho recortando os acontecimentos coordenados a Paris no dia 13 de novembro de 2015. Em um gesto interpretativo, recortamos a discursivização *sobre* esse acontecimento específico, muito em parte, pela carta que o Estado Islâmico divulgou assumindo a autoria dos ataques. Pelo caráter autoral do documento, logo pensamos nas modalidades de identificação do sujeito e nas Formações Imaginárias. Ou seja, em um primeiro momento, nos ocorreu “Como esses sujeitos, inscritos na Formação Discursiva do grupo extremista Estado Islâmico, se veem e legitimam seus atos?”. Levando em conta essa indagação, começamos a delimitar nosso trabalho de acordo com a questão de pesquisa, objetivo geral e objetivos específicos que já foram apresentados.

Neste momento, faremos uma breve retomada do acontecimento de forma a situar o leitor para o restante do texto. Na madrugada do dia 13 de novembro de 2015, seis locais parisienses foram protagonistas dos atos do grupo extremista Estado Islâmico. O primeiro alvo foi o estádio de futebol *Stade de France*, onde ocorria uma partida entre França e Alemanha, aproximadamente as 21h20, considerando o horário local. Três explosões puderam ser ouvidas, fazendo com que François Hollande, presidente da França, fosse retirado do local e os torcedores saíssem das arquibancadas em direção ao campo onde havia mais visibilidade.

Já perto das 22h, homens encapuzados abriram fogo contra os clientes no *Bar La Belle Equipe*, na *Rue de La Charonne*, onde dezenove pessoas foram mortas e treze ficaram feridas. Pouco depois, outros homens encapuzados também abriram fogo na casa de shows *Bataclan*, onde a banda *Eagles of Death Metal* se apresentava. Setenta pessoas morreram e mais de cem foram feitas reféns. Em horários não precisados entre as 21 e 22h, quatorze pessoas foram mortas no *Bar Le Carrillon* e no restaurante *Le Petit Cambodge*. Na *Rue*

Beaumarchais, sete pessoas foram feridas sendo três em estado grave. Na *Rue de la Fontaine au Roi*, cinco pessoas foram mortas na pizzeria *La Casa Nostra*. Na *Boulevard Voltaire*, um homem-bomba se suicidou, mas não atingiu outras pessoas.

Texto-Imagem 4: Mapa dos ataques coordenados a Paris



Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/tiroteios-e-explosoes-sao-registrados-em-paris-diz-imprensa.html> Acesso em 05/10/2016 às 03:39.

Como os acontecimentos ocorreram durante a madrugada, houve um certo tempo para que as agências de notícias soubessem do que se tratava. As primeiras informações surgiram logo pela manhã, mas ainda muito abstratas: não havia dados sobre o número de mortes ou pessoas feridas, nem se os acontecimentos possuíam ligação entre si e muito menos se possuíam vínculos com redes terroristas. A mídia e o mundo só tomaram conhecimento da amplitude e gravidade dos fatos quando M.Gharib al-Ikhman, um dos integrantes do Estado Islâmico, fez um vídeo e escreveu um comunicado assumindo a

autoria dos acontecimentos em nome do EI. O material foi divulgado, primeiramente, pela Al-Battar Media Foundation, principal agência de notícias pró-Estado Islâmico, via Twitter, Telegram e Deep Web pelo “Jihadi Forum Shumukh al-Islam”, em 14 de novembro de 2015.

Entendemos que este gesto interpretativo (o de selecionar a carta do EI) se fez necessário, neste trabalho, por apresentar um discurso deles sobre eles mesmos, ou seja, é pelo discurso produzido por esse grupo que as evidências aparecem e nos fazem analisar a forma com que os sujeitos dessa FD (que agora não é mais a FD ocidental, mas a do Islamismo) se identificam, identificam a França e as pessoas envolvidas nos ataques. Com a delimitação do corpus, nosso dispositivo analítico já começa a ser constituído.

Recortamos, também, o portal *online* de notícias francês *Le Monde* por considerarmos que os discursos efetivamente produzidos por aqueles que sofreram os ataques poderiam conter informações diferenciadas pela sua posição-sujeito, ou seja, inscritos numa FD que os posiciona como vítima de atentados terroristas. Dessa forma, estaríamos contemplando uma prática discursiva que difere daquela produzida pelos portais online de notícia brasileiros.

Já os portais de notícia norte-americano, britânico, espanhol, argentino e alemão foram selecionados por constituírem, em um primeiro momento, as informações que são distribuídas a nível mundial e posteriormente reproduzidas. As agências de notícias desses países são as mais utilizadas no mundo, sendo reconhecidas pela sua agilidade. Já os portais de notícia dos países do Oriente Médio foram selecionados por inscrever-se em outra FD dominante e por possuírem território de maioria muçulmana, o que poderia levar a interpretação do acontecimento de uma forma e não de outra, ou seja, a produção dos discursos poderia se dar de forma diferente dos primeiros veículos por se tratar de uma outra FD. Todos os portais foram selecionados com base na regularidade que apresentavam, no caso, a de tratar o ocorrido como “atentado/terrorismo/ataque” e os protagonistas como “terroristas/extremistas islâmicos”.

De acordo com Orlandi (2001, p.09), “os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes”, a saber: a constituição (que parte da memória), a formulação (condições de produção) e a sua circulação, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. Desse modo, os sentidos só são possíveis porque há uma memória que os sustenta e que irrompe no momento da formulação para circular em certos espaços sob determinadas condições de produção.

Aliando nosso dispositivo teórico e analítico, entendemos que os discursos recortados para as análises compreendem a constituição que remete à história dos grupos extremistas e o Islamismo (todos os saberes que “já estão lá”), a formulação que encaminha para as condições de produção do discurso, que, de acordo com Orlandi (2010) ocorre em sentido restrito, na textualidade (os atentados de Paris) e em sentido amplo, considerando as condições sócio-históricas (memórias, outros discursos, os pré-construídos em torno desses sujeitos e dessas comunidades). Vale considerar, também, a circulação que na interpretação é o suporte no qual a notícia aparece, uma vez que os sujeitos ocupam uma posição nos meios (neste caso, comunicacionais) onde esses discursos tomaram forma.

Dessa forma, os discursos são passíveis de equívocos e falhas, considerando a não-transparência da linguagem, ou seja, a não literalidade dos sentidos. No momento da formulação, os discursos são produzidos a partir de um lugar, o que para a AD é conceituado como posição-sujeito, quer dizer, o sujeito assume uma posição que é relativa à Formação Discursiva a qual está inscrito. No caso de nosso trabalho, podemos dizer que os discursos produzidos por ambos os portais de notícias derivam da posição-sujeito jornalistas, enquanto inscritos numa FD dominante Ocidental (que condena os acontecimentos a Paris). No caso do comunicado do EI, indicamos que a posição-sujeito ocupada pelo produtor do discurso é, provavelmente, de um combatente do próprio grupo que, por sua vez, inscreve-se na FD do grupo Estado Islâmico e que, por isso, considera os acontecimentos como um ato benéfico à população mundial, uma vez que todos devem se subordinar à *Allah*.

A constituição do arquivo e depois os recortes que resultaram no *corpus* sinalizam para a polêmica e para o questionamento em torno das memórias que sustentam os imaginários, que significam todos os sujeitos do Estado Islâmico /Islamismo como terroristas e perigosos, o que acontece pelo trabalho da ideologia.

Selecionamos para a análise a manchete (ou ainda, em termos jornalísticos, a chamada) de cada reportagem com vistas a verificar as designações em torno do Estado Islâmico, do acontecimento em si e dos sujeitos que “sofreram” este acontecimento, de que modo os efeitos de sentido produzidos levam a uma homogeneização. As materialidades selecionadas foram:

Recorte 1 - Carta em que o Estado Islâmico assume a autoria dos acontecimentos. Publicada em 14/11/2015.



Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/11/estado-islamico-reivindica-ataques-em-paris-leia-o-comunicado-4903016.html> Acesso em 07/01/217 as 18:46.

Recorte 2 - Portal G1 (Brasil). Publicação em 14/11/2015 e atualização em 17/11/2015.

14/11/2015 09h12 - Atualizado em 17/11/2015 14h40

Estado Islâmico reivindica ataques em Paris que mataram mais de 129

Comunicado afirma que ataques foram 'cuidadosamente estudados'. Mais de 129 pessoas morreram na capital francesa nesta sexta-feira (13).

Do G1, em São Paulo

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

Aguardando comentarios.globo.com...

Mundo
veja tudo sobre >

- Suspeito de envolvimento em chacina na Espanha tem prisão... HÁ 1 HORA
- Conduta de preso por chacina não é reprovável para o... HÁ 1 HORA
- Suspeito de favorecer Hillary, presidente dos democratas... HÁ 1 HORA
- Futuro secretário-geral defende reforma do conselho da ONU HÁ 1 HORA

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/estado-islamico-reivindica-ataques-em-paris.html> Acesso em 07/01/2017 as 17:45.

Recorte 3 - Portal Le Monde (França). Publicado em 14/11/2017 e atualizado em 15/11/2017.

INTERNATIONAL POLITIQUE SOCIÉTÉ ÉCO CULTURE IDÉES PLANÈTE SPORT SCIENCES PIXELS CAMPUS LE MAG EDITION ABONNÉS

Attentats du 13 novembre

SOCIÉTÉ ATTENTATS DU 13 NOVEMBRE

Attaques de Paris : ce que l'on sait des auteurs des attentats

Sept terroristes, répartis dans trois équipes coordonnées, ont mené les attaques sanglantes qui ont endeuillé la France.

Le Monde.fr avec AFP | 14.11.2015 à 21h28 • Mis à jour le 15.11.2015 à 22h30

Abonnez vous à partir de 1 € Réagir Ajuster Partager (1 280) Twitter

DIRECT 19:22

MAGNUM PHOTOS

LES CONDITIONS DU CŒUR
SUR L'EMPATHIE ET LA CONNEXION EN PHOTOGRAPHIE

Vente de tirages dédiés à 100\$

Fonte: http://www.lemonde.fr/attaques-a-paris/article/2015/11/14/ce-que-l-on-sait-des-auteurs-des-attentats-des-paris_4810183_4809495.html Acesso em 07/01/2017 as 17:51

Recorte 4 - Portal BBC (Inglaterra). Publicado em 14/11/2015.

www.bbc.com/news/world-europe-34819501

Enable it in your browser or download Flash Player here.

Paris attacks: 'Islamic State' claims responsibility

14 November 2015 Last updated at 14:07 GMT

The group calling itself Islamic State has said it carried out a wave of shootings and suicide bombings in Paris which killed at least 130 people.

French President Francois Hollande has described the attacks as an act of war - and said France would show no mercy in its response.

Extra troops and police have been deployed on the streets of Paris - and many public buildings, including the Eiffel Tower, are closed.

Frank Gardner reports.

Read more
Paris attacks: Bataclan and other assaults leave many dead

Most watched

- Paris attacks: 'A lot of dead people' 15 November 2015
- 'We heard automatic gunshots' 13 November 2015
- Obama: 'We stand with France' 13 November 2015
- The Indonesian turning her scars into song 7 hours ago
- One-minute World News 3 hours ago
- Unilever boss lives by African proverb 6 hours ago
- The prisoners using yoga to stop fights 15 January 2017
- Trump praises UK's Brexit decision 7 hours ago
- Reaction from passengers on UA flight 9 January 2017

Show More

Fonte: <http://www.bbc.com/news/live/world-europe-34819572> Acesso em 07/01/2017 as 05:16.

Recorte 5 - Portal El País (Espanha). Publicado em 15/11/2015.

ESPAÑA | AMÉRICA | BRASIL | CATALUNHA

EL PAÍS INTERNACIONAL

ATENTADO EM PARIS >

Terroristas agiram em Paris com três equipes muito coordenadas

Cinco foram detidos em operações na Bélgica ligadas aos atentados da capital francesa

LUCÍA ABELLÁN

Bruxelas - 14 NOV 2015 - 21:26 BRST

Politie

O MELHOR FUTEBOL DO MUNDO

Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/14/internacional/1447523922_921630.html Acesso em 07/01/2017 as 17:58

Recorte 6 - Portal Clarín (Argentina). Publicado em 13/11/2015.

The screenshot shows the Clarín website interface. At the top, there is a navigation bar with categories: Noticias, Deportes, ¡ExtraShow!, Estilo, Servicios, and Clasificados. The main headline reads "Ataques simultáneos en París: al menos 158 muertos y decenas de heridos". Below the headline, a sub-headline states "Noche de terror en Francia. Un hombre disparó contra un restorán. Y cerca del Stade de France, donde jugaban Francia y Alemania, estallaron artefactos explosivos. Además, hay decenas de muertos tras una toma de rehenes en un teatro. Fotogalería HD." A photograph shows a chaotic street scene at night with emergency vehicles and people. To the right, there are several promotional banners, including one for receiving daily news via email and another for a clothing store (www.oqvestir.com.br) featuring various garments. A social media section for "DIARIO CLARIN" is also visible, showing a Facebook share count of 5.2 million and a Twitter follow button.

Fonte: http://www.clarin.com/mundo/ataques-simultaneos-muertos-heridos-paris_0_HJH1wetD7x.html Acesso em 07/01/2017 as 17:56

Recorte 7 - Portal Al-Jazeera (Emirados Árabes). Publicado em 24/11/2015.

The screenshot shows the Al-Jazeera website. The navigation bar includes "News", "Programmes", "Opinion", "Investigations", and "video". The main headline is "ISIL fighters are not the new Assassins". Below the headline, a sub-headline reads "The debate making sense of ISIL will continue and the past will be used as a convenient crutch." To the right, there is a Farfetch advertisement featuring a black high-heeled sandal. The article is dated "24 NOVEMBER 2015" and categorized under "WAR & CONFLICT". A "STUDIO" logo and a "CLIQUE E COMPRE!" button are also visible.

Fonte: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/11/isil-fighters-assassins-151124063217604.html> Acesso em 07/01/2017 as 18:00.

Recorte 8 - Portal Al-Bawaba (Jordânia). Publicado em 14/11/2015.

The screenshot shows the AlBawaba website interface. At the top, there are social media links (Like, Follow @AlBawabaEnglish) and a search bar. The main header features the AlBawaba logo and 'THE LOOP' section. Below the header, there are navigation tabs for HOME, NEWS, BUSINESS, ENTERTAINMENT, SPORTS, WEATHER, EDITOR'S CHOICE, and THE LOOP. The main article title is 'The Daesh statement claiming responsibility for Paris attacks', published on November 14th, 2015. The article includes a rate article section with a 5-star rating and social sharing options for Facebook, Twitter, Google+, LinkedIn, Pinterest, Delicious, Stumbleupon, Digg, and Reddit. A video player is embedded in the article, showing a scene with a yellow van and people. To the right of the article, there is a 'SHOP 2GETHER' advertisement featuring clothing items like a black top and blue pants, with prices and discount tags. Below the shop, there are 'RELATED VIDEOS' with a thumbnail showing a person and the text 'The moment Nahed Hatjar got shot'.

Fonte: <http://www.albawaba.com/loop/daesh-statement-claiming-responsibility-paris-attacks-768082> Acesso em 07/01/2017 as 18:02.

Recorte 9 - Portal WN (Síria). Publicado em 14/11/2015.

The screenshot shows the WN (Syria) website interface. At the top, there is a navigation bar with 'wn.com', 'NEWS', and 'SEARCH'. The main header features the WN logo and 'NEWS' section. Below the header, there are navigation tabs for TOP STORIES, WORLD, BUSINESS, TECHNOLOGY, SPORT, ENTERTAINMENT, HEALTH, VIDEOS, EDITORIAL, and MORE. The main article title is 'Paris attacks: One of the terrorists who carried out brutal massacre may have entered Europe ...', posted on 2015-11-14. The article includes a video player showing a man reading a magazine. To the right of the article, there are 'Related News' with a 'W11 BY EMAIL' button. Below the related news, there are two news items: 'Paris attacks: 1 of 3 arrested in Brussels was in Paris' and 'Paris attacks: Three teams of attackers leave 129 dead, 352 injured'. A 'Trending News' sidebar is visible on the left, listing items like Donald Trump, Los Angeles Dodgers, Nintendo, Rodrigo Duterte, Aleppo, Green Bay Packers, Brexit, Mosul, Josh Brown, and European Central Bank.

Fonte:

https://article.wn.com/view/2015/11/14/Paris_attacks_One_of_the_terrorists_who_carried_out_brutal_m/ Acesso em 07/01/2017 as 18:04.

Recorte 10 - Portal Deutsche Welle (Alemanha). Publicado em 13/11/2015.

ABOUT DW DW AKADEMIE DW.COM IN 30 LANGUAGES

DW Made for minds.

TOP STORIES MEDIA CENTER TV RADIO LEARN GERMAN


GERMANY WORLD BUSINESS SCI-TECH ENVIRONMENT CULTURE SPORTS WEB-VIDEOS

TOP STORIES

NEWS

+++ Paris attacks - live updates +++

At least 129 people have been killed in a string of terror attacks in Paris. French President Francois Hollande has declared a state of emergency, mobilized troops and sealed borders. Read the latest here.



Date 13.11.2015

Keywords Paris, attacks, 1311, hostage, Bataclan, Eagles of Death Metal

Share [f](#) Facebook [t](#) Twitter [g+](#) Google+ [More](#)

[Send us your feedback](#)

Print [Print this page](#)

Permalink <http://dw.com/pl/1H5XE>

NEWS BULLETIN

Fonte: <http://www.dw.com/en/paris-attacks-live-updates/a-18849192> Acesso em 07/01/2017 as 18:08.

TERCEIRO CAPÍTULO

EFEITOS DE SENTIDOS ENTRE ATENTADOS E ATAQUES: MÍDIA E INTERPRETAÇÃO

[...] Ao contrário do Talibã, que repelia tudo que envolvia tecnologia, no Estado Islâmico a propaganda ideológica é uma atividade que envolve alta tecnologia, administrada por profissionais qualificados, incluindo alguns ocidentais com alto nível de instrução. Loretta Napoleoni (2016)

Neste terceiro capítulo, vamos destacar as noções de acontecimento histórico, enunciativo e discursivo, bem como as designações/nomeações e as relações de sentido em torno dos atentados/tragédias que o Estado Islâmico e os islâmicos assumem terem deflagrado. Diante disso, será necessário distinguir nomeação e designação, o que faremos a partir de Guimarães, buscando também, outros pesquisadores que mobilizaram essa noção.

A constituição de efeitos de sentidos se dá também pelo lugar em que os discursos circulam. Nesta investigação, a mídia digital e os funcionamentos de memória nela, destacam-se, a memória metálica, de acordo com Orlandi (1996), em relação ao discurso *de* e discurso *sobre*. Desse modo, podemos identificar as posições-sujeito que os veículos de comunicação selecionados possuem em relação ao grupo Estado Islâmico/Islamismo, fazendo com que os discursos produzidos por eles encaminhem para uma interpretação e não para outra.

3.1 Acontecimento histórico, discursivo e enunciativo

Na teoria a qual nos filiamos, podemos pensar o acontecimento em três instâncias, sendo elas o acontecimento histórico, enunciativo e discursivo. Consideramos o dia 13 de novembro de 2015 sendo lembrado, especialmente, pelos sujeitos inscritos na FD Ocidental e que, por isso, sentiram-se identificados com as vítimas dos atentados terroristas a Paris. O acontecimento histórico (pois

se inscreve na história e da memória dos ocidentais de forma geral) é definido por Cazarin (2006, p.17) como “algo pontual, capaz de gerar múltiplas discursividades”, e, nesse caso, também pode ser considerado um acontecimento enunciativo, uma vez que, de acordo com Indursky (2008),

“[...] no acontecimento enunciativo, estamos diante de uma *contra-identificação* com a posição-sujeito dominante a qual está na origem do afrontamento com os saberes que emanam desta posição-sujeito dominante no interior de uma formação discursiva” (INDURSKY, 2008, p.27 – *grifo da autora*)

Por isso, o acontecimento enunciativo resulta do acontecimento histórico ao provocar uma desestabilização, mas sem instaurar uma nova série a ponto de ser um acontecimento discursivo. Dessa forma, consideramos que os acontecimentos de Paris são também um acontecimento enunciativo porque os sentidos relacionados à Liberdade, que constituem uma memória em relação aos franceses, sustentados pela Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), são re-significados a partir dos ataques do dia 13 de novembro de 2015.

Já o acontecimento discursivo deriva do acontecimento histórico e provoca uma ruptura interna nos saberes de uma Formação Discursiva, instaurando uma reorganização que Pêcheux (2010) chama, na esteira de Achard, de uma nova série. Pêcheux (2008, p.17) diz que o acontecimento discursivo ocorre “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” e que, para Cazarin (2005, p.112) “desestabiliza o que está posto e provoca um novo vir a ser”. Partindo da teoria discursiva a qual nos filiamos e em relação aos acontecimentos protagonizados pelos extremistas islâmicos, analisamos que a mídia transforma o acontecimento enunciativo em acontecimento discursivo, tendo em vista a “criação” de acontecimentos pela designação desses grupos e dos sujeitos que o estruturam.

A cada acontecimento, os meios de comunicação dão visibilidade ao Acontecimento Histórico – o que aconteceu e as especulações em torno disso – e a enunciação dele na mídia, fazendo com que ressoem e se atravessem discursos de outros domínios, tanto políticos como religiosos, que sustentam e legitimam os dizeres. Um exemplo recorrente é a designação “terrorista”,

frequentemente filiada ao discurso religioso que vem do Alcorão. Por essa designação, não há, por parte da mídia, a linearização do discurso religioso, mas esta ressoa como memória que não vem somente em relação ao Alcorão, mas também, da Bíblia no Catolicismo, em que funcionam imaginários em torno dos sujeitos que “creem” e não problematizam o que lhes é dito. Nesse sentido, ocorre a identificação plena, em que o sujeito não se distancia da Formação Discursiva a qual está inserido.

Desse modo, o acontecimento histórico – o livro sagrado - sustenta o acontecimento enunciativo que mexe fortemente com os saberes da formação discursiva, como destaca Cazarin (2006), mas não a ponto de provocar um rompimento. A mídia discursiviza esse acontecimento e, pelos modos de designar, instaura o acontecimento discursivo, porque no eixo da formulação retornam discursos que vem de distintos domínios, atravessando-se e, por isso, encaminhando para uma nova série, rompendo com os saberes da formação discursiva.

Pela designação “terrorista” ressoa o religioso, na qual há um pré-construído segundo o qual, o sujeito religioso não questiona. Assim, dizendo “terrorista”, os veículos de comunicação fazem ressoar o sentido de aliciamento, silenciamento, dominação, podendo-se entender que os sujeitos que são “aliciados” são levados a “crer” que estão seguindo as leis de Allah, combatendo os infiéis. Por esse discurso, matar e morrer torna-se natural porque há um discurso *de* – como memória - que legitima o sofrimento, pois depois da morte há a recompensa. Dessa forma, as reflexões demandam pensar com mais cuidado nas designações e nas nomeações.

3.2 O funcionamento discursivo da designação

A designação em torno do que a mídia (e hoje em dia, também o grupo) comumente chama de Estado Islâmico, sofreu transformações que decorreram do momento social em que esse grupo vivia, se adequava e se readequava. Portanto, é importante sinalizar que as denominações procedem, em um primeiro momento, deles mesmos e sobre como eles se identificam e se

proclamam. Posteriormente, temos a designação que a mídia utiliza sobre o grupo, que pode acatar ou rejeitar a nomeação ao qual o grupo se identifica.

De acordo com Siveris, Rodrigues e Petri (2009), há importantes diferenças entre definição, descrição e nomeação. Para as autoras, que tomam como base o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, “definir é determinar a significação de uma palavra” (2009, p.03) que pode vir acompanhada de uma descrição. Já a descrição, conforme Orlandi (1989, p.116) *apud* Siveris, Rodrigues e Petri (2009, p. 3-4) não é uma “enumeração arbitrária de coisas do mundo, mas da construção de uma relação de interlocução, regulada e objetivada pela situação discursiva na qual se produz”. Nesse caso, entram aí as condições de produção que incluem fundamentalmente os sujeitos e a formação discursiva ao qual eles estão filiados bem como a formação ideológica que os afetam.

De acordo com Guimarães (2003, p.21), nomear é “dar existência histórica [...] distinguir”. Ou seja, é incluir a designação do nome na história e, dessa forma, distingui-la dos demais o tornando único. Nesse sentido, problematizamos as diferentes nomeações que o grupo extremista Estado Islâmico obteve desde o seu surgimento. Apesar das diferentes nomeações, o objetivo é sempre aferir um significado/sentido a esse nome de forma que os interlocutores possam identificar sobre o que se fala, ou, nesse caso, sobre *quem* se fala.

Nesse processo de significação, a memória e a história são mobilizadas para que seja possível aferir um sentido à nomeação do grupo, ou seja, “[...] os lugares do sentido, do sem-sentido, do já-lá, do já-dito, emergem nessa rede de significantes e significados” (SIVERIS, RODRIGUES e PETRI, 2009, p.04). Dessa forma, podem apontar para sentidos que não estão postos, fazendo emergir outros sentidos que dependem, também, das condições sócio-históricas em que os sujeitos estão inscritos.

Podemos dizer que a história que o grupo Estado Islâmico constrói por suas próprias mãos desde o seu surgimento é a mesma história que o mesmo grupo tenta apagar. As diferentes designações sobre a facção são utilizadas para identificar o grupo de forma diferente a cada vez que a nomeação é alterada,

objetivando, assim, um efeito de sentido e não outro pela forma da atualização. Assim como Petri (2010, p. 02), “[...] a investigação nos leva a refletir sobre o quanto a memória social continua produzindo efeitos na história oficial, uma vez que os sentidos estão inscritos num espaço discursivo já instituído como tal”.

As diferentes formas com que o grupo se proclamou com o passar dos anos remete à negação da memória e ao estabelecimento de uma história oficial diferente. De acordo com Loretta Napoleoni (2016), aproximadamente em 1999 o grupo fazia parte da organização *al-Tawhid wal-Jihad* (quase sempre traduzida como Monoteísmo e Jihad), cujo líder era Abu Musab al-Zarqawi. Depois, em associação com o grupo Al-Qaeda, no Iraque, passou a se chamar Estado Islâmico do Iraque (EII). Em 2010, Abu Bakr al-Baghdadi assumiu o comando e seguiram até 2013 com a nomenclatura, quando se uniram a um braço da *Frente Jabhat al-Nusra* (grupo jihadista filiado à *Al-Qaeda*) e então se tornaram Estado Islâmico do Iraque e do Levante (*al-Sham*), mais conhecido pelo acrônimo EIII (ISIL ou ISIS, na sigla em inglês).

Há ainda a designação DAESH, resultado da abreviação para “al-Dawla al Islamiya fil Iraq wa al-Sham” e mobilizado por algum tempo pelo grupo, mas veementemente refutado nos dias de hoje, por não corresponder mais à realidade vivida atualmente. A abreviação é usada por alguns veículos midiáticos como forma de desafiar a legitimidade do grupo, uma vez que o acrônimo une “Nação Islâmica do Iraque” ao termo “al-Sham”, que, por sua vez, remete a um termo do califado muçulmano do século VII, descrevendo a área entre o Mar Mediterrâneo e o Rio Eufrates. O termo DAESH, portanto, reduziria o grupo a uma atuação regional, quando a pretensão dos mesmos é que o mundo os interprete de forma globalizada e sem limites.

A partir de 2014³¹, o grupo adotou a designação Estado Islâmico com a criação do Califado. Na Síria (país onde o grupo tem ampla ocupação), o grupo é conhecido como *al-Dawlat* que, em tradução livre, remete à ideia de Estado.

³¹ Há divergências quanto a real data de organização/legitimação do grupo. Há autores que consideram o ano de 2012 e outros que consideram o ano de 2014, ambos tomando como parâmetro a criação do Califado, uma vez que o grupo já existia sob outras formas desde a década de 1990. Para fins didáticos, adotamos o ano de 2014 em concordância com Loretta Napoleoni, referência bibliográfica que optamos utilizar neste trabalho.

Entretanto, a denominação ISIS ainda é a mais recorrente nos meios de comunicação a nível mundial. Já os governos britânicos e americanos empregam a designação ISIL, enquanto alguns veículos de comunicação australianos admitem o uso de Grupo Estado Islâmico, objetivando evitar o entendimento de que se trata de um Estado Nacional e não uma organização armada.

A discrepância entre as designações remete às diferentes Formações Discursivas as quais os veículos de comunicação mundiais se filiam, exemplificadas pelas mídias australianas já citadas. A opção por empregar a palavra “Grupo” e não apenas “Estado Islâmico” provém do receio em usar essa expressão e causar um efeito de sentido de que essa organização é um Estado por direito e legitimado por todos os outros Estados (aqui entendidos como países), apagando o efeito de sentido de que o grupo realiza ações armadas, consideradas, de forma geral, como terroristas. A consequência disso, no que tange ao discursivo, é o retorno do mesmo - paráfrase – que instaura o diferente, confirmando a partir de Orlandi (2010), o fato de as palavras não serem indiferentes aos sentidos. Nessa mesma direção, Pêcheux (2008, p. 19) destaca “o acontecimento (o fato novo, as cifras, as primeiras declarações) em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar [...]”. É assim que o acontecimento trabalhado pela mídia instaura espaços de memória e por esses espaços e seus “furos” retornam discursos e memórias de outros lugares, movimentando os sentidos, criando efeitos.

O Estado Islâmico enquanto Estado, organização, Califado ou até mesmo grupo terrorista perpassa também por questões de ordem prática. Já em 1930, a Convenção de Montevideu tentou afinar os limites e preceitos básicos para definir o que seria um Estado. Nesse documento, foram apontados quatro itens necessários: território definido, governo, população permanente e capacidade para entrar em relações com outros estados. Além disso, também mencionava que a existência de um Estado independe do reconhecimento por outros Estados.

O Estado Islâmico ocupa hoje um território de 40 mil km² que, a título comparativo, equivale ao tamanho do Texas, nos Estados Unidos. Esse feito de conquista territorial é inédito na história para os padrões de uma organização não reconhecida internacionalmente como um Estado, colocando o grupo num patamar diferenciado.

Partindo deste ponto de vista, seria difícil negar ao Estado Islâmico o título de Estado, uma vez que possui as características mencionadas. Entretanto, a lei (sendo, portanto, a instância jurídica) foge ao apelo moral, invocando que violência e terror não podem ser recompensados. “A política fornece moralidade – e subjetividade – que a lei não tem”, como publicou o jornalista Joe Boyle da BBC News³².

O que se discute, nessa dissertação, não é propriamente as consequências jurídicas decorrentes entre ser ou não um Estado, mas o modo com que este “não ser Estado” é naturalizado pela mídia, que homogeneiza os sentidos e os discursos, conforme discutimos, quando falamos nas projeções imaginárias. O texto-imagem a seguir sinaliza para essa mesma discussão, mas ao mesmo tempo instaura a contradição e coloca em suspenso os funcionamentos do Estado e do não-Estado, cabendo perguntar: “Como um território ou comunidade que não tem autonomia e nem gerenciamento, pode controlar uma vasta região e os sujeitos que estruturam essas regiões?” Uma possível resposta está na dominação econômica ou religiosa que se ancora no funcionamento do imaginário, pelo qual os sujeitos – no caso as lideranças islâmicas – sabem das necessidades econômicas e das demandas religiosas que legitimam determinadas práticas. Trata-se, como destaca Orlandi (2010) de colocar-se no lugar do outro e desse lugar, gerenciar as comunidades, impondo um modelo de representação social.

Texto-imagem 5: Área controlada pelo Estado Islâmico

³² Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150105_estadoislamico_estados_hb
Acesso em 12/01/2017 às 04:49.



Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151115_analise_estado_islamico_lab
 Acesso 18/12/2016 às 03:19

É pelo funcionamento do imaginário e pelo funcionamento da ideologia que o grupo busca legitimar o Califado³³, apagando toda a influência que o Ocidente exerce sobre o Oriente Médio com vistas a transformar os discursos do Alcorão em práticas sociais, governando a área com a finalidade de expansão territorial e ideológica. Colocando-se imaginariamente no lugar do outro, trabalha para a legitimação do grupo diante dos demais Estados, em um território já ocupado por outro (no caso, a Síria e o Iraque, reconhecidos como Estados mundialmente), ou seja, um Estado independente. Entretanto, o que se tem agora é o que Napoleoni (2016) chama de Estado-fantasma: “um corpo com a infraestrutura socioeconômica de um Estado, mas desprovido da alma do

³³ Estado regido pelas leis do Islã, a *shariah*, que pode ser interpretada de forma extremista pelo grupo Estado Islâmico. Dessa forma, o grupo utiliza do Alcorão para legitimar seus atos violentos.

reconhecimento político e da identidade nacional de uma verdadeira nação” (NAPOLEONI, 2016, p. 43). Ainda de acordo com a autora:

[...] A criação e administração de um Estado-fantasma é simples, pois, geralmente, não existe nele a unificação política. O terreno ideal para construí-lo encontra-se em enclaves territoriais assolados por guerras, onde toda a infraestrutura ruiu e a autoridade política desapareceu. Nessa empreitada, os conquistadores monopolizam o poder político e precisam buscar o consenso e a cooperação democrática dos povos subjugados. Portanto, no processo de montagem do Estado-fantasma, as premências da economia prevalecem sobre a organização política. E o Estado-fantasma tem a vantagem adicional de demandar poucos recursos financeiros para ser administrado, pois sua esfera econômica está limitada à economia de guerra e à privatização de ações terroristas. Despesas com coisas fora da esfera militar são mínimas e é necessário fornecer à população apenas o suficiente para satisfazer suas necessidades fundamentais. (NAPOLEONI, 2016, p. 58)

Dessa forma, se há um consenso que um Estado se legitima (também) aos olhos dos outros, já possuindo fronteiras geográficas bem definidas e controle da terra, o que diferencia fundamentalmente o Estado Islâmico de um Estado Moderno é a forma de atuação para a reconstrução geográfica, político, econômica, jurídica e religiosa: o amplo uso do terrorismo e da Internet, motivos pelos quais ficaram mundialmente conhecidos.

Esse trabalho pela legitimação demanda pensar o consenso a partir de Orlandi (2010, p. 6), destacando que se trata, no discurso, de um processo discursivo ligado ao campo das ciências sociais pautada na pretensão de unidade, que “constitui a base para se pensar os grupos humanos sem estacionar na ideia de um amontoado de indivíduos. Quando se pensa o consenso, se pensa a ligação que une a sociedade”. Podemos dizer, então, que se trata da constituição de evidências que homogêizam e saturam discursos e memórias, funcionando como um discurso autoritário, no qual a reversibilidade está ausente.

3.3 O funcionamento discursivo no Espaço digital

Ao longo do tempo, o sujeito foi desenvolvendo formas diferentes de se comunicar. Primeiro, veio a oralidade e a tentativa de transcrição das sonoridades do sânscrito para o papel. Depois, os desenhos rupestres, inscrições nas pedras, no barro, no papiro, nos livros e assim por diante. Hoje em dia, o homem escreve – ou melhor, digita – no computador ou no celular. A relação do homem com a língua mudou, bem como as tecnologias de linguagem. Os verbos também mudaram: de escrever para digitar, de conversar para teclar, de virar (a página) para clicar.

Para Orlandi (2009), o surgimento de novas tecnologias da linguagem produz efeitos sobre a escrita e a língua, modificando o modo de produção de sentidos. Conforme a autora:

[...] as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades, e, entre elas, com decisiva importância, a digital, têm seus distintos modos de significar que, ao mesmo tempo, desafiam o homem, mas são também uma abertura para o (e do) simbólico. Lugar de invenção, de diferença, de exercício da habilidade (ORLANDI, 2009, p. 63)

Na formação social atual, a agilidade é um dos pré-requisitos básicos da Internet. Há a necessidade de informação constante, rápida e sempre atualizada que produz o efeito da Globalização, pois a quebra de fronteiras possibilita o acesso fácil e rápido a, muitas vezes, apenas dois cliques. De acordo com Dias (2011, p.16), a expansão da rede mundial de computadores torna possível, ao sujeito, estar em vários lugares diferentes ao mesmo tempo, re-significando o sentido de mobilidade que se articula no espaço urbano, já que ele pode, atualmente, estar “conectado” à rede mundial por meio de *tablets*, celulares e *notebooks* e, portanto, “estar” em vários lugares ao mesmo tempo.

Para esses lugares, consideramos o espaço urbano como espaço de significação do sujeito, pois, de acordo com Orlandi (2004, p.11) “nada pode ser pensado sem a cidade como pano de fundo”. Dessa forma, consideramos o sujeito que se significa e significa a cidade por meio da música, poesia, grafite e outros pela circulação desses discursos que pode ocorrer também no espaço digital, funcionando pelo modo como os discursos circulam. Para pensar na memória metálica, é necessário pensar na memória constitutiva que Pêcheux

(2010) e Orlandi (2007) chamam de interdiscurso, enquanto pré-construídos, o sempre já lá da interpelação ideológica, que sustentam e legitimam os discursos, o contraponto da memória constitutiva e a memória em sua formulação, a memória linearizada.

Nesse sentido, a memória metálica seria, então, o discurso em sua formulação na *Internet*, em que na ordem do imaginário, os *links* preenchem os furos e por esse preenchimento saturam o discurso. Entretanto, esse saturamento é uma ilusão, tendo em vista que os sujeitos tem a liberdade de linkar ou de não linkar ou de escolher, de acordo com suas filiações, o que é necessário para a interpretação do acontecimento. A memória metálica funciona pela repetição, pelo preenchimento, pela busca da constituição de um todo.

A conceituação da memória metálica começou a ser trabalhada por Orlandi para pensar a diferença entre a memória produzida pelas máquinas e o interdiscurso. De acordo com a autora, a memória metálica produziria um efeito de “des-historização” no sujeito, uma vez que funciona pela quantidade e repetição do mesmo, promovendo, assim, a homogeneização de sentidos. Dessa maneira, a autora afirma que

[...] o que há é a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente, do variado. Pelo processo produtivo, o que temos é a variedade do mesmo em série. Não se sai do mesmo espaço dizível, se explora a sua variedade, as suas múltiplas formas de apresentar-se. (ORLANDI, 2001, p.180)

Esse efeito de homogeneidade faz parecer que aquilo que está sendo dito é novo, quando, na verdade, é apenas uma repetição do mesmo. Entretanto, considerando a formulação do conceito de memória metálica tal como proposto por Orlandi (2001) e os avanços na área da Tecnologia de Informação o acontecimento da informática estabelece uma ordem espaço- tempo e segundo Dias (2013, 54), com esse acontecimento “o surgimento da Internet, a relação de sentido da leitura se modifica, estabelecendo uma ordem mais espacial que temporal, determinada pela não linearidade”.

É isso que tem ocorrido no discurso *sobre* o Estado Islâmico, em que a sustentação para essa forma de dominação que a mídia designa de ataque,

atentado ou terrorismo vem dos espaços que ele ocupa, construindo simulacros de que esses sujeitos estão em todos os lugares ao mesmo tempo, surgindo do nada, com um sujeito ou um pequeno grupo que produz centenas de feridos e de mortos.

3.4 Percursos Analíticos

De acordo com Orlandi (2010), os dispositivos teórico-analíticos dependem da questão de pesquisa a que o analista busca responder. Em relação a nosso trabalho, consideramos, para fins de análise, duas formações discursivas: a do Estado Islâmico – Oriente Médio – e dos Não-islâmicos – Ocidente. A questão de pesquisa que norteou este trabalho e a delimitação do objetivo geral é: como no discurso *sobre* atentados e massacres a mídia constrói efeitos de verdade e de legitimidade que homogeneízam sujeitos e sentidos? Para responder a essa questão, entendemos ser necessário colocar em suspenso os efeitos de sentidos de discursos *sobre* o Estado Islâmico/Islamismo que circularam de 2015 a 2016, perguntando como esses efeitos se constituem a partir de memórias e discursos que se atravessam e ancoram o dizer/falar *sobre*, tendo em conta a designação.

Materialidade 1: Tradução livre do Comunicado Oficial do Estado Islâmico³⁴:

"E nome de Alá, o mais Misericordioso, o Mais Beneficente

Alá (ta'ala) disse: Eles pensaram que suas fortalezas iriam defendê-los de Alá, mas Alá veio sobre eles de onde eles não esperavam, e infundiu o terror em seus corações para que eles destruíssem suas casas através de suas próprias mãos e pelas mãos dos fiéis. Então fiquem avisados, ó povo de visão. (Al-Hashr: 2).

³⁴ Grifos nossos.

Em uma **batalha abençoada** cujo sucesso foi possibilitado por Alá, um grupo de **fiéis soldados do Califado** (que Alá os fortaleça e dê suporte), começou estabelecendo **alvos na capital da prostituição e do vício, a maior mensageira da cruz na Europa, Paris**. Este grupo de fiéis era formado por **jovens que se afastaram da vida mundana** e avançaram em direção aos seus **inimigos** na esperança de serem mortos em nome de Alá, fazendo isso em apoio a sua religião, ao seu Profeta (que a bênção e paz estejam com ele), e seus aliados. Eles o fizeram a despeito de seus **inimigos**. Assim, eles foram sinceros com Alá — nós o consideramos — e Alá concedeu a vitória às suas mãos e lançou o **terror no coração dos "cruzados"** em sua própria terra natal.

E assim **oito irmãos** equipados com cintos de explosivos e armas de fogo **atacaram** precisamente os **alvos escolhidos** no centro da capital da França. Esses alvos incluíram o Stade de France durante uma partida de futebol — entre os times da Alemanha e França, ambas **nações cruzadas** — na qual compareceu o imbecil da França (François Hollande), o Bataclan, onde **centenas de pagãos** se reuniram em uma **feira idólotra e perversa**. Ocorreram também **ataques simultâneos** a outros **alvos** no 10º, 11º e 18º distritos. Paris tremeu sob os pés de seus cruzados, e suas ruas tornaram-se estreitas para eles. O resultado dos **ataques** é nada menos que 200 cruzados mortos e muitos feridos. Todo louvor e o mérito pertencem a Alá. Alá abençoou **nossos irmãos** e concedeu a eles o que eles desejavam. Eles detonaram os cintos explosivos nas **massas de descrentes** depois de esgotar suas munições. Que Alá os aceite entre os **mártires** e permita que nos juntemos a eles.

Que a França e todos que seguem o seu caminho saibam que continuarão sendo os principais **alvos** do Estado Islâmico e que continuarão a sentir o cheiro da morte enquanto seguirem o caminho das cruzadas, enquanto se

atreverem a insultar nosso Profeta, e enquanto se vangloriarem de sua guerra contra o Islã na França e de suas ofensivas aéreas contra os muçulmanos na terra do Califado. Este é apenas o começo. E é também um aviso para aqueles que queiram meditar e tirar lições.

Alá é o maior.

(A Alá pertence toda a honra, e a Seu Mensageiro e aos fiéis, mas os hipócritas não o sabem) [Al- munafiqun : 8]"

Os sujeitos inscritos na FD do Estado Islâmico, produzem um discurso que tenta legitimar suas práticas pautado no discurso-autoritário presente no Alcorão. Para exemplificar esse funcionamento, destacamos a suria:

[...] 191. E matai-os, onde quer que os acheis, e fazei-os sair de onde quer que vos façam sair. E a sedição pela idolatria é pior do que o morticínio. E não os combatais nas imediações da Mesquita Sagrada, até que eles vos combatam nela. Então, se eles vos combaterem, matai-os. Assim é a recompensa dos renegadores da Fé³⁵.

De acordo com os Xequês Hammadeh e Rodrigues (ver nota de rodapé 35), o que há é uma deturpação da mensagem do Alcorão e isso, na perspectiva discursiva, equivale a dizer que há dentro dessa FD uma determinação. De acordo com Hammadeh, o versículo foi escrito em certas condições de produção que são totalmente ignoradas por integrantes de grupos extremistas, que interpretam a suria em sentido radical. De acordo com o Xequê:

[...] O versículo tem um contexto. Houve um acordo com os idólatras, inimigos dos muçulmanos. O acordo premia que os muçulmanos viajarão com segurança, sem serem

³⁵ Trecho retirado do Alcorão e traduzido para o português pelo professor de árabe da USP, Helmi Nars, a pedido do site de notícias UOL em matéria publicada no dia 07 de janeiro de 2016 e comentado pelos Xequês Hammadeh (líder da Assembleia Mundial da Juventude Islâmica) e Rodrigues (líder da Mesquita do Pari, em São Paulo). Fonte: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radicais-islamicos.htm> Acesso em 15/01/2017 às 21:35.

incomodados, e vice-versa. Mas um grupo isolado rompeu o pacto e matou alguns muçulmanos. Então, Deus revelou este versículo, prevendo a pena de morte. Mas como o acordo não foi quebrado por todos, a punição não é aplicada a todas as pessoas. Por isso, Maomé pede para buscar os que quebraram o acordo e os mate. (Portal UOL – 07/01/2016)

Trata-se do discurso autoritário, que encaminha sempre para o mesmo, funcionando o argumento de autoridade e o imaginário que significa os interlocutores que assujeitam-se à formação discursiva religiosa, representada pelo Alcorão, determinando o que eles podem/devem fazer. O Xequê Rodrigues dá continuidade à entrevista e destaca outra sequência, relacionando-a com os recentes acontecimentos realizados pelo Estado Islâmico:

[...] Quem interpreta este versículo como um incentivo à violência ignora o 190, dizendo que o muçulmano só combate quando é agredido e ele não pode ser o primeiro a agredir. Neste contexto, os idólatras, o povo de Meca, tinha expulsado o profeta Maomé e seus seguidores, mataram muitas pessoas, e foi travada uma guerra aberta com os muçulmanos. E o trecho diz: expulsaram vocês? Expulse-os. Matou vocês? Mate-os. É aí que está o problema destes movimentos que usurpam os versículos: eles usam este versículo como se fosse escrito sobre hoje. Chegam na França, onde pessoas estavam se divertindo em um bar, em um restaurante, e detona uma bomba. 'Combato aquele povo', dizem. Mas eles são os idólatras de Meca? Que agressão aquelas pessoas fizeram para iniciar uma guerra? (Portal UOL – 07/01/2016)³⁶

Se, para os Xequês mencionados acima, o que há é uma deturpação da mensagem do Alcorão pelos integrantes de grupos extremistas islâmicos, para nós, analistas de discurso, o que há é uma interpretação possível sobre o Alcorão realizada pelos participantes do grupo Estado Islâmico. A aferição de sentidos às palavras do Alcorão se dá a partir da Formação Discursiva na qual esses sujeitos se inscrevem (que não é a mesma da FD do Islamismo, como mencionamos no quadro da página 58) e pela relação deste discurso com discursos outros, que irão significar diferentemente. Dessa maneira, uma mesma

³⁶ Disponível em <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radicais-islamicos.htm>. Acesso em 15/10/2016 as 04:34

palavra pode ter sentidos diferentes, pois os sujeitos estão inscritos em Formações Discursivas diferentes e interpretam o sentido também de forma diferente.

Dessa forma, consideramos que o lugar de onde se diz é constitutivo do que se diz (inscrição em uma FD), retomamos a noção da forma-sujeito pelas modalidades de identificação. No caso de nosso trabalho, analisamos discursivamente a identificação/desidentificação/contraindificação dos sujeitos inscritos na FD do Estado Islâmico de forma a analisar suas práticas. Recortamos as designações que os integrantes do EI utilizam para tratar de si mesmos, sendo elas “fiéis soldados do Califado; irmãos; mártires; jovens que se afastaram da vida mundana”.

A designação “fiéis soldados do Califado” faz ressoar um discurso de guerra, pela interpretação que soldado é aquele que se insere em um grupo (exército) para lutar contra o inimigo. A fidelidade presente na relação dos soldados também é mencionada, fazendo ressoar o discurso da retaguarda em momentos de luta: a ideia é que um soldado sempre tenha a retaguarda do outro, de forma que nenhum ficará desprotegido enquanto essa máxima for mantida. O Califado, por sua vez, constitui o lugar que pode ser analogicamente comparado ao lugar de retorno depois de uma batalha, o lugar seguro, a sua moradia. Diante de todos esses fatores, analisamos que a expressão “fiéis soldados do Califado” também possui relação de sentidos com o discurso familiar, posto que os mesmos também se identificam como “irmãos”.

Já a designação “mártires” faz ressoar o discurso religioso advindo da Formação Discursiva do Estado Islâmico, uma vez que os “fiéis soldados do Califado” estão dispostos a dar a própria vida em prol daquilo que acreditam ser o correto, ou ainda, em prol da ideologia ao qual são interpelados em sujeitos. A identificação com essa ideologia é plena, ou seja, é o “bom-sujeito”, aquele que não se contrapõe nem indaga sobre os discursos produzidos, aceitando e reproduzindo os discursos provenientes da FD a qual está inscrito.

Também analisamos a designação “jovens que se afastaram da vida mundana” em um contraponto explícito com os jovens que vivem de forma mundana (de acordo com a interpretação dos integrantes do Estado Islâmico) ou

seja, de acordo com as possibilidades do mundo e não de acordo com a vontade de Allah, o qual espera que o sujeito aja de determinadas formas que estão escritas no Alcorão (tais como rezar seis vezes ao dia, disseminar a crença do Islã e tantas outras). Portanto, aí ressoa novamente o discurso religioso, pautado nos preceitos do Islamismo. Os “jovens mundanos” inserem-se em outra FD se comparados aos sujeitos inscritos na FD do Estado Islâmico e, por isso, são condenados à morte e ao sofrimento como ocorreu nos ataques coordenados de Paris.

Esses “jovens mundanos” também são tratados pelos sujeitos do Estado Islâmico como inimigos, pagãos ou descrentes. A primeira designação está na mesma relação de sentidos que “fieis soldados do Califado”, uma vez que faz ressoar o discurso de guerra e, se há guerra, há lados opostos. Portanto, há também um inimigo. Já a designação “pagãos” faz ressoar novamente o discurso religioso que referencia o contraponto entre os islâmicos (que, portanto, possuem uma religião doutrinadora de vida) e os pagãos que não são batizados e/ou não tem uma religião e, por isso, são indignos da vida (pois não idolatram Allah). A mesma relação de sentidos se dá com a designação “descrentes”.

Por serem “descrentes”, não possuem limitação da ocupação de lugares, ou seja, podem frequentar qualquer lugar sem infringir as regras de determinadas religiões. O espaço urbano de Paris, que abriga também bares, casas de show e estádios de futebol foi designado pelo EI como “capital da prostituição e do vício; maior mensageira da Cruz na Europa; festa idólatra e perversa³⁷”. Os preceitos de liberdade, de ir-e-vir, tão difundidos e assegurados por lei no Ocidente, são práticas contrárias ao do Oriente Médio, onde a prostituição e o vício são fortemente julgados por constituir desvio de conduta moral. Na FD do Islamismo, a vida deve ser voltada à Allah e não aos prazeres mundanos. Por isso, a “festa idólatra e perversa” possui o mesmo funcionamento que “capital da prostituição e do vício”, uma vez que os sujeitos inscritos na FD do Estado Islâmico consideram as duas expressões com o mesmo sentido, o de desvirtuamento da vida/religião.

³⁷ Essa última expressão é referente à casa de shows Bataclan e não à Paris ou à França.

Já a expressão “maior mensageira da Cruz na Europa” faz ressoar o discurso religioso do Cristianismo que possui longa relação com o Islamismo na Europa. Como já dito no capítulo I, deste trabalho, são essas as maiores religiões do mundo em número de adeptos. Pelo o que faz ressoar da História, temos vários acontecimentos de guerra entre o Cristianismo e o Islamismo, tal qual as Cruzadas que começaram no século IX. Nesse ponto, há relação direta com as designações utilizadas para tratar dos acontecimentos, como “batalha abençoada; terror no coração dos Cruzados; ataques simultâneos; alvos escolhidos”.

A designação “batalha abençoada” ainda faz ressoar o discurso religioso, posto que, para os sujeitos do EI, ainda há uma forte contraposição dos saberes do Cristianismo e dos saberes do Islamismo de forma que, para eles, o Islã deveria ser a única religião do mundo³⁸ e, por isso, Allah os abençoa nessa guerra travada contra “infiéis” por “soldados do Califado”. Dessa forma, analisamos que o EI interpreta os acontecimentos como uma guerra, o que, discursivamente, entendemos ser uma contraposição de saberes dentro de FD’s diferentes. Por isso, também fazem uso das designações “ataques simultâneos” e “alvos escolhidos”, como se houvesse uma estratégia de guerra que os permitisse agir dessa forma.

Materialidade 2: Portal G1 (Brasil)

Estado Islâmico reivindica **ataques** em Paris que mataram mais de 129

Comunicado afirma que ataques foram “cuidadosamente estudados”. Mais de 129 pessoas morreram na capital francesa nesta sexta-feira (13).

Diferentemente dos discursos produzidos pelo grupo Estado Islâmico (que é inscrito em uma FD que legitima suas práticas violentas de acordo com os discursos presentes no Alcorão) a mídia Ocidental está inscrita em outra FD que

³⁸ A título de lembrança, o discurso sobre quem são os “infiéis” retorna sob a forma de “inimigos” e “descrentes”, conforme o Estado Islâmico interpreta.

regula outros sentidos. Dessa forma, os discursos produzidos pela mídia inscrita na FD Ocidental causam o efeito de sentido de condenação dos atos protagonizados por grupos extremistas, como são designados os grupos que possuem relação com o terrorismo, ou seja, com a legitimação em suas variadas instâncias (política, econômica, ideológica e outras) pelo medo e pela violência. Por isso, designam os acontecimentos de ataques, ataques terroristas, atentados e massacre brutal (que foram utilizadas 10 vezes nos nove portais recortados neste trabalho para tratar sobre o acontecimento em Paris).

O emprego dessas designações produz, ainda, o efeito de sentido de que esses acontecimentos não são legítimos, pois, pela ideologia ocidental que interpela os jornalistas responsáveis por escrever as matérias recortadas, o uso da violência é inadmissível, ainda mais se houver mortes. O discurso jurídico (a morte de um sujeito provocada por outro sujeito é interpretada como crime) atravessa os discursos produzidos pelos meios de comunicação ocidental ao condenar os acontecimentos, juntamente com o discurso religioso cristão que, no sexto mandamento ordena: não matarás.

Em relação ao funcionamento do discurso *sobre*, vale destacar que essa atualidade sustenta-se e se ancora, para significar como terrorismo e como crime, nos mandamentos que vem de dois lugares diferentes, o da formação discursiva Ocidental e o da formação discursiva do Oriente Médio. Pela primeira, ressoa um discurso *de* (como memória) relacionado ao sexto mandamento dos Cristãos, fazendo com que seja significado como criminoso e pecador, aquele que infringe essa “lei”. Já pela segunda, ressoa Maomé e a relação com o matar a partir de determinadas condições de produção, ou seja, matar quando necessário não é crime. Instaura-se, nesse espaço, o que Zandwais (2008) chama de antagonismo, ou seja, duas formações discursivas que se contrapõem e movimentam os sentidos sociais na formação social.

Materialidade 3: Portal Le Monde (França) – tradução livre

Ataques de Paris: quem são os autores dos atentados
--

Sete **terroristas**, divididos em três **equipes coordenadas**, conduziram **os ataques sangrentos** que enlutaram a França.

O portal Le Monde, na França, produz seus discursos na posição-sujeito de quem sofreu os ataques/atentados. Dessa forma, condiciona-se e se inscreve como vítima ao inscrever-se na FD Ocidental que condena os assassinatos, tanto pelo discurso jurídico quanto religioso, como já mencionado acima. Assim, sujeitos do Ocidente antagonizam-se com a formação discursiva do Oriente Médio, para os quais matar não é crime, e sim, antes de tudo, um modo de agradar *Allah* e erradicar o mal da terra. Para tanto, também designa o acontecimento como um ataque direto à instância jurídica da nação, fazendo ressoar o discurso de Liberté, Égalité, Fraternité³⁹, máxima da Revolução Francesa (1789-1799) que ficou conhecida após ser empregada como um *slogan* do renascimento francês.

Os franceses tinham suas liberdades (política, de credo, de expressão, entre outras) asseguradas e eram considerados todos iguais perante a justiça (sem distinção de raça, cor ou credo), significados como irmãos e sem relações hierárquicas. Com o ataque do dia 13 de novembro de 2015 à Paris, a Liberdade, tão prezada pelos franceses por conta do *slogan*, ficou cerceada. Para tratar dos responsáveis pelos ataques, designou esses sujeitos de terroristas, com o que ressoa no fio do discurso, efeitos de sentidos de violência, de medo e de terror. Dessa forma, produzindo, também, efeitos de sentido de barbárie, retornando pelo funcionamento do discurso *de*, memórias que sustentam os terroristas como sujeitos praticam atos cruéis como forma de chocar o mundo. Esse efeito de sentido pode ser reafirmado pela expressão “ataques sangrentos”, que também foi utilizada na linha fina da matéria.

Pela designação “equipe coordenada” ressoa um discurso que constitui o efeito de sentido de que esses sujeitos não possuem Liberdade, Igualdade e Fraternidade, porque sempre são subjetivados seja pelo livro sagrado, seja pela comunidade ou pela família. Os sujeitos que atacam são designados de

³⁹ Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

terroristas e se contraidentificam à formação discursiva cristã que se estrutura em torno do mandamento que proíbe matar e quem o faz inscreve-se na formação social como criminoso. Com isso, configura-se o funcionamento de um mundo civilizado – que não mata – e um mundo não é civilizado – que justifica e naturaliza a violência pela religião.

Materialidade 4: Portal BBC (Inglaterra) – tradução livre

Ataques de Paris: Estado Islâmico reivindica responsabilidade

O grupo autodenominado Estado Islâmico disse que foi responsável pela onda de tiros e bombas suicidas em Paris que mataram pelo menos 130 pessoas (...)

A BBC, uma das maiores empresas de comunicação do mundo, também reportou aos acontecimentos de Paris como ataques. A Inglaterra, país sede da empresa, possui fortes ligações diplomáticas com a França. Ambas inscrevem-se na Formação Discursiva Ocidental que condena os ataques, fazendo com que ressoe os discursos jurídicos e religiosos, ainda que a Inglaterra seja berço do Protestantismo. Os efeitos de sentidos de extremismo no acontecimento são reforçados pelo detalhamento do número de pessoas mortas, causando perplexidade aos leitores pela ostensiva ação dos terroristas.

O discurso *sobre* a construção de sentidos entre atentados e massacres sustenta-se em memórias centradas na violência, que se debatem entre atentados e massacres. De qualquer forma, trata-se da constituição de redes parafrásticas, funcionando em uma ordem de progresso, já que a designação atentado não significa a violência tão divulgada pela mídia. Atentar pode ressoar como provocação, enquanto massacre vai ressoar como destruição, como maldade pura, em que o sujeito mata porque é atacado no que ele “*pensa*” ser seus direitos. Trata-se do funcionamento do imaginário em que o sujeito se representa e representa o outro como inimigo a ser combatido, destruído. De qualquer forma, nesse discurso, há, também, apagamentos e silenciamentos, pois no discurso não é dada visibilidade às práticas protagonizadas pelos

Ocidentais. É apagado o racismo, o preconceito e negado o direito de ser cidadão.

A homogeneidade e a saturação, nesse discurso, ancoram-se em uma memória sustentada pela ideologia do branqueamento, o que significa dizer que as pessoas com características físicas diferentes, como é o caso dos islâmicos, são sempre criminosos. De qualquer forma, reivindicar responsabilidade é querer significar-se como estar fazendo uma grande obra, que é matar e ferir, reforçando o discurso do ódio.

Materialidade 5: Portal El País (Espanha)

Terroristas agiram em Paris com três **equipes** muito coordenadas

Cinco foram detidos em operações na Bélgica ligadas aos **atentados** da capital francesa

O portal de notícias El País mobilizou a designação atentados para referir aos acontecimentos em Paris. A diferença da designação com os portais de notícia anteriores sinaliza para o fato de as palavras não ‘carregarem’ sentidos, mas de inscreverem os sujeitos em determinadas formações discursivas, significando o sentido das palavras, como destaca Pêcheux (2010) não é literal, mas relacionada às condições de produção em que elas são produzidas/reproduzidas.

A designação ataques faz ressoar efeitos de sentidos em torno do ato violento e planejado e, os sujeitos atacados são vítimas indefesas e inocentes. Com isso são apagados os “ataques” que o mundo Ocidental pode estar praticando contra esses povos e que não noticiados pela mídia. A palavra “ataque” inscreve o acontecimento em redes de memória relacionadas à traição, do não avisado, do desejo de tomar de assalto. Quando há ataque, há o lado do que ataca e é o contraventor, o violento e as vítimas.

Com esse modo de mobilizar e dar visibilidade a notícia, a mídia transforma o acontecimento enunciativo em acontecimento discursivo pelo direcionamento que dá aos fatos e aos sujeitos. Ela mostra dois lados, dentre

muitos outros, em que um é mais fraco e o outro o mais forte. Trata-se do dominador e do dominado. Da bárbarie contra a civilização - o terrorista em ação.

Os ataques e atentados fazem ressoar o sentido violência planejada, visto que os que a praticam estão em equipes, ressoando a organização, em que há os que pensam, organizam e há os que colocam a mão na ‘massa’, que estão sempre no espaço da violência, constituindo-se como uma espécie de “marionetes”. Sendo assim, os que estão no campo de batalha sabem que vão morrer, mas ao mesmo tempo ‘acreditam’ na importância de morrer e matar aqueles que não seguem o que eles consideram legítimo a partir das ideologias funcionamento em suas ‘comunidades’, nas quais, como destaca Orlandi (2010) há uma lei praticada e que não pode ser alterada ou modificada. Trata-se de estar “no lado certo da vida errada”, como diz Orlandi.

Os efeitos de sentido produzidos por essa designação são de um grupo organizado e dividido nos sujeitos que “pensam” e mandam e os que obedecem, sem questionar. Há um simulacro de sintonia, de acordo, de aceitação, reproduzindo uma sociedade dividida. Dessa forma, os sentidos deslizam para a interpretação de que os atos foram premeditados e estudados, causando o efeito de frieza psicológica dos envolvidos.

Materialidade 6: Portal Clarín (Argentina) – tradução livre

Ataques simultâneos em Paris: ao menos 158 mortos e dezenas de feridos

Um **homem** disparou contra um restaurante. Nos arredores do Stade de France, onde jogavam França e Alemanha, explodiram bombas. Além disso, existem dezenas de mortes na sequência de uma tomada de reféns em um teatro.

O portal argentino Clarín, assim como os demais veículos midiáticos, por inscreverem-se na formação discursiva ocidental, tal qual os atacados, também tratou o acontecimento como um ataque, fazendo ressoar efeitos de sentidos de barbárie. Entretanto, não se referiu aos protagonistas como terroristas ou

combatentes, mas como “um homem”. O artigo indefinido que antecede o substantivo torna anônimo o autor do ataque, deixando em suspenso a autoria, ou seja, a filiação do atentado ao Estado Islâmico. Esse jornalista, apesar de também estar inscrito na FD Ocidental, ocupa a posição-sujeito de um profissional que não imputa imediatamente aos extremistas islâmicos a responsabilidade pelo que chama de “ataque”.

Essa posição-sujeito, mais ponderada, instaura a contradição, sinalizando que dentro de uma mesma FD os sujeitos podem ocupar distintas posições-sujeitos contrapondo-se à maioria, especialmente, em relação a essa notícia. O portal, mesmo filiando-se na mesma rede que os demais veículos, distancia-se buscando assumir posicionamento mais crítico. Não se trata de desidentificar-se à FD Ocidental, mas distanciar-se, buscando a neutralidade da notícia, que tem como consequência a credibilidade.

A análise discursiva aponta para a possibilidade de duas ou mais interpretações do mesmo acontecimento, que resultam do modo como o veículo notícia. De um lado, como já dissemos, ressoa o distanciamento e a contraidentificação decorrente do fato de o portal de notícias não filiar o sujeito que produz o ataque ao Estado Islâmico. De outro lado, constitui-se outro o efeito de fragmentação, pois “um homem” ataca e, “simultaneamente” ocorrem outros ataques em Paris e isso pode significar “outros” homens com a mesma motivação atacando também, indicando a sequencialização dada pelo efeito de poder estar em diferentes lugares mostrando a força da equipe e da organização. Essa mesma organização está ausente na formação discursiva Ocidental, dos parisienses, vítimas desses atentados. Outro efeito latente aí é de que os que sofrem os ataques são menos organizados.

Materialidade 7: Portal Al Jazeera – tradução livre

Combatentes do Estado Islâmico não são os novos assassinos

O pertinente debate sobre o Estado Islâmico continuará e o passado será usado como uma muleta conveniente.

O portal Al-Jazeera difere dos demais portais recortados para análise por não estar inscrito na FD Ocidental, mas sim, na FD do Islamismo por ser de origem islâmica (Emirados Árabes). Foi nessa região que o fundamentalismo islâmico surgiu, sendo o Wahabismo considerado por muitos como a origem dos movimentos extremistas islâmicos. Isso se deve ao fato de que esta corrente de pensamento prega a purificação do Islã desde o século XVIII, podendo também ser descrito como um movimento ultraconservador e ortodoxo. Suas raízes remetem a Muhammad ibn al-Wahhab, que começou suas pregações em território saudita, mas sofreu repressões da população e de líderes religiosos. Por esse motivo, mudou-se para *Wahhab Derayia*, em que conseguiu unir forças políticas e religiosas com Muhammad Ibn Saud, fundador da dinastia que hoje governa a Arábia Saudita.

Essa ligação trouxe ao movimento as características necessárias para que se fortalecesse e se espalhasse gradualmente. Com este acordo, foram firmadas as bases da religião: Ibn Saud se comprometeu a apoiar al-Wahhab política e militarmente, enquanto este daria a Ibn Saud legitimidade religiosa. Dessa forma, impunham a prática religiosa de maneira como desejavam, incluindo a obrigação de ir à mesquita cinco vezes por dia para orar.

No final do século XVIII, o Wahabismo controlava praticamente toda a Península Árabe e se constitui hoje como a religião oficial da Arábia Saudita. De acordo com Madawi al Rasheed⁴⁰, a ligação entre o movimento e o Estado é intrínseca, já que um novo acordo em 1932 com os descendentes de Ibn Saud permitiu poder suficiente para que a Arábia Saudita fosse fundada.

A designação combatente redireciona, pela memória do dizer, os efeitos de sentidos em torno dos islâmicos, encaminhando para redes de memória ligadas à luta, à defesa de direito, ao combate, que por sua vez possibilita uma nova rede de sentidos sustentada por “não são os novos assassinos”, fazendo retornar outras “guerras santas”, pelas quais o combate se legitima e matar não é assassinar.

⁴⁰ Professora saudita de Antropologia e Religião na *London School of Economics* e autora de vários livros sobre a Arábia Saudita

Essa designação sustenta-se na filiação de sujeitos e na instauração de sentidos relacionados a sujeitos, à historicidade e às suas práticas. O portal de notícias em tela não se inscreve na FD Ocidental, mas como veículo de comunicação, que designa os islâmicos de combatentes, contraidentifica-se à posição-sujeito dos veículos mediáticos, que tomam posição, mas a posição assumida mascara a identificação. Trata-se de um “como se”, de um simulacro, referendando, ainda uma vez que as palavras filiam-se a domínios de memória e sustentam-se em discursos de, como memória, que legitimam o dizer.

Materialidade 8: Portal Al-bawaba – tradução livre

Estado Islâmico reivindica a responsabilidade sobre os atentados de Paris

A materialidade 8 significa e constitui redes de memória pela palavra “reivindica”, pela qual ressoa a luta por alguma coisa. Reivindicar a responsabilidade por matar, por atacar e por ser terrorista parece crueldade e instaura o equívoco em torno da rede de memórias decorrentes da relação terror X atentado X morte X violência.

A reivindicação e o desejo de assumir o acontecimento enunciativo do ataque mostra que o Estado Islâmico sustenta o imaginário de extremista nesses acontecimentos de violência que dão visibilidade a eles. Outro efeito que pode ser considerado é o de que mesmo que o “ataque” não tenha origem no grupo ou na “equipe coordenada” pelo grupo extremista, eles reivindicam a autoria, a responsabilidade. Vale destacar que a palavra responsabilidade perde a carga semântica e o valor jurídico que ela tem na formação social, tendo em vista que a violência sendo imputada a extremistas, a um grupo e não a indivíduos traz como resultado a impunidade e de quebra dá visibilidade aos grupos filiados à formação discursiva do Oriente Médio.

Com isso, mais uma vez recorreremos a Pêcheux (2010) para destacar que as palavras fazem sentido em relação às condições de produção e aos sujeitos com os quais elas entram em conjunção, filiando-se a domínios e criando

espaços de memórias. Quando dissemos que há um discurso *de* que sustenta o discurso *sobre*, - o intradiscurso - pensamos nos processos discursivos, constituídos pelos discursos e memórias que fazem sentido em determinadas formações sociais e não outras e para sujeitos, dependendo de suas filiações. Com isso, registramos que a memória e a atualidade são indissociáveis, inseparáveis, como destaca Venturini (2009) quando grafa a rememoração (discurso *de*) e a comemoração (atualidade) juntas, mostrando que o interdiscurso – lugar em que estão todos os saberes - e a atualidade, significam pela memória discursiva, na qual, segundo o que diz Venturini (*idem*) o discurso estabelece relação com a Formação Discursiva, mais pontualmente, a dependência dos sujeitos ao que ele pode/deve dizer a partir de suas filiações, como preconiza Pêcheux (2010).

Materialidade 9: Portal WN (Síria) – tradução livre

Ataques de Paris: Um dos **terroristas** que conduziu o **massacre brutal** pode ter entrado na Europa (...)

Nas materialidades analisadas anteriormente, pensamos o ataque como um movimento relacionado à traição e o terror construindo redes que encaminham para a barbárie. No entanto, na materialidade em tela, “ataque” funciona junto a “terrorista”, antecedido pelo artigo indefinido “um”, que não particulariza, não filia, não identifica, muito pelo contrário, torna anônimo o sujeito e a responsabilidade pelo acontecimento, como se viu na materialidade seis, em que o Estado Islâmico reivindica a responsabilidade.

Queremos sublinhar com esse retorno a uma materialidade anterior, que um texto reivindica e reclama outro para significar e que os sujeitos não leem um texto como um fragmento, mas como “um bólido de sentidos”, conforme destaca Orlandi (2007), em sua definição de texto, ressaltando que este encaminha para discursos. Naquela materialidade (a seis) o Estado Islâmico “reivindica” a responsabilidade e nessa reivindicação o UM significa o grupo, o Estado, que se pretende Nação.

Esse Um não é o combatente, como se o designou o veículo que não os vê/significa como “novos assassinos”. Ele é o que destrói e esse efeito se constitui pela designação “massacre brutal”, que instaura uma nova rede de sentidos, não mais relacionada à traição, nem à barbárie, mas à brutalidade que não deixa somente feridos, mas rastros de destruição, possibilitando a constituição de redes de memórias em torno da destruição.

Materialidade 10: Portal Deutsch Welle (Alemanha) – tradução livre

Ataques de Paris – atualizações ao vivo

Pelo menos 129 pessoas foram mortas em um cinturão de **ataques terroristas** em Paris. O presidente francês François Hollande declarou estado de emergência, mobilizou tropas e fechou fronteiras.

Na materialidade dez, a designação “ataques”, no plural, constitui redes em torno de uma cidade tomada pela violência. Esse efeito resulta da relação emergência x tropas x fechar fronteiras que encaminha para um estado de guerra, de isolamento do mundo, de um Estado com medo do que vem de fora, pois “fecha fronteiras”.

Outro efeito de sentido bastante forte é de que Paris é o alvo e sintetiza o algoz e a vítima. Algoz porque parece impossível que “inocentes” sejam tão violentamente atacados, ressoando que “algo” eles fizeram e que o massacre é a materialização de uma vingança. Como memória, ressoa também, o apagamento de um antes, parecendo impossível que não haja uma motivação, uma razão para a destruição. Há, também, um discurso *de* funcionando e que filia Paris ao mundo como a cidade luz, o berço da civilização, sinalizando que, massacrando Paris, que tem sido colocada como o lado oposto da barbárie, “um terrorista” representa imaginariamente a não-civilização, significado como Estado Islâmico.

Pelo enunciado “estado de emergência”, a memória que ressoa é de um acidente impossível de ser evitado, de perigo advindo de um inimigo que não pode ser combatido. O Estado de emergência reclama calamidade e essa

sintetiza o massacre, a destruição. Enfim, mobilizar tropas significa declarar guerra. Diante disso, ficam as questões: guerra contra quem? Contra “um” terrorista? Ou ao que esse “um” representa pelas memórias que ressoam em torno daqueles que “morrem” pelo que reivindicam e representam no “um” o Estado/Nação?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recentes ondas migratórias de refugiados políticos do Oriente Médio e o aumento do número de atentados terroristas na Europa desde 2015 reacenderam o debate em torno do discurso *sobre* o Islamismo. A retomada histórica em torno do Estado Islâmico/Islamismo mostra que há uma forte relação da França com a religião. Atualmente, o país abriga o maior número de muçulmanos que reside fora de países de maioria islâmica. De acordo com Peter Demant (2015, p.169), aproximadamente um quarto dos 1,3 bilhão de muçulmanos vive hoje sob regimes não muçulmanos.

Enquanto subjetivados pelo Estado, os sujeitos se encontram inseridos na Mundialização/Globalização, ou seja, inscritos no que (ORLANDI, 2007, p.04) define como “uma ideologia (o liberalismo), uma moeda (o dólar), um instrumento (o capitalismo), um sistema político (a democracia) e uma língua (o inglês). Entendemos as diferentes formas de individuação do sujeito enquanto ser simbólico, clamando por sentidos e inserindo-se no que a mesma autora (2010, p. 14) denomina como “tópica cívica”: lugares/espços de significação “que fazem com que os sujeitos se constituam, se individuem, se identifiquem, tomando suas posições-sujeito sociais”. Ou seja, são lugares onde a presença/falha do Estado se mostra e o indivíduo tem a possibilidade de romper com a estrutura jurídica/política/administrativa que o interpela, não mais se identificando com a ideologia que o afeta.

Ao romper com essa formação social, o sujeito passa de subjetivado pela Mundialização/Globalização e insere-se em Comunidades, ou seja, o sujeito passa a ser interpelado por outra ideologia ao se inscrever em outra FD, produzindo outros discursos que são regulados também pela “nova” ideologia que o afeta. No caso específico de nosso trabalho, constatamos que a falta de políticas públicas de integração dos muçulmanos à sociedade francesa gerou uma ruptura nas formas de identificação desse sujeito, que se deslocou da FD

Ocidental para se inserir na Comunidade que é o Estado Islâmico, onde as leis que regem esses espaços são próprias do grupo.

Entendemos que este grupo do Oriente Médio se contrapõe ao Ocidente e, por isso, realiza seus atos nesta região. A ideologia que perpassa essa doutrina do Islã (extremismo islâmico) é de que esta deve ser a única religião do mundo e que todos aqueles que não a praticam são infiéis e impuros. Para colocar em prática esses princípios, instauram o terror e o medo na população mundial. Interpretamos que o objetivo desses grupos é atingir o maior número de sujeitos e de forma mais chocante possível.

A violência vinda do Estado Islâmico – Oriente Médio – se repete, constituindo uma quase normalidade. Por esse fator, ressoa uma representação imaginária em torno dos muçulmanos como sujeitos afeitos à violência, tendo em vista os inúmeros ataques praticados em pouco mais de duas décadas, fomentando a discussão em torno de políticas públicas direcionadas a refugiados em países que já possuem uma relação nem sempre amistosa com os muçulmanos.

Dessa maneira, a formação imaginária trabalha discursivamente os estereótipos da população muçulmana. Basta um homem, com traços físicos típicos árabes (ou seja, com grande chance de ser muçulmano), adentrar em uma plataforma de trens na Europa, para o imaginário entrar em funcionamento o discurso do “Este aí pode ser terrorista” ser produzido. O imaginário de que todo muçulmano é terrorista instaura uma falácia. Há sim, grupos extremistas islâmicos que se pautam na religião, mas não a representam. O que ocorre, é um imaginário segundo o qual um é a mesma coisa que o outro, ou seja, que todo muçulmano participa de algum grupo extremista. Essa construção ideológica reforça a xenofobia e até mesmo a islamofobia (conjunto de atitudes negativas frente ao Islã) – lembrando que a ideologia é da ordem da *práxis*, ou seja, se apresenta/materializa em atitudes efetivas na formação social vigente.

Desse modo, o panorama que se apresenta é de que a Formação Discursiva do Islamismo comporta várias outras vertentes, dentre elas, grupos terroristas que são responsáveis por inúmeros atentados desde a década de 70. Ou seja, o imaginário que circunda o Islamismo como sendo a religião do terror

é incoerente, uma vez que uma pequena parcela dos que compartilham a crença muçulmana é que é responsável pela contestação/resistência dentro desta doutrina religiosa, não correspondendo aos bons preceitos do Islamismo.

Consideramos, também, que a Formação Discursiva dominante do Islamismo não é homogênea ideologicamente. Ela é porosa e busca constituir efeitos de homogeneidade pelo discurso autoritário que se sustenta no Alcorão, o qual determina o comportamento dos sujeitos que se inscrevem nessa Formação Discursiva. Um dos discursos que dá legitimidade ao discurso do Alcorão e sustenta a sua pretensa “verdade”, no que tange ao surgimento da religião com as aparições do anjo Gabriel ao Profeta Maomé, é aceito pelos sujeitos dessa formação discursiva, independentemente da posição-sujeito que ocupam.

Diante dessas condições de produção, buscamos responder a questão: como no discurso *sobre* atentados e massacres a mídia constrói efeitos de verdade e de legitimidade que homogeneízam sujeitos e sentidos? Para responder essa pergunta buscamos construir arquivo, por meio da internet, pelo enunciado “Paris 13 de novembro” do qual resultou 860 mil links. Diante desses links recortamos o corpus, que nos possibilitasse verificar como a mídia constrói efeitos de sentidos. Vale destacar que entendíamos que a designação, o modo de representar era um dos modos de construir efeitos de verdade, especialmente entre atentados e massacres, haja vista a distância semântica entre uma nominalização – designação – e outra. Um dos fios condutores do dispositivo teórico deu-se pelo funcionamento da memória, pois entendemos que os efeitos se constituem a partir de memórias e discursos que se atravessam e ancoram o dizer/falar *sobre*, por meio de um discurso *de*, que sustenta, ancora e legitima o dizer.

As análises e os fundamentos teóricos que as ancoram permitem-nos concluir que a mídia e os discursos *sobre* fazem circular discursos advindos do Ocidente e instauram efeitos de sentidos de intolerância, extremismo religioso e rejeição dos valores ocidentais como a Liberdade, ao mobilizar designações como “terroristas; ataques; massacre” e outros (como explicitado em nossa seção analítica). As designações significam e constituem efeitos pelo que ressoa

como memória e se constitui como a contraparte do discurso sobre, que é o discurso de, enquanto memória que comporta a repetição, as relações parafrásticas e que funcionando a partir de um interdiscurso, o eixo da constituição que pode ser pensando a partir de Saussure (eixo paradigmático), o das seleções.

No que concerne ao funcionamento da memória dado pelo discurso *de/sobre* e a memória metálica importa retomar os sentidos das palavras, como relação com a memória, com a filiação de sujeitos a formações discursivas que determinam o dizer e, também o não-dizer. Em relação aos acontecimentos de violência, a palavra 'assassinato' talvez não seja a melhor palavra para nomear essas mortes, tendo em vista que elas podem decorrer de uma prática de resistência, que do ponto de vista dos islâmicos, se legitima a partir de discursos nem sempre conhecidos. A formação discursiva em que se filiam os sujeitos-islâmicos-radicais permite/autoriza que eles desencadeiem acontecimentos que chocam o mundo, mas não choca a eles, posto que a morte violenta dos que não coadunam com as suas práticas torna-se 'normal/natural'.

Dessa maneira, o comunicado oficial do EI encaminha para efeitos de sentido de libertinagem ocidental. Para os extremistas islâmicos no Oriente Médio, as práticas de violência legitimam-se no que eles entendem por falta de submissão a *Allah*, que resulta na falta de fé e de inversão dos valores diante da religião. Os sujeitos do mundo Ocidental, segundo os islâmicos radicais (tais como os sujeitos do Estado Islâmico), são infiéis e devem ser punidos.

O que nos chama a atenção no discurso *sobre* na/da constituição de efeitos de sentidos entre atentados e massacres é o fato de que, pelo imaginário que circula sobre os muçulmanos, a mídia tem homogeneizado o discurso tomando todos por uma parte, separando de forma estanque o Ocidente e o Oriente Médio. Por meio disso, a mídia constrói um discurso de igualdade, em que todos os que vivem no Oriente Médio são extremistas.

Essa homogeneidade constrói evidências de que o sentido está sempre posto, apagando, com isso, o trabalho da língua na história e, especialmente, os sujeitos em suas divisões, diferenças e filiações ideológicas, sociais e históricas. Dessa maneira, afirmamos que a realização da dissertação permitiu ver que a

mídia direciona os acontecimentos e homogeneiza os sentidos, simulando que o sentido é sempre apenas um e que os sujeitos não são divididos. Esses direcionamentos resultam do trabalho da língua na história e, também da ideologia, na constituição de evidências de verdade e de idoneidade.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafio para o século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CAZARIN, E. **Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula**. Ijuí, RS: Editora UNIJUI, 2005.

_____. **A migração do discurso de Lula de uma pessoa para outra posição-sujeito**. Revista Cadernos de Letras da UFF nº32, Letras&inforvias, p. 11-24, 2006

COURTINE, J.J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EduFSCar, 2009.

DIAS, Cristiane. **A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea: redes, memória e circulação**. Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia/ Giovanna G. Benedito Flores / Nádia Régia maffi Neckel / Solange Maria Leda Gallo (orgs.) Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2015.

HUNTINGTON, P. Samuel. **O choque de civilizações: e a recomposição da Ordem Mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. In: **Organon** – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Discurso, língua e memória. Porto Alegre, v.17, n.35, p 101-122. 2003.

_____. Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela? In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso** (2: 2005: Porto Alegre, RS) Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html> ISSN 2237-8146

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise de Discurso. In: MITTMAN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN,

E. A. (orgs.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p.9-33.

_____. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO FERREIRA, M.C. (orgs.). **Memória e história na/da análise de discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do Discurso**. (Re) ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 2003.

MANSUR, Alberto Jorge Simões. **Árabes: das origens à expansão**. Curitiba: Nova Didática, 2002

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islamista: o Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio**. Trad. Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Paráfrase e polissemia**. A fluidez nos limites do simbólico. Rua, São Paulo: Campinas. 4:9 -19, 1998.

_____. **Discurso e leitura**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Pontes, São Paulo, 2006

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

_____. **Historicidade, Indivíduo e Sociedade: O sujeito na contemporaneidade**. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso (3: 2007: Porto Alegre, RS) Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/3SEAD/ConferenciaMesaRedonda/EniPOrlandi.pdf>

_____. **Discurso e Política Públicas Urbanas - A fabricação do consenso**. Editora RG, 2010. São Paulo: Campinas.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2010.

_____. Os sentidos de uma Estátua: Fernão Dias, individuação e identidade Pousoalgrense. In: **Discurso, espaço, memória – caminhos da identidade no Sul de Minas**. ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). Campinas. Editora RG, 2011.

_____. **Discurso em análise:** sujeito, sentido e ideologia. 2ª ed. São Paulo/Campinas: Pontes, 2012.

_____. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Org. Françoise Gadet; trad. Bethania Mariani et al. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi – 5ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso.** Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4ª ed. São Paulo, Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69) In: GADET, F.; HAK, T.; (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad Bethania S.M... [et al] 4.ed., Campinas, SP: UNICAMP, 2010, p.59-158

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et. Al. **Papel da memória.** Tradução de José Horta Nunes, 3 ed. Campinas: Pontes, 2010.

PETRI, Verli. **De "garganta do diabo" para "ponte sobre o vale do menino Deus":** reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público. RUA: Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP. Campinas,, no. 16. Volume 1 – p.66-82, 2010. ISSN 1413-2109

_____. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do dispositivo do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli, DIAS, Cristiane. **Análise de Discurso em perspectiva:** teoria, método e análise. Santa Maria/RS: Ed. UFSM, 2013, p. 39-48.

PROTHERO, Stephen. **As grandes religiões do mundo.** Trad. Joel Macedo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SIVERIS, Daiane; RODRIGUES, Nina Rosa Licht; PETRI, Verli. Definição, descrição e nomeação em dicionários do século XIX. In: **IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso.** Porto Alegre: UFRS, 10 a 13 de novembro de 2009. Disponível em <http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/4SEAD/POSTERES/DaianeSiveris.pdf>

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano. Espaço de rememoração/comemoração.** RS, Passo Fundo: Editora UFP, 2009.

_____. Mídia, ruído e silêncio tumular na constituição contraditória da memória em curso/discurso. In; TASSO, Ismara, SILVA Érica (Orgs). **Lingua(gens) em Discurso.** A formação dos Objetos. Campinas/SP: Pontes Editora, 2015, p. 119-136.

ZANDWAIS, Ana. **Perspectivas da análise de discurso fundada por Michel Pêcheux na França:** uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-graduação, 2009.

<http://www.albawaba.com/loop/daesh-statement-claiming-responsibility-paris-attacks-768082>

<http://www.bbc.com/news/live/world-europe-34815972>

http://www.clarin.com/mundo/ataques-simultaneos-muertos-heridos-paris_0_HJH1wetD7x.html

<http://www.dw.com/en/paris-attacks-live-updates/a-18849192>

<http://www.dw.com/pt-br/proibi%C3%A7%C3%A3o-da-burca-segue-sendo-pol%C3%AAmica-na-fran%C3%A7a/a-19178841>

<http://www.dw.com/pt-br/zeitgeist-a-diferen%C3%A7a-entre-burca-niqab-e-hijab/a-19493813>

<https://noticias.gospelprime.com.br/islamismo-grupo-maior-crescimento/>

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radica-islamicos.htm>

http://istoe.com.br/426819_A+ARTE+E+MAIS+FORTE+QUE+A+INTOLERANCIA/

<http://www.dw.com/pt-br/proibi%C3%A7%C3%A3o-da-burca-segue-sendo-pol%C3%AAmica-na-fran%C3%A7a/a-19178841>

<http://www.dw.com/pt-br/zeitgeist-a-diferen%C3%A7a-entre-burca-niqab-e-hijab/a-19493813>

<http://www.dw.com/pt-br/zeitgeist-a-diferen%C3%A7a-entre-burca-niqab-e-hijab/a-19493813>

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_gch_opiniao_muculmanos_ei

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150105_estadoislamico_estados_hb

<http://youtube.com/watch?v=AUjHb4C7b94>

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radicaais-islamicos.htm>

http://istoe.com.br/426819_A+ARTE+E+MAIS+FORTE+QUE+A+INTOLERANCIA+/

<http://youtube.com/watch?v=AUjHb4C7b94>

<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radicaais-islamicos.htm>

<https://timedecristo.wordpress.com/2010/05/21/as-cruzadas-resposta-contra-invasoes-muculmanas/>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/entenda-diferencas-e-semelhancas-entre-al-qaeda-e-estado-islamico.html>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/estado-islamico-reivindica-ataques-em-paris.html>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/veja-de-onde-sao-e-por-onde-andam-os-suspeitos-dos-ataques-de-paris.html>

<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2015/11/isil-fighters-assassins-151124063217604.html>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/tiroteios-e-explosoes-sao-registrados-em-paris-diz-imprensa.html>

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/tiroteios-e-explosoes-sao-registrados-em-paris-diz-imprensa.html>

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/14/internacional/1447523922_921630.html

http://www.lemonde.fr/attaques-a-paris/article/2015/11/14/ce-que-l-on-sait-des-auteurs-des-attentats-des-paris_4810183_4809495.html

https://article.wn.com/view/2015/11/14/Paris_attacks_One_of_the_terrorists_who_carried_out_brutal_m/

<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2016/01/07/como-o-alcorao-e-manipulado-para-justificar-o-terrorismo-de-radicaais-islamicos.htm>

<http://www.pewforum.org/2016/06/23/trends-in-global-restrictions-on-religion/>

<http://www.veja.abril.com.br/noticia/mundo/islamismo-e-a-religiao-que-mais-deve-crescer-nas-proximas-decadas>